3 1761 06568041 5

BRIEF
FC
0036392

PURCHASED FOR THE

University of Toronto Library

BY

Brascan
LIMITED

FOR THE SUPPORT OF

Brazilian Studies

(Veiu os retratos (V. notas á margem do índice).

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS.

Mendonça, Salvador n

Pontes, Lucio n

Dias, Victor n

BRIFF
Fc
0036392

SS. AA. IMPERIAL E REAL O SR. CONDE D'EU
E O SR. DUQUE DE SAXE.

LIBRARY
MAY 7 1980
UNIVERSITY OF WYOMING

SS. AA. IMPERIAL E REAL O SR. CONDE D'EU E O SR. DUQUE DE SAXE.

Aos Principes, que, deixando os desvelos de suas Serenissimas Esposas, partiram — um em companhia de seu Augusto Sogro, outro apenas desembarcado da Europa;

Aos Principes, que se foram expor aos azares da guerra, e, como bons brasileiros, defender a sua patria adoptiva;

Aos Principes, que sabem assim consorciar realezas e povos;

Um voto de gratidão e reconhecimento profundo.

---

os tem guardado, é porque, depois da passagem devastadora das aguas, encontrou-os como phanaes no meio das ruinas.

Mas o burgo matou por estrangulamento o castello feudal, e a communa, a burguezia pozeram por terra os solares.

Investiguemos ainda a Historia.

Palmyra, monumento grandioso do commercio, desappareceu como palmeira do deserto, que os ventos açoutaram, e já não convida a caravana.

Athenas, monumento da civilisação e da arte antigas, vae sendo triturada á acção lenta e esmagadora do volver das edades.

As thermas de Lucullo, monumento do luxo e da grandeza de Roma-a-patricia, sotterram-se e desmancham-se, como desmanchou-se a cabana do misero pegureiro da campanha romana.

A Bastilha, monumento do despotismo, bastou agitar-se a aura popular para que baqueasse.

Perece o marmore, o granito, o bronze; derroca-os e gasta-os a revolução dos homens e a do tempo.

Descobriu, entretanto, o espirito humano mais solidos e duraveis materiaes, contra os quaes póde muito pouco a acção dos seculos.

O monumento moderno é o livro: o cinzel e o escopro trocaram-se em penna de escriptor.

A columna de Trajano cahirá primeiro que os embora mutilados livros de Tito Livio deixem de contar o fabuloso viver de sua patria.

Carthago era senhora de cem praças; suas quilhas avassallavam os mares; era, quem sabe, a maior

os tem guardado, é porque, depois da passagem devastadora das aguas, encontrou-os como phanaes no meio das ruinas.

Mas o burgo matou por estrangulamento o castello feudal, e a communa, a burguezia pozeram por terra os solares.

Investiguemos ainda a Historia.

Palmyra, monumento grandioso do commercio, desappareceu como palmeira do deserto, que os ventos açoutaram, e já não convida a caravana.

Athenas, monumento da civilisação e da arte antigas, vae sendo triturada á acção lenta e esmagadora do volver das edades.

As thermas de Lucullo, monumento do luxo e da grandeza de Roma-a-patricia, sotterram-se e desmancham-se, como desmanchou-se a cabana do misero pegureiro da campanha romana.

A Bastilha, monumento do despotismo, bastou agitar-se a aura popular para que baqueasse.

Perece o marmore, o granito, o bronze; derroca-os e gasta-os a revolução dos homens e a do tempo.

Descobriu, entretanto, o espirito humano mais solidos e duraveis materiaes, contra os quaes póde muito pouco a acção dos seculos.

O monumento moderno é o livro: o cinzel e o escopro trocaram-se em penna de escriptor.

A columna de Trajano cahirá primeiro que os embora mutilados livros de Tito Livio deixem de contar o fabuloso viver de sua patria.

Carthago era senhora de cem praças; suas quilhas avassallavam os mares; era, quem sabe, a maior

potencia de seus dias. Mas Carthago não tinha o monumento escripto, (e, si o tinha, Roma não resgata a vergonha dessa destruição a troco de todas as suas glorias), e por isso Carthago cahiu para nunca mais levantar-se, e tão malaventurada que ainda hoje o observador não sabe onde ir desenterrar por inteiro a sua ossada gloriosa, emquanto a rival ahi está viva nas paginas dos seus poetas, nas linhas dos seus poemas, em verso ou em prosa, assignados pelo filho de Mantua ou pelo filho de Padua.

No entanto ha ainda na Historia um exemplo que melhor frisa a questão.

Para honrar a memoria de seu esposo Mausolo, a poderosa Artemisia despejou profusa os seus cofres, fez-lhe exequias magestosas e levantou-lhe o mausoléu que do nome do morto assim se chamou.

Onde pára hoje o monumento?

Em nossos dias a rainha Victoria de Inglaterra, para honrar a memoria de seu esposo Alberto, fez do livro de Guizot um monumento, e póde-se assegurar que será tão duradouro quanto é permittido sê-lo a uma obra humana.

E' a grande victoria da civilisação.

Nas paginas embora modestas do presente livro tentamos levantar um padrão, nem isso, uma inscripção singela, um distico, em honra dos filhos do Brasil, que, na lide da causa a mais nobre e civilisadora, juraram— e teem cumprido a jura — erguer bem alto o estandarte do Imperio.

Lançamos os fundamentos, outros virão depois mais alentados e sobre os mal affeiçoados alicerces

erguerão o monumento, que ideamos, si não puzemos por obra.

Quizeramos de uma só vez relatar aqui os feitos e acções grandes de quantos delles teem illustrado seu nome e o da patria nas campanhas actuaes do Sul.

Falharam-nos, porém, elementos indispensaveis.

Nem os auxilios valiosos de notas biographicas accudiram de prompto ao nosso empenho, nem os retratos dos heróes brasileiros vieram tambem a ponto de ser incluidos no presente volume desta publicação.

Trabalharemos por dar algum remedio ao mal.

Si o nosso commettimento fôr bem succedido, que não nos anima e incita outro alvo mais do que a acceitação e o favor publicos, um ou mais volumes virão completar a obra.

Sahe ella anonyma.

Assim deve de ser.

Esta obra não é nossa, é do Brasil.

Humilde, mas sincera prova de gratidão nacional, não sabemos que um ou mais nomes arroguem-se o direito de procuradores desta nação justamente orgulhosa de si e dos seus para o pagamento de uma divida sem termo nem saldo possiveis.

A patria, no entanto, neste e similhantes tentamens só tem a ganhar.

E é para seu proveito e honra que trabalhamos.

Hoje e sempre.

O SENHOR D. PEDRO II.

O SENHOR D. PEDRO II.

Ha nos paços reaes, de hontem e de hoje, dos tempos antigos e dos tempos modernos, um personagem importante e curioso, digno do estudo do philosopho e do politico, que a Historia menciona e o observador commenta.

Entre os hebreus, ao expirar o governo dos juizes e ao levantar-se o primeiro periodo da realeza, nos paços de Saul, esse personagem chamou-se David-o-cantor.

Em Portugal, no berço da monarchia, nos paços de D. Thereza e de Affonso Henriques, chamou-se D. Bibas-o-truão.

Em França, ao terminar o dominio da casa de Valois, nos paços de Henrique III, chamou-se Chicot-o-caturra.

Entre nós, povos modernos, americanos ou europeus do seculo XIX, chama-se cortezão-o-lisongeiro.

No começo da monarchia hebraica, que, por uma singularidade historica, coincide com o fim da monarchia de Athenas, que viu em Codro o seu ultimo rei; ao erguer-se a monarchia de direito divino, quando Samuel sagrava o filho do pastor de Gabaa como senhor sobre o povo escolhido, o papel do personagem palaciano foi de summa importancia: incumbiu-se de applacar os accessos de cholera e furor em que cahia o soturno Saul, com o som de seus cantos e os accordes de sua harpa.

A gloria de Jehovah, as victorias dos filhos de Israel e os feitos de Judá eram os assumptos que accendiam seu estro e dissipavam os véus de melancholia que obscureciam a rasão do rei.

Foi o seu mister quasi um sacerdocio, e no entanto David-o-cantor foi o successor de Saul no poder.

No berço da monarchia portugueza, quando já a realeza sustentava-se nas armaduras dos barões e ricos-homens; quando o direito divino ganhava mór brilho aos espelhar-se nas cotas d'armas dos senhores feudaes, o truão divertia o rei, a côrte, mas era ainda um instrumento moralisador, porque levava o ferro em brasa do motejo e da zombaria á ulcera viva do crime ou do ridiculo.

Seu mister, si já não era um sacerdocio, era pelo menos um mister de justiça — o da vindicta dos oppri-

midos e fracos contra os oppressores e poderosos: o truão era um servo, mas o seu fallar não era por certo o do servilismo.

Na França de 1574, no seio da monarchia nem divina, nem humana, no palacio dos Valois, onde a roda dos validos e favoritos parecia estrangular uma nação inteira, a voz de Chicot era apenas a voz da mofa pequenina e grunhidora, que descobria as feridas do corpo gangrenado com a ponta do estylete fino a transudar veneno, mas que tinha dous gumes: feria o rei e a côrte, e feria o proprio Chicot.

O papel do caturra era já um papel de transição; abdicava o sacerdocio e vestia as roupagens de Palhaço; temiam-no, mas temia a seu turno; o motejo era retribuido com o desdem, e a côrte ria-se não tanto por elle, como delle. Era um mister servil.

Nas monarchias actuaes, nas monarchias do direito publico, o cantor, o truão, o caturra deram o cortezão—ambicioso como o primeiro, tenaz e implacavel como o segundo, e, como o terceiro, desprezivel e escravo.

De facto, o mister da lisonja é um mister que tem a sua genealogia; mas não se ennobrece com o affastar-se do tronco, degenera.

E esta especie animal que cerca os thronos e os vae a um tempo cortejando e corroendo, chega afinal a crear emtorno da corôa uma atmosphera peculiar, atravez da qual não raro se illude o mais attento observador.

O raio visual ao atravessá-la refrange-se e desvia-se; a voz modifica-se; e só mais tarde a rasão se dá por satisfeita.

Ao tomarmos da penna para traçar rapidamente um periodo da vida do Senhor D. Pedro II, revistimo-nos de deliberado animo de verdade e de justiça, porque escrevemos para a historia, em que pese e destôe aos ouvidos dos cortezãos.

Aos monarchas deve-se fallar a verdade inteira, porque só a verdade é firme auxilio dos governos de hoje, assim como a justiça é a unica equivalente da sua immensa responsabilidade.

Não poremos na bocca imperial o *veni, vidi, vici* de Cesar, com referencia ao feito de Uruguayana.

Causará desgosto á turba dos aulicos, mas dar-nos-ha rasão...

Quem?

A nossa consciencia.

Aquelle que a 2 de Dezembro de 1825 veiu dar ao Brasil a certeza de ser regido por um monarcha brasileiro; aquelle que foi acceito pelo voto popular a 7 de Abril de 1831, ao mesmo tempo que abdicava o primeiro Imperador; aquelle que a 23 de Julho de 1840 era declarado maior e sagrado a 18 de Julho de 1841, unindo a sua sorte á da esposa, S. M. Imperial a Sra. D. Thereza Christina Maria, a 4 de Setembro de 1843, dava em arrhas á sua patria os fructos dessa união, consolidando a sua dymnastia, primeira garantia da felicidade e engrandecimento nacionaes.

Si os annos calamitosos de 1849, 1850 e 1855 o viram de continuo juncto dos leitos dos hospitaes, pondo-se em charidoso contacto com os enfermos da febre amarella e do cholera-morbus, na pratica

dos sublimes deveres christãos, os primeiros dias de Janeiro de 1863 viram-no erguer bem alto o estandarte do Brasil, ameaçado pelo insulto inglez, e clamar á America e ao mundo: — « Lá onde succumbir a honra e soberania da nação, eu succumbirei com ellas. »

E foi esse o grito regenerador, não do paiz, que foi sempre de nobres instinctos e acções patrioticas, mas dos ministerios que andaram e andam quasi sempre em opposição á opinião nacional, no inaccreditavel empenho de malservir a terra que lhes foi berço.

E cumpre aqui registrar um facto.

A nação vivia como que divorciada do seu soberano: poucos sabiam das intenções subidas do monarcha: muitos queixavam-se a esmo, e as queixas injustas ousavam erguer-se contra o throno.

E porque não dizer a verdade toda?

O proprio monarcha não conhecia o seu paiz; estudára-o theoricamente no recesso do gabinete; suppozera-o egual aos que mais assiduos o cercavam; mas não havia ainda, Moysés real, feito brotar do sólo patrio a lympha da verdade com que saciou a propria sede de patriotismo, e a sede de milhões de concidadãos.

Depois, tem o facto explicação bem facil.

O que vinham dizer ás camaras os ministros, os intermediarios do rei e do povo?

O que ouvia delles a representação nacional?

Estas palavras de perfidia, que levantavam aleives ao soberano e illudiam a nação:

— « O Imperador o quer. »

E em que momentos eram proferidas?

Quando alguma medida inopportuna ou illegitima deante das aspirações publicas era ameaçada de morte.

A representação nacional cedia, mas o povo murmurava.

Desde, porém, que o monarcha em pessoa tocou com o conto do proprio sceptro o seio do paiz; desde que bebeu em sua fonte a soberania de que está investido; tornou-se uma realidade o mytho do Antheu pagão e a corôa ganhou novo esplendor.

O Brasil pôde então admirar o soberano que lhe dizia, respondendo á felicitação da Camara Municipal da Côrte pelo desenlace da questão ingleza: — « Já o disse, mas tenho prazer em repeti-lo; a nação brasileira não póde contrahir divida com o seu Imperador. Nas horas das provações contem os Brasileiros sempre commigo, e depois desejo como recompensa ainda achar-me no meio delles, para, formando todos nós uma só familia, trocarmos nossas expressões de affectuoso jubilo. »

Então, só então, soberano e povo conheceram-se e desse travar de relações, digamos a phrase com todas as suas palavras, surgiram as bases desse pacto solido e inquebrantavel, sellado entre o Senhor D. Pedro II e o Imperio brasileiro.

Desse travar de relações seguiu-se ainda um facto, que deixamos para adeante o considerá-lo.

O tal ou qual insuccesso das nossas armas na fronteira do Sul; a demora de operações importantes e decisivas; a noticia da occupação já demorada

do nosso territorio pela columna de Estigarribia; a patriotica provincia do Rio Grande do Sul insultada em seus brios; um elevado amor pela independencia e integridade do Imperio; a rasão da guerra emfim, moveram o animo do Imperador a tomar pessoalmente parte na lucta.

E' assim que o dia 10 de Julho de 1865 assignala uma das épochas importantes do segundo reinado— a da partida do monarcha para o theatro da guerra, tendo na Historia significação tamanha como o dia 9 de Janeiro de 1822.

A 9 de Janeiro de 1822, o ramo bragantino transplantado para o Brasil, pela bocca do cavalheiroso soberano, do moderno Francisco I, dizia:— « Fico. Dou-vos com a minha pessoa a minha dymnastia. »

A 10 de Julho de 1864, pela bocca de seu augusto filho, accrescentava:— « Parto. Levo na minha pessoa a garantia do triumpho. »

Si a espada de um rei em nossos dias, atirada á balança da guerra, não vae desempenhar o papel da do brenno gaulez, mas ao contrario o de fiadora da clemencia e do perdão, é ella em todo o caso um elemento de prestigio, de grandeza, e de força moral— essa alma dos exercitos.

Assim, ainda que o Senhor D. Pedro II não tenha ido ao Rio Grande do Sul, como Cesar foi no anno 47 á Asia Menor, o acto de abnegação e sacrificio, ao trocar pela tenda de campanha os paços imperiaes, terá aos olhos do historiador imparcial incontestavel valor.

Desde então confirmou de sobejo quanto lhe cabia o titulo de Defensor Perpetuo do Brasil.

Nem cumpre aqui analysar si até esse ponto a direcção imprimida á campanha do Prata foi sempre a melhor e a mais proveitosa á honra e interesse do Imperio.

Si o governo mostrou-se alguma vez mal inspirado na direcção dos negocios da guerra, a só resolução do monarcha e o modo energico por que a pôz por obra, resgataram anteriores faltas.

Não passámos, graças ao patriotismo do primeiro cidadão, pelo dezar de vir o chefe extranho commandar o nosso exercito em nosso territorio, e, depois de havermos dado aos alliados visinhos nosso ouro e nossas armas, as maiores distincções no campo de batalha e as melhores vantagens nas estipulações da paz, ainda fazermos a outorga da suprema honra para elles e da extrema vergonha para nós, de pedir-lhes áquem de nossas fronteiras que nos guiassem o braço vingador, que devêra repellir o inimigo.

No tempo de nossos avós, essas mesmas terras do Sul foram theatro de acções grandes; ahi nessas campinas liberrimas passavam ainda as auras impregnadas do anhelito derradeiro de muito heróe que se finou com a lança em punho, na defeza do solo sagrado da patria.

A invasão do soldado argentino ou oriental deshonrar-nos-hia tanto como a do paraguayo.

O Imperador o comprehendeu: salvou dessa nodoa a terra que é tão sua como nossa.

Essa, a gloria unica, mas uma grande gloria, que do feito de Uruguayana reverte para a expedição imperial, lhe é devida.

O proprio, e tão apregoado, triumpho incruento da entrega da praça, cabe com melhoria de rasão ao homem que para o redil encaminhou o rebanho escravo do dictador.

A Cesar o que é de Cesar.

No systema constitucional representativo o respeito á lei é a primeira garantia da liberdade.

Para aquelles que enxergam na ordem e na autoridade apenas o meio, e que encaram a liberdade como fim, o respeitador severo da lei assume proporções gigantes, e reveste um quê de sobrenatural e sobrehumano, que a normal indisciplina e anarchia dos tempos que correm plenamente justificam.

Chave de todos os poderes, arbitro supremo dos destinos da nação, um rei constitucional tem encargo tamanho e tão elevado que difficil lhe é o cumprimento estricto dos seus deveres e das obrigações que contrahiu perante o paiz.

A menos que as redeas do governo se não achem nas mãos de um Leopoldo da Belgica, facil será ao guia do carro do poder ter sorte egual ao daquelle que imprudente procurou dirigir o carro de Phebo.

A ambição de alargar a esphera em que o seu poder se exercita; o incentivo de falsas glorias, que, um momento ao menos, a todo homem seduz; ora a idéa de suprema justiça, ora a idéa de suprema clemencia, que mutuamente se repellem, eis á boa e á má parte os primeiros desvios na carreira da suprema administração e da magistratura suprema.

Ao homem que souber vencer estes e similhantes

obstaculos na sua vida de chefe politico de um povo, devem as gerações modernas votar triumphos maiores do que votaram as antigas aos vencedores da espada.

Na evolução constante da humanidade, as normas de governo se apuraram, e, si o regimen monarchico constitucional representativo é o mais perfeito, é tambem o de mais trabalhosa execução.

No entretanto, sobre os respeitadores da lei no Brasil, acima de todos os constitucionaes convencidos, dizemo-lo sem medo de errar, existe um homem — e esse é o Imperador.

Ainda no meio do mais fervoroso enthusiasmo, quando a população da capital, voz em grita, ás portas do paço, em Janeiro de 1863, enviava uma commissão para saudar directa e mui pessoalmente o monarcha pelo seu proceder nos negocios com Inglaterra, ou antes, com o seu tresloucado ministro, ainda ahi, o Senhor D. Pedro II mandou que essa commissão se dirigisse ao presidente do conselho de ministros e ministro do Imperio, ùnico competente para recebê-la.

Desse dote estimavel, dessa qualidade subida, nos devemos ufanar como da gloria mais explendida do nosso soberano.

Releva agora considerar o facto a que anteriormente alludimos.

No meio da geral descrença do paiz nos nossos homens e nas nossas cousas; em face da morte ou da agonia dos partidos; o povo, que se conhece forte, porque se vê heroico nos campos e nas aguas do Prata, porque tem consciencia do quanto vale e

do quanto póde, começa de rumorejar por palavras mal avisadas e parece aqui e alli deixar transparecer alguma aspiração retrograda, uma como que volta para o passado: diz-se já hoje que melhor seria com o Senhor D. Pedro II o absolutismo, o governo do rei só.

Ataquemos de face a questão.

Ella cahe por si mesma. A sua propria origem é a sua morte.

Hoje que o Brasil inteiro está de posse do caracter integro do Imperante, que vê nelle a fonte da publica felicidade, quizera — e é isto do animo generoso dos brasileiros — entregar-se-lhe confiado e seguro em suas mãos paternaes.

Mas a rasão publica, transviada pelo soffrimento, esquece-se de que o motivo dessa confiança absoluta e inteira no monarcha nasce justamente do facto de ser o Imperador a arca constitucional no Brasil, sobrenadando ao geral diluvio e ao aniquilamento quasi completo de crenças e principios.

Esquece-se mais de que para um rei philosopho e politico, sabedor das cousas publicas e sabedor da sciencia de governar os homens, ha gloria melhor nesse posto de primeiro guarda da constituição, do que na de autocrata de um grande Imperio.

Esquece-se ainda de que isto é que traz o singular e admiravel espectaculo de valer o rei da pequenina Belgica deante da rasão e do direito mais do que o poderoso senhor de todas as Russias.

Esquece-se tambem de que é mais illustre e no-

bilitador governar meia duzia de homens livres do dez milhões de escravos.

E sabem os, não diremos partidarios, que os não ha ainda totalmente definidos, mas desejosos do absolutismo no Brasil, qual seria o maior e mais formidavel obstaculo á sua aspiração?

O proprio Imperador.

A iniciativa e a actividade dos chefes, como a pressão hydraulica, multiplica-se prodigiosamente, descendo do ponto culminante para as camadas inferiores.

E' assim que as leis naturaes dão a mão aos factos do racionalismo, e a mecanica explica um portento de administração e governo.

De facto, desde que o Senhor D. Pedro II votou-se ao continuo e acurado empenho de prover a todos os trabalhos, presidir ao concerto dos planos da guerra, assistir á construcção dos artefactos maritimos e militares, activar o alistamento de tropas e ordenar o seu embarque, expedir os trens bellicos, e, acima de tudo, em meio da corrupção quasi geral, ser o primeiro a fiscalisar os dinheiros publicos, o funccionalismo, moroso e quasi inerte, sentiu a benefica pressão que partia de cima, agitou-se, metteu mãos á obra e toda a colmeia civilisadora fabríca, construe, edifica, molda, funde, pule, expede, alista-se, parte, combate, morre e immortaliza-se a si e ao Brasil.

O patriotico decreto da creação de Voluntarios da Patria traz dos mais reconditos pontos deste vasto Imperio soldados a milhares para a causa libertadora.

Na hora em que os corpos já organisados vão deixar a capital, o Imperador vôa ao seu encontro e nos abraços paternaes, com que estreita ao seu peito magnanimo o peito dos defensores da patria, daquelles que correm á peleja para a glorificação desta terra bemfadada, transmitte aos batalhões o enthusiasmo que o anima, a crença ardente no porvir desta grande nação, que se levanta heroica á voz do dever e á voz do monarcha que o symbolisa.

Homem de sciencia, antes que homem da guerra, nem por isso deixou de ser o mais prompto conhecedor da necessidade da desaffronta e o primeiro defensor das liberdades patrias.

Gloria melhor que a dos conquistadores exornalhe a fronte; cinge-a a corôa do direito. Mas pareça succumbir um momento, empallidecer ao menos um instante a estrella do Imperio; appresente-se em nosso horisonte a nuvem que precede a borrasca; sôe para nós siquer a hora solemne que annuncia ou ameaça o exicio de um povo, e, ao sol da pugna tremenda, a primeira espada, que ha de fulgir, será, nas mãos honradas do filho, a espada do primeiro Imperador.

VISCONDE DE TAMANDARÉ.

O XIX seculo é um seculo de luz e de progresso, um como fóco de idéas civilisadoras.

E porque em nome da luz, do progresso e da civilisação levantam-se e municiam-se milhares de homens que vôem a mutuamente destruir-se?

O que é isto a que se chama direito de guerra?

Pois a rasão moderna achou modo possivel de conciliar tão discordes extremos, de encarar de face tão tremenda antithese?

Não será a guerra um mal?

Não será o direito um bem?

Que consorcio extranho é este que a vida inteira

da humanidade tem permittido e que os nobres e generosos principios da nossa éra sanccionam?

Donde provém que o homicidio encontre uma pena em todos os codigos criminaes, e os homicidios em massa, as grandes hecatombes, deparem assentimento e favor nas instituições do direito das gentes?

Com que fundamento as leis humanas derogam as divinas?

Pois o crime do individuo será virtude e indisputavel direito da especie?

Taes questões se appresentam de chofre ás vistas do pensador, quando nas horas de cogitação austera mede os progressos ou as soberbias do misero bando de vermes, que na face do globo roja presumido e tumefacto de suas mesquinhas conquistas, dilacerando-se uns aos outros, a vangloriar-se do nome de reis da creação, de animaes intelligentes, que levaram a estafar as diversas edades do seu viver para constituir o que estultamente denominam — a sociedade.

Raça a um tempo miseravel e sublime, ultimo elo da cadeia dos animaes e primeiro da familia dos deuses, o homem terminou a serie de vertebrados, para começar a dos divinisados; deixou de ser totalmente materia não pensante, para ser incompletamente espirito e senhor.

Dahi esse mixto de contradicções frequentes na historia desses entes de transição, que a rasão humana, participante do seu estado de contingencia, não sabe explicar, mas tenta absolver; não póde justificar, mas chega a admittir.

A guerra é em verdade um mal, porém um ma necessario.

A natureza dá ao homem o direito de usar da força, quando assim se torna indispensavel, para sua defeza e conservação de seus direitos.

Reconhecem os publicistas este principio: a propria natureza o gravou no coração humano.

A guerra é, pois, o estado em que se procura a conservação do direito por meio da força.

Mas, sendo um direito que equivale a uma necessidade, tem limites estrictamente marcados, uma esphera de acção dentro da qual se exercita sob as regras da justiça e da equidade.

Só rasões justificativas, motivos ponderosos, justa causa, desaffronta de injuria recebida ou eminente aos direitos perfeitos de uma nação, poderiam elevar o emprego da força á cathegoria de exercicio de um direito.

E o modo por que teem sido observadas as prescripções e regras da guerra nas duas e successivas campanhas do Sul, em que se achou e se acha o Brasil, dão a medida da justiça da nossa causa.

O nome do visconde de Tamandaré é o primeiro documento das intenções generosas e civilisadoras, que nos accompanham actualmente no Prata, e de animo deliberado entrámos nas precedentes considerações, porque, em começo deste esboço biographico, pretendemos deixar inscripto um facto, que revela a nobreza dos sentimentos elevados e cavalheirosos do nosso vice-almirante.

Em dias de Fevereiro de 1864 um guarda nacional rio-grandense, por ordem de Leandro Gomes, em Paysandú, não longe das vistas da nossa canhoneira *Belmonte*, foi barbaramente açoutado, por se

ter recusado ao serviço militar da Republica Oriental, depois de exhibir o seu titulo de nacionalidade brasileira, passado por um vice-consul do Imperio naquella Republica.

Um anno depois, o mesmo Leandro Gomes recebia com dous tiros o parlamentario, que antes do ataque de Paysandú lhe foi propôr a capitulação com as honras da guerra, e durante o ataque mandava affixar em um poste, sobre as muralhas da mesma praça, a cabeça do tambor da canhoneira *Ivahy*, o qual, empregado na bateria maritima da Bella-Vista, se havia transviado em caminho e cahira em poder do inimigo.

Pois bem. Depois da tomada de Paysandú, officiaes e soldados contrarios, apanhados no furor do combate com as armas na mão, foram postos em liberdade pelo vice-almirante, que sabia pôr por deante o espirito do Brasil e da civilisação , os preceitos da guerra segundo os principios da edade moderna.

E, no entanto, já estabelecido na Europa o direito das gentes, a cidade de Genebra, na liberrima Suissa, escapa á famosa *escalada* de 1602, mandava enforcar os prisioneiros Saboianos, como ladrões e bandidos.

Si o direito lhes não reprovou aquella acção, como classificará o direito a acção magnanima do chefe das forças maritimas brasileiras na campanha do Uruguay?

Como a mais subida revelação do que vale o Brasil e do que valem brasileiros.

Destes exemplos temos ufania de mostrar á culta Europa, ao mundo inteiro, que os receba e admire.

Joaquim Marques Lisboa, actual visconde de Tamandaré, nasceu na villa de S. José do Norte , na

heroica provincia do Rio-Grande do Sul, a 13 de Dezembro de 1807, de seus paes o capitão da guarda civica Francisco Marques Lisboa e D. Eufrasia Joaquina de Azevedo Lima.

Entrou para a armada como voluntario a bordo da fragata *Nictheroy* a 4 de Março de 1823.

Foi nomeado 2.º tenente de commissão por aviso da secretaria de marinha de 2 de Dezembro de 1825, e promovido a 2.º tenente effectivo por decreto de 22 de Janeiro de 1826.

Commandando a escuna *Constança,* cahiu prisioneiro dos Patagonios a 7 de Março de 1827, e, escapando-se ao inimigo, appresentou-se em Montevidéu a 29 de Agosto do mesmo anno, e embarcou na corveta *Maceió*, na qual naufragou na costa da Patagonia.

1.º tenente por decreto de 12 de Outubro de 1827, e capitão-tenente por decreto de 22 de Outubro de 1836, commandou neste interim varios navios.

Por aviso de 9 de Agosto de 1839, foi nomeado para commandar o brigue *Tres de Maio*, e as forças estacionadas no Maranhão.

Foi capitão de fragata por decreto de 15 de Maio de 1840.

Em Maio de 1841 deixou o commando das forças do Maranhão.

Por decreto de 18 de Julho de 1841 foi nomeado official do Cruzeiro.

Commandou as forças do Rio da Prata de 10 de Janeiro a 1.º de Outubro de 1842.

Assumiu o commando da divisão do centro a 25 de Novembro de 1844; nomeado por decreto de 25 de Março de 1846 official da ordem da Rosa, deixou

o commando da divisão do centro, quando foi esta extincta, por aviso de 2 de Outubro de 1846.

Foi elogiado por appresentar um mappa hydrographico da Bahia de Todos os Sanctos.

Por decreto de 14 de Março de 1847 foi nomeado capitão de mar e guerra graduado.

Em 1847 fez parte da commissão encarregada de rever o *Regimento Provisional da Marinha*, e da do exame do armamento da mesma repartição.

Em 1848 tomou o commando do vapor *D. Affonso* em Inglaterra, e, conduzindo-o para o Brasil, prestou em Pernambuco serviços contra a rebellião, que findou com o ataque de 2 de Fevereiro de 1849; e por isso foi por decreto de 11 de Março do mesmo anno nomeado dignitario do Cruzeiro, e logo por decreto de 14 do mesmo mez e anno, capitão de mar e guerra effectivo.

No vapor *D. Affonso*, taes auxilios prestou ao navio inglez *Ocean Monarch*, salvando-lhe 160 pessoas por occasião de incendio, que o governo inglez agradeceu ao do Imperio esses serviços, e offertou a Marques Lisboa um chronometro de ouro com esta inscripção:

PRESENTED
BY THE
BRITISH GOVERNMENT
TO
CAPTAIN JOAQUIM MARQUES LISBOA
OF THE STEAM FRIGATE
AFFONSO
OF THE BRAZILIAN IMPERIAL NAVY
IN TESTIMONY OF THEIR ADMIRATION
OF THE GALLANTRY AND HUMANITY
DISPLOYED BY HIM
IN RESCUING MANY BRITISH SUBJECTS
FROM THE BURNING WRECK
OF THE SHIP
OCEAN MONARCH
AUGUST
1848.

No mesmo vapor salvou a náu portugueza *Vasco da Gama* de um naufragio eminente na barra do Rio de Janeiro, feito tão considerado pelos portuguezes e seu governo que este condecorou-o com a commenda da Torre e Espada e aquelles lhe offertaram uma espada de ouro.

Deixou o commando do *D. Affonso* em 11 de Junho de 1849.

No 1.º de Agosto de 1850 foi nomeado para examinar os depositos de madeiras da intendencia da marinha da Côrte, do que foi exonerado em 19 de Septembro seguinte por ter sido nomeado commandante da fragata *Constituição*.

Designado em 29 de Novembro do mesmo anno para commandar a divisão naval do Rio da Prata, deixou a fragata *Constituição* no dia 1.º de Dezembro seguinte, e, por grave molestia, obteve dispensa daquella commissão.

Por decreto de 3 de Março de 1852 foi nomeado chefe de divisão; pelo de 6 de Septembro seguinte, capitão do porto do Rio de Janeiro; pelo de 3 de Abril de 1853, para fazer parte da commissão encarregada da administração do asylo de invalidos da marinha; pelo de 22 de Agosto de 1854, para, conjunctamente com o logar de capitão do porto, exercer interinamente o de inspector do arsenal de marinha do Rio de Janeiro; pelo de 8 de Novembro seguinte foi dispensado daquelle cargo e nomeado effectivamente para este.

O decreto de 2 de Dezembro do mesmo anno promoveu-o a chefe de esquadra.

O aviso de 11 de Janeiro de 1855 fê-lo membro

da commissão de exame da organisação do pessoal e material da armada.

Foi nomeado veador de S. M. a Imperatriz por decreto de 4 de Março seguinte, e pelo de 2 de Dezembro de 1856, vice-almirante.

Por aviso de 5 do mesmo mez e anno foi dispensado, a seu pedido, do logar de membro da commissão do exame da organisação do pessoal e material da armada; pelo de 16 do mesmo mez foi nomeado membro de outra commissão encarregada de propor ao governo imperial um local, dentro do porto do Rio de Janeiro, apropriado para a mudança do arsenal de marinha e estabelecimento de um dique mecanico.

O decreto de 25 de Maio de 1857 concedeu-lhe a exoneração que pediu do cargo de inspector do arsenal de marinha da Côrte, e o aviso de 26 do mesmo mez licença para ir á Europa tratar de sua saude.

Foi encarregado de engajar 200 marinheiros na Belgica, para o serviço da nossa armada, comprar ou mandar construir dous vapores proprios para a navegação do rio Paraguay e contratar diversos operarios para servir na provincia de Matto Grosso.

Por decreto de 24 de Julho de 1858 foi nomeado membro effectivo do conselho naval.

Appresentou-se no regresso da Europa em 17 de Junho de 1859.

Por aviso de 2 de Septembro seguinte foi nomeado commandante em chefe da esquadra que tinha de accompanhar SS. MM. Imperiaes ás provincias do Norte.

Por decreto de 13 do mesmo mez foi, como pedia, exonerado do conselho naval.

Por aviso de 14 de Fevereiro de 1860 foi mandado louvar com os demais commandantes e officiaes dos navios da esquadra, que accompanharam SS. MM. Imperiaes, por bom desempenho de tão honrosa commissão.

Deixou este commando a 16 do mesmo mez de Fevereiro.

Os decretos de 14 e 21 de Março de 1860 nomearam-no barão de Tamandaré, com grandeza, e conselheiro de guerra.

Por decreto de 21 de Novembro seguinte foi nomeado encarregado do quartel-general da marinha.

A portaria de 26 do mesmo mez permittiu-lhe acceitar e usar a grã-cruz de Francisco José da Austria.

Foi nomeado a 2 de Abril de 1861 para ir verificar si os rochedos existentes ao S. do cabo de Sancta Martha prestar-se-hiam á fundação de um porto de abrigo: seguiu para esta commissão a 11 do mez e regressou a 26 do mez de Maio seguinte.

Por decreto de 18 de Septembro de 1861 foi, a seu pedido, dispensado do logar de encarregado do quartel-general: foi-lhe concedida a commenda da ordem de Aviz.

Por decreto de 25 de Janeiro de 1862 foi nomeado ajudante de campo de S. M. o Imperador.

Por aviso de 20 de Abril de 1864 foi nomeado commandante em chefe das forças navaes brasileiras em operações no Rio da Prata.

O decreto de 18 de Fevereiro de 1865 elevou-o a visconde de Tamandaré.

A memoria se cança, fatiga-se a attenção, ao percorrer estes quarenta e tres annos ouriçados de datas gloriosas, de acções nobres, de commissões difficeis, de façanhas guerreiras e merecidas recompensas.

Aqui são os trabalhos de organisação militar, alli a fiscalisação do publico serviço; agora o desempenho do mister de soldado da patria, depois o muitas vezes doloroso cumprimento dos deveres de soldado da legalidade.

Que pasmosa actividade e que tarefas grandiloquas!

Os proprios brincos da infancia denunciavam já o futuro vice-almirante, o grande homem do mar: folguedos dos primeiros annos punham-no á beira da agua lançando cada dia ao mar as suas alterosas fragratas de papel com quatro polegadas de pontal.

Aos dezoito annos era nomeado commandante, no theatro da guerra, da escuna *Bella Maria*, palco dos seus primeiros triumphos.

E neste ponto, deixando de parte o aliás memoravel proemio de sua vida maritima, começada tão cêdo, encaremos apenas a phase que parece estar talhada para monumento de sua gloria e da gloria nacional.

Rotas a 10 de Agosto de 1864 as relações diplomaticas entre o Imperio e a Republica Oriental do Uruguay, apoz o malogro das negociações entre o nosso ministro em missão especial, conselheiro José Antonio Saraiva, e o ministro das relações exteriores do obstinado governo de Aguirre, logo a 11 de Agosto do mesmo anno, no dia seguinte ao do rompimento, recebeu o vice-almirante as primeiras communicações do nosso governo para exigir por

meio da força o respeito ao nosso direito denegado.

A justa vindicta da honra do nome brasileiro, ultrajado no territorio da republica pelas proprias autoridades desse governo, máu visinho e máu americano, não podia ser de prompto confiada a um braço mais nobre e patriotico que o do então barão de Tamandaré.

As providencias por elle tomadas, ao encetar a campanha do Uruguay, abonam as suas raras qualidades de chefe e centro de direcção.

As successivas investidas á praça de Paysandú, desde o dia 6 de Dezembro de 1864 até 2 de Janeiro de 1865, desde o momento do primeiro attaque até a hora da victoriosa tomada da cidade, mostram-no vice-almirante e soldado, ordenando as cargas e sendo o primeiro a pô-las em execução.

Naquella acção ganhamos tudo, e, acima de tudo, um lustre immoredouro para a nossa patria, que foi no campo dos combates revindicar os louros que os degenerados filhos de Hespanha intentaram macular.

Consequencia immediata da primeira campanha, que se fechava pela capitulação de Montevidéu e pelo sabio convenio de 20 de Fevereiro, a campanha do Paraguay surgiu tresloucada e infrene, como o homem que a originou.

Um pequenito imperador da China na America, herdeiro das tradicções paternas e das do Dr. Francia, no governo da sua republica, sem que no entanto se mostrasse continuador da prudencia e perspicacia deste ultimo, entendeu em um dia de máu humor que o seu congressozito de Assumpção, composto de uma duzia de escravos, podia discutir

e dizer cousas de direito, e Francisco Solano Lopes lançou na balança do Prata o seu sabre degolador.

Napoleão daquelles brejos e pantanaes, natureza hybrida a sonhar intervenções para manter equilibrios que ninguem atacou, trouxe ao pleito as suas hordas de barbaros de antemão preparadas, invadiu-nos a remota provincia de Matto-Grosso, queimou, salteou, saqueou, violou, povoações indefesas, pontos desguarnecidos, villas abandonadas, mulheres e creanças !

Mas esse homem, que apoz tudo isso ousava ainda proferir a palavra sagrada — direito, tinha por si dous formidaveis elementos.

A indole pacifica dos brasileiros e o consequente desaviso nas fronteiras, em que não enxergavamos inimigos, e o fanatismo embrutecido dos seus guaranys, de longos annos affeitos ao açoite envilecedor dos seus presidentes e senhores, cujos leves acenos traduziam de contínuo por terminantes ordens.

Atirando de improviso as suas legiões sobre o territorio brasileiro, ao norte e ao sul, esperava faceis conquistas, indisputaveis, permanentes.

Esquecia-se, não sabia talvez, que, segundo a phrase de um distincto publicista, o solo de um povo livre é um solo sagrado, e que tão depressa o pisa o pé invasor, elle se abre e devora o inimigo.

Não calculou nunca com a reacção que necessaria e fatalmente se devia operar neste corpo plethorico do gigante americano, e que entre nós se tivesse de realizar o dito de Pompeu, surgindo da terra os batalhões voluntarios, quando nella batesse a planta

patriotica do herdeiro do fundador de uma nacionalidade.

A dilação necessaria para organisar a defeza, preencheu-a o chefe das nossas forças maritimas com o seu transcendente zelo e actividade.

Apenas luziu a possibilidade de iniciar operações, vimo-lo subir sem delongas para o theatro da acção.

Hoje, em meio dessa officialidade brilhante de que justamente nos orgulhamos aguardam todos o momento dos mais feridos prelios para vê-lo em todo o explendor do seu valor inaudito.

O vice-almirante, visconde de Tamandaré, tem para comsigo mesmo uma obrigação solemne.

Sempre o primeiro nas luctas gloriosas da patria, debalde lhe repetirão que no empenho de organisador dos elementos da actual campanha prestou elle tão importante serviço em Buenos-Ayres, como o barão do Amazonas em Riachuelo, na defeza do pavilhão que lhe havia sido confiada.

Para aquella alma accesa ao fogo do são patriotismo, para aquelle vulto que de si mesmo rompe os moldes, ao intentar a penna do escriptor esculpturar-lhe as fórmas gigantescas, ha apenas um mote, uma divisa, capaz de satisfazer ambição tamanha de triumphos, que virá depôr nos altares da patria — Tudo pelo Brasil.

Deante do Sr. D. Pedro I dizia lord Cocnrane, fallando do moço Lisboa: — « Aquelle, senhor, ha de ser o Nelson brasileiro. »

Para homens sobre os quaes peza a responsabilidade de tal prophecia, todo o theatro de humanas acções é um theatro pequeno.

E' assim que o vice-almirante, visconde de Tamandaré, sentindo soar-lhe aos ouvidos as palavras do marquez do Maranhão, proferida antes, o Imperador hoje finado, e mais sagradas por esse testemunho real de além tumulo, comprehendendo bem que Riachuelo é o Aboukir do barão do Amazonas, espera calmo e tranquillo pela hora solemne, em que fará o seu Trafalgar, embora essa seja para elle, como foi para o Nelson de 1805 a sua ultima hora.

BARÃO DO HERVAL.

BARÃO DO HERVAL.

A propria posição geographica, occupada pelo extenso territorio chamado Brasil, é um indicio valioso do quanto deverá ser no futuro este paiz.

Uma extensa costa, em que se abrem bahias capazes de conter as esquadras do mundo inteiro; portos segurissimos e abrigados, recessos poderosos do commercio e navegação; rios aos centos, verdadeiros canaes que a natureza distribuiu pelo solo immenso, arreiado da mais luxuriante vegetação, a offerecer portentos á vista e incalculaveis riquezas á cogitação do porvir, tudo parece estar

indicando que aqui se acha um oasis prompto a abrigar em algum tempo a civilisação, na grande jornada do deserto, a que se chama a vida da humanidade.

A excellencia da nossa fórma de governo, tão livre como a de uma republica e mais estavel do que ella; o progressivo, postoque lento, desenvolvimento da raça latina nesta terra virgem e fecunda, desta raça que, sinão reproduz a antiga maravilha do colosso de Rhodes, em escala maior, como o faz a saxonica, que tem uma planta na União Americana e outra na velha Inglaterra, com o Atlantico de permeio, vae pouco e pouco cimentando as bases do futuro e alargando os seus alicerces; a propria indole do nosso povo, embora modificada pelo clima, mas conservando ainda o fervor da crença de seus maiores e o animo aventuroso dos gloriosos navegadores do começo da éra moderna; de sobejo nos estão dizendo que paginas brilhantes se teem ainda de desdobrar no livro da nossa historia.

O viver quasi rachitico dos nossos visinhos, que, excepção feita do Chile, embalde se agarram ao solo, quaes parasytas mesquinhas, que a custo vão medrando, é mais uma garantia da extensão do nosso poder em tempos melhores.

Si o regimen ainda colonial ordenou que dessemos de mão á provincia cisplatina, dia virá em que o engrandecimento e progresso de nossa patria será a cada momento sollicitado pelas vozes das republicas visinhas, que se gloriarão de pertencer-nos, e de fazer parte da communhão brasileira.

Nem venham dizermos que idéas de conquista estão dictando estas palavras.

Si reprovamos as conquistas da força e da espada, acceitamos a força das conquistas do progresso e da civilisação.

No tempo em que os povos se distribuiam pelos reis, e passavam de paes a filhos como bens do casal, ou eram dados em dotes de arrhas pelos contractos matrimoniaes dos senhores e poderosos da terra, os exercitos, a linha das baionetas, era a unica demarcação possivel dos territorios de um povo, que não de uma nação.

Hoje, porém, que se dão reis aos povos ; que a propria hereditariedade é mais uma segurança de prestigio para a suprema magistratura de um paiz ; e que os potentados são os primeiros a pagar aos povos o imposto da gabella e lhes compram o direito de caçar a seu salvo em seus dominios eleitoraes ; a linha de demarcação de limites é a propria civilisação, e o Paraguay não é ainda Brasil, porque se não compenetrou até hoje das vantagens que póde auferir de um governo illustrado e constitucional.

Collocado na vanguarda deste grande corpo, a que se chama America do Sul, o Brasil ha de ser o primeiro que, abrindo seus portos e rios ao commercio do mundo, modificando em sentido ainda mais liberal a sua constituição, no que diz respeito á materia religiosa e aos direitos do extrangeiro, verá o seu solo cortado por correntes de migração expontanea, e então o progresso, que é uma lei fatal e que não necessita do apoio de nenhum governo, fará o resto, fará tudo.

Quando nos lembrarmos que ainda hontem, por assim dizer, mandavamos engajar o soldado mercenario que nos viesse defender a integridade do Imperio e uma honra e dignidade com que nada tinha que ver, e que já hoje collocamos em pé de guerra um exercito relativamente poderoso, em que apenas o Brasil toma parte; quando Grenfell conserva-se na sua Inglaterra, porque temos nós um Tamandaré e um Amazonas, o coração nacional expande-se e a voz da nossa consciencia nos brada:— Caminhaes: não está longe o futuro almejado.

Essa heroica provincia do Rio Grande do Sul tem assistido a mais de um feito brilhante, tem registrado mais de uma victoria explendida.

Seus filhos, quaes modernos guaycurús—os indios cavalleiros—, reproduzem a fabula dos centauros. E' a sua cavallaria a primeira do Brasil, e, segundo o testemunho do patriota de Caprera, uma das primeiras do mundo.

Agora que acabamos de esboçar a vida do nobre visconde de Tamandaré, de um illustre rio-grandense, e passamos a occupar-nos de outro não menos illustre filho dessa provincia, digamos duas palavras sobre o passado e evoquemos os manes de um grande soldado nacional.

A recordação dos actos de heroismo, cujo theatro foi a fronteira do Sul; a como apparição do vulto de Bento Manoel, serão em todo caso um exemplo á geração actual, e para nós o prologo da vida do heróe quasi legendario, que dá assumpto a estas linhas.

As pretenções da princeza D. Carlota ás possessões

hespanholas na America, em detrimento da herança de Fernando VII, motivaram a lucta em que entramos com os nossos visinhos, e que foi incetada pelas ordens que no dia 6 de Junho de 1811 foram mandadas ao capitão-general do Rio-Grande, para que dahi partissem aquellas forças que de prevenção se achavam na fronteira.

De uma das tres divisões que para logo marcharam era commandante o marechal de campo Manoel Marques de Souza, pae do agora barão de Porto Alegre, já illustre pela campanha de Cayena contra os francezes, de 6 de Novembro de 1808 a 14 de Janeiro de 1809, em que tambem tomou parte assignalada o pae do actual barão do Herval.

A' approximação das divisões rio-grandenses, o general D. José Rondeau decidiu-se a levantar o sitio de Montevidéu, onde o governador Elio seguia já a causa de D. Carlota.

O chefe Artigas não annuiu, porém, á retirada para Buenos-Ayres, e encaminhou-se para o Salto no Uruguay, ao encontro das nossas forças.

Estas, entretanto, penetraram no solo já por ellas devassado e occuparam Maldonado, o passo de Yassegú no Rio Negro, a mesma povoação de Paysandú, recente theatro das victorias de 6 de Dezembro de 1864 e 2 de Janeiro de 1865, e as margens dos Arapeys, onde as forças de Artigas foram pelas nossas rijamente batidas.

O principe regente commemorou e premiou com uma medalha todos esses feitos, prologo de mais renhidas pelejas.

Em 1816 a tenacidade de Artigas pôz sobre o

Uruguay a divisão do general Curado, forte de 2,000 homens.

As cinco successivas victorias; isto é, a de 3 de Outubro, chamada de *S. Borja*, ganha pelo depois barão de Serro Largo, José de Abreu, que fez levantar o sitio ao povo de S. Borja, defendido pelo brigadeiro Chagas Sanctos; a de 19 do mesmo mez, de *Ibirocoay*, ganha pelo brigadeiro João de Deus Mena Barreto; a de 27 ainda de Outubro, de *Carumbé*, ganha pelo brigadeiro Joaquim de Oliveira Alvares; a de 19 de Novembro, de *India Muerta;* a de 4 de Janeiro de 1817, do *Catalão*; todas cinco como que se obscurecem deante da victoria de *Queguaychico*, onde se levanta a figura grandiosa de Bento Manoel.

Com Artigas pela frente e Fructuoso Rivera pelo flanco, pondo em pratica aquella fina estrategia e aquelle inexcedivel denodo, que eram os dous primeiros characteristicos do guerrilheiro immortal, investe o campo inimigo, bate-o, toma-lhe innumeros prisioneiros, artilharia, munições, bandeiras, e, por uma retirada sem egual nos nossos annaes militares, illude a sorpreza que Rivera lhe preparára.

Quando o observador estuda esta phase da nossa historia, e segue essa cavallaria formidavel e rapida, que está hoje em um ponto e amanhã a muitas leguas de distancia; que não vê obstaculos nos obices da natureza; que galga de improviso a cochilha e atravessa em instantes o banhado; que agora, pelo alvorecer do dia, por entre as nevoas da manhã, atravessa a campina á desfilada, e depois, na densidade das trévas, cavalga pelo dorso

do monte, a occupar a posição estrategica, ou a sorprehender o campo contrario; um quê de phantastico, mais legenda que realidade, parece accompanhar essas legiões, e o homem que as dirige, que á toda parte accode a tempo, que concebe o plano e o põe em pratica, quasi sem dar espaço á reflexão, sempre feliz, sempre bem succedido, assume taes proporções que encará-lo é admirá-lo, estudá-lo é fanatisar-se.

O papel de Bento Manoel determina, segundo pensamos com fundamento e rasões que não são para aqui, essa brilhante victoria do conde da Figueira, conhecida pelo nome de batalha de *Taquarembó*, onde, a 22 de Janeiro de 1820, foram conjunctamente derrotados os tres chefes Artigas, Ramires e Rivera.

Pois bem, assim como o orador o disse: — « Do pó dos Gracchos nasceu um Mario, » podemos nós accrescentar: — « E da alma de Bento Manoel formou-se a do barão do Herval. »

Seja-nos aqui licito reproduzir algumas passagens de um distincto jornalista, que primeiro lhe esboçou a biographia:

« Sem cultura de lettras, como quasi todos os nossos officiaes generaes, as lições da experiencia teem-lhe sido eschola preciosa para desenvolver seu admiravel senso pratico, o methodo e ordem que em tudo guarda.

« Dotado de pasmosa perspicacia, a sua intelligencia revela as inspirações do genio, encanta, e, para assim dizer, toma de assalto os corações de todos que com elle tratam.

« Liberal de idéas e de coração, folga de achar quem pense com elle; mas, tolerante e honesto, a ninguem coage, e nem os seus subalternos lhe desmerecem por pensarem de um modo differente.

« Faz timbre em reconhecer o valor e o merito dos seus adversarios.

« Deante dos soldados, sem ser familiar, é ameno com os bons; com os que delinquem é severo, sem ser cruel; a nenhum falla como a escravo; a todos trata como a homens e camaradas.

« Sobre todas as virtudes tem uma que muito o eleva, porque é rarissima em homens que commandam tropas; ninguem mais do que elle respeita a lei e a autoridade civil; porque entende que a espada é um grande instrumento de governo para manter a ordem publica, a dignidade e defesa nacional, mas nunca deve ser governo, porque facilmente se esquece da força do direito para fazer imperar o direito da força.

« Com estes principios recusou as propostas que lhe foram feitas por parte do general Propicio para a organisação do partido militar no Rio Grande do Sul. »

Desde tenros annos votado em corpo e alma á carreira militar, a que o chamava a tradição de seus paes e de sua provincia, foi Manoel Luiz Ozorio exemplo constante do subalterno digno e independente, mas sempre attento ás ordens dos superiores.

A disciplina foi sempre o seu alvo; tanto quando obedecia, como agora que ordena.

No posto de coronel creou o conhecido 2º regi-

mento de cavallaria, em que teve praça de voluntaria a flor da mocidade rio-grandense, e, na phrase do citado biographo, « á frente de perto de 1,000 lanças dos mais bellos e bem disciplinados esquadrões que já viu esta guerreira America do Sul arvorou gloriosamente em Caseros o estandarte do Imperio, abateu e tomou a bandeira inimiga, maravilhando os proprios alliados. »

Sim, á testa dos seus invictos lanceiros, que o chamavam o seu—cabo velho, foi que o actual barão do Herval fez recordar o finado Bento Manoel.

Olhae ainda para essa nobre figura que na margem esquerda do Paraguay, lança em punho, é o primeiro a desembarcar e a tomar posse do solo inimigo; reparae em quem o cerca, contemplae esses doze companheiros que o seguem; vêde-os unicos resistindo ao impeto de um exercito, até que os seus entrem o territorio, e dizei si tudo isto não recorda as lendas da média edade, si não temos um Alvaro Gonçalves, si não são estes os descendentes dos doze de Inglaterra.

E é deste homem, a quem depois o governo do Brasil confiou os destinos do seu mais numeroso exercito na actual campanha do Paraguay, que o general João Propicio Mena Barreto, depois barão de S. Gabriel, escrevia, na parte official da tomada de Paysandú, depois de mencionar os feitos da ultima praça de pret, o que se vae ler em seguida.

« Finalmente, sendo o Exm. Sr. brigadeiro Manoel Luiz Ozorio, commandante da 1.ª divisão, o mais graduado dos officiaes que se acham sob o meu commando, ficou S. Ex. á frente das brigadas de

cavallaria que estavam accampadas junto ao arroio de S. Francisco, a legua e meia da cidade de Paysandú. »

Depois de prender o leão no fojo, veiu recitar-lhe á beira a sua ironiazita.

O paiz tem, no entanto, testemunhado o proceder ultra-denodado do heróe de 15 de Janeiro, 2 e 24 de Maio deste anno , e o governo acaba de reconhecer como nobilitado o torrão natal do intrepido general , consagrando-o no titulo com que premiou serviços de campanha do nobre e esforçado riograndense.

BARÃO DO AMAZONAS.

BARÃO DO AMAZONAS.

A victoria de uma causa, por via de regra, é a sua melhor sancção.

Assim, pela mesma rasão por que ao soldado de uma revolução esmagada se chama um rebelde, e ao *rebelde* que morreu com as armas na mão — um scelerado, tambem ao campeão da causa victoriosa se dá o nome de heróe, e ao que cahiu por essa mesma causa no campo dos combates — o nome de martyr.

E' que o regimen das maiorias, mais violento e despotico que os governos do absolutismo, quando se affasta das normas da verdade e da justiça, que a edade contemporanea appellida constitucionaes,

accarreta, a par de grandes beneficios, taes e quejandos absurdos á rasão dos factos.

E nem isto é culpa exclusiva dos nossos tempos. A Pompeu-o-afortunado; a Pompeu, que apenas soube recolher os fructos de alheias victorias; a Pompeu o fatuo protegido da sorte, deram os romanos o nome de heróe e decretaram triumphos. A Catilina, o maior sonhador das liberdades romanas; áquelle que na éra antiga soube unico comprehender a liberdade e a lei modernas; áquelle vidente da civilisação, quando a humanidade começava de dar os primeiros e incertos passos na senda sublime do direito, a esse o que deu o povo-rei?—a proscripção e o desdem. Que triumpho lhe decretou?—o da execração publica.

No entretanto, si a estrella de Pompeu tivesse de começo empallidecido, como empallideceu afinal em Pharsalia, ao surgir radiante o gladio de Cesar, jámais o pretenso heróe teria passado de mediocre cabo de guerra; e si a conjuração de Catilina vingasse, aquelle em cuja fronte a eloquencia patricia escrevêra o *sacer esto*, tivera na historia nome maior que os Gracchos.

Mais tarde, com o correr dos seculos, não estava ainda banida a falsa apreciação, quando os tribunaes do Sancto Officio coagiam o grande homem do movimento da terra á denegação de sua doutrina; e Galileu vencido, não convencido, foi para o seu tempo um heretico, um rebelde, a quem as fogueiras inquisitoriaes deveram purificar.

Depois, ao abrir-se a nossa épocha, do seio de uma immensa convulsão levanta-se outro homem, uma grande cabeça, mas antes de tudo um ambicioso notavel; empunha a pesada espada de Alexandre, até então

posta de parte por falta de quem a pudesse sustentar, e dá a seu braço por guia a alma de Cesar, que errava ainda pela Gallia, e a França inteira, a Europa, o mundo, sanccionando as usurpações de todo genero, os roubos na Italia e as rapinas na Hespanha, chamam ao conquistador — o homem do seculo, o maior de todos os heróes, quasi um semideus, porque fôra sempre o homem da victoria.

Para este foi até mister a quasi intervenção da Providencia pára que se chegasse a reduzir ás suas naturaes proporções o colosso Napoleão.

Tem sido assim, e sê-lo-ha: a glorificação de uma causa está no seu exito feliz. *Væ victis!*

Accudiram-nos á mente estas reflexões ao encararmos o brilhante papel do barão do Amazonas no memoravel combate naval do dia 11 de Junho de 1865, conhecido já nos fastos da patria pelo nome de Riachuelo.

Ainda bem que desta vez o feliz exito esteve do lado da justiça e que aquelle que a nação sagrou heróe é merecida e devidamente um heróe.

Francisco Manoel Barroso da Silva, filho legitimo de Theodosio Manoel Barroso e D. Antonia Joaquina Barroso da Silva, nasceu em Lisboa aos 29 de Septembro do anno de 1804.

Aspirante aos 18 de Outubro de 1821; guarda marinha aos 27 de Novembro de 1822; nomeado para embarcar na corveta *Itaparica* aos 6 de Dezembro de 1824; 2.° tenente por decreto de 10 de Fevereiro de 1827: fazendo nesse mesmo anno parte da esquadra bloqueadora de Buenos-Ayres; então

commandante da presa *Asunta de Nisa*, brigue sardo, que conduziu para Montevidéu; de 18 de Fevereiro a Abril de 1828 commandante da presa *S. Joseph of the S. Thomas*, brigue dinamarquez; 1.º tenente por decreto de 18 de Outubro de 1829; servindo no entretanto em varios navios, quer como official, quer como commandante; capitão tenente por decreto de 22 de Outubro de 1836; 2.º commandante da academia de marinha durante dous mezes em 1839; depois com o commando de diversos navios; commandante da força naval estacionada em Sancta Catharina aos 14 de Maio de 1840, até que assumiu o do navio *Septe de Abril* aos 8 de Fevereiro de 1842; capitão de fragata por decreto de 14 de Março de 1849; capitão de mar e guerra por decreto de 3 de Março de 1852; louvado pelo cumprimento de sua commissão ao Perú; commendador da ordem de Aviz, como recompensa de serviços militares, por decreto de 2 de Dezembro de 1854; chefe do estado maior da divisão naval do Rio da Prata, sob as ordens do chefe de esquadra Pedro Ferreira de Oliveira, aos 7 de Dezembro de 1854; commandante interino da divisão naval do Rio da Prata de 4 de Junho a 9 de Julho de 1855; commandante geral do corpo de imperiaes marinheiros aos 6 de Septembro do mesmo anno; fazendo parte da commissão encarregada de rever o *Manual do Artilheiro de Marinha* em 1856; commandante da estação naval de Pernambuco em Agosto do mesmo anno; chefe de divisão por decreto de 2 de Dezembro ainda de 1856; commandante da divisão naval da Bahia em Janeiro de 1861 e da do Rio da Prata em 1862;

chefe do estado maior e commandante da 2.ª divisão das forças navaes em actuaes operações no Rio da Prata, por nomeação do vice-almirante commandante em chefe das referidas forças, approvada por aviso de 16 de Maio de 1865, tal tem sido a marcha brilhante dessa gloriosa carreira maritima de quasi 45 annos de bons e proveitosos serviços do actual barão do Amazonas.

Tão extensa lista de tão repetidos trabalhos dispensa commentarios.

E' uma vida inteira de serviços á patria, de feitos meritorios, que ahi estão patentes, mostrando-se e ostentando-se a todas as vistas, com o fulgor dos raios da luz meridiana.

Vejamo-lo, porém, entre o fumo dos combates.

O vulto encanecido nas commissões arduas, mas sempre vencidas com gloria para o paiz, ahi está sobre o passadiço da fragata *Amazonas*, ao lado do esforçado Theotonio Raymundo de Brito.

Peleja-se a mais ferida pugna que teem visto aguas americanas do sul.

Pende talvez da sorte desse combate a sorte da guerra. A esquadra brasileira destruida, aniquillada a forte e imperterrita trincheira fluctuante; Buenos Ayres bombardeada pelo selvagem paraguayo; Montevidéu abrindo de novo as portas para dar entrada ao dragão da revolta *blanca*, favoneado pela sublevação correntina; Rio Grande invadido, ao mesmo tempo que o inimigo celebrava o triumpho nas aguas do Paraná; Porto Alegre recebendo porventura em em seu proprio porto as quilhas do deturpador do

solo brasileiro; Matto Grosso, até então quasi succumbido, exanime agora e sem esperança no dia de amanhã; nossas fronteiras abertas todas ao invasor, e o polypo infame a deitar raizes no territorio circumvisinho; nossa grande causa desmoralisada pela perda da chave com que encarcerava o despota, eis em quadro, por certo ainda falho de mais negras côres, a situação nova que podia surgir, si as signias brasileiras se não conservassem na esquadra do Imperio e o sol de 11 de Junho no poente as não visse altivas e honradas, como ao levantar-se as vira nesse dia.

Não que o Brasil, como um só homem, se não erguesse inteiro para despejar-se sobre as terras do sul e esmagar as hostes do tyranno, com o ruido que devêra repercutir na historia deste povo, fadado pela excellencia do animo nacional a bem altos destinos.

Mas quantos sacrificios para todos e para tudo; quanta força, que aviventa a terra, arrancada do solo que floria com a sua seiva! que trabalhos gigantescos! que empenho ingente!

Tudo isto passava entre o fumo da batalha sobre a cabeça do homem que assim tinha cerrado em sua mão o destino da campanha.

E essa mão foi a de um Jupiter Tonante, que os raios dardejados foram olympicos.

Venceu.

Mas como?

Si a idéa de arremetter contra os navios inimigos, como si fôra o *Amazonas* um monitor, não lhe accudisse de prompto, quem poderia dizer em nossos vasos de guerra:— a victoria é nossa?

Mas foi.

E' que a verdadeira couraça de nossa fragata estava no valor nunca desmentido, no animo seguro e inteiro, na energia sublime desse varão illustre talhado á romana.

Quiz e fez.

Tanto mais a patria lhe deve ser reconhecida, quanto esteve a fortuna dependente do azar da guerra.

Mas para os verdadeiros homens de acção os azares da guerra eliminam-se das pelejas mais arduas, como as nevoas despovoam os cabeços mais altos da serrania, deante dos raios do sol que se eleva magestoso no horisonte.

A iniciativa foi prompta, mas deu não obstante espaço á reflexão.

No meio da confusão e da lucta aguerrida, quasi feroz, porque os nossos valentes soldados batiam-se contra soldados fanatisados pela sua causa, elle mediu a extensão da sua responsabilidade. E' a grande expressão dos grandes homens da guerra.

Um momento mais de inacção era a derrota, era pelo menos a irrisão e o motejo dos nossos proprios alliados, o compromettimento dos seus honrosos precedentes; mas a realisação do seu plano, si mal succedida, era a nação inteira accusando-o de imprudente leviandade, de ter sacrificado a victoria; era o conselho de guerra eminente para o servidor zeloso e de brios.

Tentou.

Um, dous, tres dos vasos paraguayos mettidos a pique; tres boas cartas supprimidas do jogo mortifero; o soccorro á *Parnahyba*; a victoria em summa.

Pudera ter sido apenas um louco, mas foi um heróe.

A victoria, porém, o não surprehendeu.

No apertado lance, entrevira-a; lançou-lhe ferros e pranchas; tomou-a de abordagem.

Descubramo-nos ante o chefe denodado, ante a cabeça que pensou e o braço que poz por obra o pensamento.

O governo do Brasil, a patria, deu-lhe a dignitaria do Cruzeiro, fê-lo veador de S. M. a Imperatriz, fê-lo barão do Amazonas com grandeza.

O que tinha, em verdade, elle feito?

Tinha feito Riachuelo.

ANTONIO CARLOS DE MARIZ E BARROS.

ANTONIO CARLOS DE MARIZ E BARROS

No meio dos multiplicados successos, dos eventos varios do viver de lucta ou concordia da humanidade, uma cousa ha, que de si mesma se annuncia, que fulgura a todas as vistas, ainda as mais obceccadas, e, sempre adeante, como a columna de fogo do deserto ante os caminheiros eleitos, guia ao territorio promettido as gerações de todos os tempos.

E' o genio.

Assim como a interna ignição, essa como alma do globo, em ebulição medonha, irrompe irresistivel das entranhas palpitantes da terra e fende as camadas da crosta resfriada, até surgir fóra e pela cratéra

hiante proclamar o poder e a força suprema que a impellem, assim o genio, que na atmosphera abafadiça da sociedade viveu a principio retrahido e peado, ganha com o desenvolvimento intellectual nova expansão e sobe, sobe, até atravessar, bom ou máu grado ellas, as camadas sociaes, e de méra entidade humana torna-se astro divino, que, no seu remontar aos céus, assignala com um rastro de chammas o caminho da immortalidade.

Ainda bem quando as turbas da mediocridade, á impulsão da força que procura irromper, abrem-se sollicitas e obedientes e não oppoem a resistencia, que será apenas um motivo de aggravar-se a destruição, como o foi para a França e para a humanidade a densa crosta resfriada, geradora de obstaculos aos grandes principios civilisadores, que, si em 93 lançaram por terra mais de uma instituição, que deveram conservar, unica e simplesmente o fizeram pelos obices que encontraram, quaes formidaveis barreiras, em sua passagem inadiavel e fatal.

Sinão, vejamos.

Homero surge, entôa os cantos da victoria dos heróes gregos; a Grecia inteira affasta-se para deixar passar o David do paganismo, recolhe-se depois á sombra das azas do seu cantor, nelle delega todas as suas glorias, e então o cego illuminado, cuja maternidade reclamam septe cidades, vae ser o phanal de toda uma edade, e, levantado e eterno em seu fulgir, mostra ainda hoje onde e como viveu a Grecia.

Colombo apparece, procura de preferencia a sua patria para dar-lhe uns fastos immorredouros, que por si e por ella ia escrever com a descoberta de

um novo mundo, e Genova o despede e a Europa o menospreza.

A fagulha divina, porém, ateia o incendio, o genio labora, a creação ergue-se portentosa aquem Atlantico.

O nome de Colombo enche hoje a face da terra, e Genova, misera parte do corpo esphacelado da Italia, tendo, sem o saber, produzido aquelle que, ao procurar o mais curto caminho das Indias, vira assomar a seus olhos a gigante America, do fundo do seu golfo alonga para o sul os olhos amortecidos e attende ás vozes severas da cidade que foi Roma, não a pontificia, mas a Roma dos Gracchos e de Cesar, que lhe lança em rosto o momento perdido para a resurreição da peninsula.

A America aviventa-se, engrandece-se, ao passo que a Europa caminha para a caducidade. E' a vindicta do hemispherio desprezado outr'ora sobre a orgulhosa senhora do mundo antigo.

Si Colombo não fulge no seu horisonte e não lhes é ainda hoje exemplo daquella fortaleza de animo, que parece ter perecido na Italia com o derradeiro romano, é que o espirito, abandonando espavorido o cadaver do navegador de 1492, levou comsigo a memoria do desdem dos seus e a ingrata lembrança das cadeias infames, que roxearam os pulsos ao seu envolucro mundano.

Guttemberg entra em scena: traz na mente uma das mais fecundas idéas que foi dado a um cerebro humano conter: quer offerecê-la á terra que lhe foi berço: é denegado por sua mãe.

Vagabundo de cidade em cidade, somnambulo dessa idéa, repudiado e perseguido, caminha e ca-

minha, mas como o Ashavero do progresso, e a erupção opera-se.

Ao estrondo do volcão que se abria, a terra inteira sentiu-se allumiada por uma luz nova e vivificante, um quê de desconhecido que irradiava em todas as direcções, e a lava, a propria lava, em vez de destruir, fecundava; rasgava sulcos no terreno, mas deitava nos sulcos a semente que breve seria planta, planta que devêra tornar-se arvore frondente da sã doutrina, a cujas ramas os povos todos accorreriam a colher os fructos do bem e da verdade.

E que aspecto appresenta a mãe quasi infantecida? Vê Strasburgo disputar-lhe a gloriosa herança da descoberta, Mentel, Faust e Scheffer arrogarem-se o nome de inventores.

Recusou por mais de uma vez patria e lar ao grande tribuno do espirito humano, na phrase de Lamartine; nas luctas da nobreza e da burguezia sacrificou de contínuo o apostolo da imprensa, que, como o Christianismo, teve no seu instituidor o seu primeiro martyr; por isso Mayença, na vespera de uma catastrophe germanica, como velha feiticeira em noite de sabbat, á beira da cova, arrecada zelosa os ossos do filho sublime e vae lavá-los ás aguas feudaes do Rheno das manchas com que os nodôou ella propria, emquanto o latego napoleonico a não enxota para o seu covil.

Nós que vemos do seio do Brasil levantarem-se os grandes homens, que os advinhamos heróes no berço e semideuses no campo dos combates, em que se pleiteia a causa da civilisação, façamos como a Grecia, accolhamo-nos sob as azas dos nossos archanjos e entoemos reconhecidos os hymnos de sua gloria.

Como a arvore colossal da floresta virgem, que avulta em fórmas logo ao nascer, e, *wellingtona gigantea*, ainda na primeira edade deixa a perder de vista a misera e rasteira graminea, assim as primeiras manifestações do engenho, que tem de abrilhantar as paginas da historia de uma nação, mostram-se para logo auspiciosas e promettedoras de magnifico futuro, emquanto a basta mouta da mediocridade, por mais que braceje, não consegue sinão rojar-se pela terra, porque não lhe foi dado pelo Supremo Legislador erguer a fronte entre as frontes altivas, que trazem o sello da excellencia, e entestam com as nuvens.

E' isto mister dos predestinados.

O homem, cuja rapida passagem na terra, cujo ligeiro contacto, exprimamo-nos antes assim, com a nossa orbita, tentamos esboçar, foi como a suassuna amasonica. Ao nascer, desde os mais tenros annos, ainda no estender da primeira fronde, era já um prodigio. O tronco era amplo, os borbulhos alguma cousa de monstruoso, o conjuncto uma manifestação de virilidade, de fortaleza natural, que assombrava a vista e enchia o pensamento.

Accompanhemo-lo.

Antonio Carlos de Mariz e Barros, filho legitimo do chefe de esquadra Joaquim José Ignacio e D. Maria José de Mariz e Barros; neto, pelo lado paterno, do 2.º tenente José Victorino de Barros e D. Maria Isabel de Barros, e, pelo materno, do capitão de fragata Pedro Mariz de Souza Sarmento e D. Anna Luiza de Mariz; descendente de homens que se allumiaram á luz do sol sobre as ondas do

oceano, que encararam a idéa do infinito em face da immensidão; herdeiro de mais de uma gloria maritima, tinha na senda trilhada por seus antepassados, a derrota certa da sua viagem do porvir, que soube cercar dessa aureola, que só contorna os grandes vultos da patria.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, á rua da Imperatriz, isto é, no coração da capital, a 7 de Março de 1835, cursou as aulas dos collegios dos Srs. Alphonse de Morcenq, Antonio Maria Barker, Francisco José Borges e as do collegio de S. Pedro de Alcantara. Era um pequeno milagre, que andava entre os demais companheiros de infancia, com os seus olhos de fogo, em que o observador attento leria a revelação da *anima excelsior*, que lhe habitava o corpo.

Entrou para a academia de marinha em 1849 e assentou praça de aspirante aos 14 de Junho do mesmo anno.

Consignemos aqui um facto, que nos foi referido por um companheiro do moço aspirante.

Acabava de assentar praça: sahia para a rua: mirava-se contente ao sol, como o condor antes de desprender o primeiro vôo: tinha o olhar brilhante. Apertou a mão de um amigo ao encontrá-lo:

— Então já estás captivo, Barros?

— Captivo! retorquiu Antonio Carlos, captivo por causa desta farda! e si ella fôr o primeiro forro da farda de um almirante?

Que largos horisontes se rasgavam aos olhos daquella creança de 14 annos!

Guarda marinha aos 16 de Novembro de 1852; 2.º tenente aos 31 de Março de 1855, isto é, aos 20 annos, na épocha da primavera melhor, quando os sonhos são epopéas e cada pensamento um poema de amor e de gloria; 1.º tenente aos 2 de Dezembro de 1857, no dia anniversario de outro homem que trabalha pela grandeza de sua patria, no dia natalicio do primeiro cidadão deste immenso Imperio, as duas dragonas, que lhe impuzeram aos hombros, foram-lhe as azas com que devêra voar aos combates e aos triumphos, e que se metamorphosearam já em azas de archanjo da guerra.

Como aspirante foi por mais de uma vez elogiado pela actividade e intrepidez, que desenvolveu em occasiões de incendio.

Commandou interinamente o hiate *Parahybano*, e effectivamente a canhoneira *Campista* e as corvetas a vapor *Belmonte*, *Recife*, e encouraçado *Tamandaré*

Foi duas vezes á Europa, uma ao Pacifico, outra ao Cabo da Boa Esperança e ilha da Trindade. Fez uma viagem de instrucção ao alto Amazonas até Manáos e dessa viagem appresentou um interessante relatorio.

Accompanhou S. M. o Imperador em sua viagem ao Norte: foi condecorado com o habito da ordem da Rosa.

Concorreu grandemente para salvar uma barca franceza prestes a naufragar sobre as pedras da fortaleza da Lage: foi condecorado com a cruz de cavalleiro da Legião de Honra.

Mas a salvação das vidas dos extrangeiros á entrada do nosso porto, dos extrangeiros, que tinham

nas mãos do seu governo a recompensa honrosa do acto generoso, não sobreleva outro facto, que pomos em seguida.

Um dia levantavam-se do mar, juncto á praia da Itapuca, gritos afflictivos de uma victima, que as ondas iam tragar. Essa victima era uma misera escrava: debatia-se no transe da agonia. O intrepido mancebo lançou-se ás vagas, vestido como estava; impellia-o aquelle grande coração, aquelle sacrario de sentimentos elevados e nobres, e a escrava foi salva.

Garantimos que a satisfação pelo cumprimento daquelle dever de humanidade, foi porventura maior que a satisfação que experimentou, ao collocar a venera da terra extranha em seu peito altivo e cavalheiroso.

Casou em 1855 com D. Rachel Sophia Teixeira de Mariz e Barros, filha de Casemiro Manoel Teixeira e D. Justina Ephigenia Teixeira, e viu abençoado o seu lar por tres vezes, ao nascimento de tres filhos, Constança, Judith e Americo.

Caracter franco e leal á toda prova; fazendo da amizade um culto, do amor de esposo e de pae uma crença ardente, do amor de filho uma religião convencida; tornou bem patente que o involucro terrestre de um heróe é sempre um homem de bem, e que a alma accesa pela chamma divina póde só viver em um corpo são.

Por uma manhã da primavera eterna da nossa natureza, a garbosa canhoneira *Campista* cortava as aguas levemente agitadas do oceano, deixando apoz

si a terra brasileira, que de ilha Grande se levantava virginal e bella do seio das ondas.

Si, á limpidez e serenidade do dia e daquella hora, chegassem as vistas do observador ao convez da pequena canhoneira, um espectaculo interessante se descortinaria a seus olhos, e a seus ouvidos trariam as brisas maritimas as palavras com que se estava escrevendo uma das mais brilhantes folhas dos fastos da marinha brasileira.

— Larga tudo, cutelos e varredouras! clamava a voz do moço commandante. A postos!

Ia na frente, quasi na volta do mar um navio desconhecido e suspeito, que acabava de fazer-se ao largo.

Mariz e Barros cruzava nessas paragens, vigiava a costa de qualquer desembarque de africanos, porque nós brasileiros decidiramos riscar da lista de importações a vergonhosa mercadoria humana.

E no entanto o vento amainou, e mais e mais, e os pannos começaram de bater.

O navio perseguido continuava em sua marcha e não parecia fugir agora á caça: zombava por certo da impotencia do cruzador.

O commandante bateu rijamente com o pé.

— Diabo! com um milhão de diabos!

Mas subito pareceu luzir-lhe uma idéa:

— Escaleres ao mar!

A guarnição ficou pasma, mas obedeceu toda; arriaram escaleres.

Dentro em um momento a guarnição inteira da *Campista*, vinte e poucas praças, com armas de abordagem, dirigiam-se á toda força de remos para o navio, que desde então parou.

Ao chegarem juncto do suspeito inimigo, quando já o mancebo estava de pé, no primeiro escaler, prestes a ensinar á sua tripulação o caminho que devia seguir, o commandante contrario, sobre o passadiço, levantava em inglez a sua voz firme e sonora.

— Hurrah! hurrah! hurrah! clamou a equipagem de bordo do navio, que a esse tempo içava a bandeira ingleza e a flamula.

O navio suspeito era um lugre de guerra inglez a vapor, novo na estação. O seu commandante vira a galhardia do bravo mancebo, a resolução de tomar de abordagem com duas duzias de homens um vaso artilhado, deixára que elle se approximasse e recebêra-o com a triplice saudação devida a tamanho feito de coragem.

Era a sagração que a velha Inglaterra, que se ufana de rainha dos mares, fazia do moço commandante, que mais tarde devia ser em verdes annos um luzeiro da patria.

A mãe de Nelson admirava enthusiastica o heróe da marinha brasileira; a bandeira que o saudava era a mesma bandeira de Trafalgar, e o Atlantico foi a immensa pia baptismal.

Depois do que fica referido que mais se poderá procurar em Paysandú e no Paraná que não seja a confirmação da heroicidade?

Repetir detidamente os feitos de cada hora na memoravel jornada de Paysandú fôra duvidar da gratidão nacional, que guarda fervorosa em sua admiração a memoria recente desses triumphos brilhantes.

Quem teve nelles melhor quinhão?

E' tambem uma pergunta escusada.

A' testa da sua bateria teve-a Mariz e Barros sob o proprio fogo da fuzilaria inimiga.

O *leão* — chamaram-no os seus companheiros de peleja; o *invulneravel* — appellidaram-no os soldados de Leandro Gomes. Cavalleiro do Cruzeiro — chamou-o a munificencia imperial, ao premiar os seus feitos de campanha.

Portador da noticia da sua e nossa victoria, a população do Rio de Janeiro levou-o em triumpho á Praça do Commercio.

E quando daqui sahiu, terminada a campanha do Uruguay, foi para tomar parte na campanha do Paraguay, que então ia continuar ameaçadora e formidavel.

O governo incumbiu-o do commando do encouraçado *Tamandaré*, do primeiro encouraçado sahido dos arsenaes do Imperio.

Devia caber-lhe esta honra.

Quem mais do que elle era della merecedor?

Perguntou-lhe alguem antes da partida:

— Disseram-me que vás ter por immediato o Vassimon?

— E' verdade?

— Resta-te agora ir escolher ao hospicio de Pedro II a tua equipagem.

O moço 1.º tenente riu-se. A sua coragem ia realmente até a loucura.

Sua viagem a Buenos-Ayres no *Tamandaré* é um acto de subido arrojo. Um jornal daquella cidade, escripto em inglez, diz que o Imperador do Brasil

devia crear uma medalha de honra, para com ella condecorar o brilhante official, que, no mez de Outubro, o mais tempestuoso nas costas do Sul, fôra tão audaz que sobre uma *prancha*, que tal conceituava o *Tamandaré*, atravessára o oceano, conduzindo o mais importante artefacto naval dos que até então haviam produzido os estaleiros do Brasil.

Quem escrevesse um diario do quanto obrou o commandante do *Tamandaré* no Passo da Patria, faria um verdadeiro registro de glorias.

O tempo urgia: aquelle homem, na flôr da edade, cheio de pensamentos grandes e generosos, de immenso patriotismo, de acrysolado valor, tinha de morrer dentro em pouco: era preciso fazer muito, era preciso esboçar ao menos o papel de que o incumbira a Providencia, e por isso foi esse prurido de sacrificios sem termo, de feitos assignalados, de irradiações magnificas.

Nesta nossa natureza tropical, o sol, quando está proximo do occaso, abrasa e enchammeja os horisontes. Foi assim que a todos nós deslumbrou a luz explendida dos ultimos dias do mancebo.

O acaso poz-lhe instantaneo a mão sobre o peito e comprimiu-o esmagador.

Mas si o destino o sorprehendeu, não o intimidou; os seus ultimos instantes foram como a sua vida inteira— um inexcedivel, contínuo exemplo de coragem inaudita, de resignação, que só a philosophia christã sabe inspirar.

O mancebo sentia-se já allumiado por uma luz interna e superior.

Ferido sobre o joelho direito por uma bomba do

forte de Itapirú, no Passo da Patria; por uma bomba traiçoeira, que por uma portinhola penetrára na casamata do encouraçado de seu commando, não lhe ouviram gemidos.

Quando o passaram para o vapor *Onze de Junho*, que servia de hospital de sangue na esquadra, o olhar de Mariz e Barros ganhou novo fulgor.

Dir-se-hia que, ás portas do tumulo, agradecia a coincidencia, que junctava o seu corpo quasi cadaver áquella data gloriosa, que recorda o maior feito naval da marinha nacional.

Oh! quantas vezes lhe vimos animar-se o gesto, incenderem-se os olhos, ao nome de Riachuelo!

Elle lá não estivéra!

Era este o unico pezar profundo que levava comsigo, a sua maior amargura no trance supremo.

Mas Riachuelo vinha recebê-lo no passo extremo.

O portaló do *Onze de Junho* foi para o heróe o adito da immortalidade.

O vice-almirante visconde de Tamandaré, o conselheiro F. Octaviano, nosso ministro no Prata, circulo de amigos e companheiros rodeavam-no com extremos e desvelos.

Elle a todos sorria.

Quando a bordo do mesmo navio iam-no conduzir para Corrientes, perguntou, referindo-se ao medico que o devia tratar:

— Quem é o homem que vae ao leme?

Era o riso de archanjo que já despontava em seus labios.

Tiveram de fazer-lhe a amputação da perna: a ferida fôra grave, muito grave; mas luzia ainda

tenue esperança: offereceram-lhe o chloroformio: recusou-o:

— Prefiro um charuto: deem-m'o acceso, e cortem..

Elle, que, ferido na casamata do *Tamandaré*, ao vêr pender-lhe inutil a perna, ainda presa á parte superior, tivera o stoicismo de arrancá-la com as proprias mãos, como quem apenas descalçava uma bota; elle, que accendia o olhar quando á sua frente abria-se a guela do canhão inimigo e vomitava na sua direcção o primeiro tiro; elle, que dizia á bala que passava-lhe juncto da mão: — leva-me o binoculo, mas não me tires os olhos; ellé, o homem de consciencia sã e robusta, o soldado patriota, o leão que hauria os ventos da peleja prenhes do fumo do combate; que punha ás costas um amigo ferido e passava com elle por baixo da fuzilaria inimiga; de que se poderia arreceiar sobre a terra?

Fumou tranquillo durante a amputação.

Por ventura não saberia já que o homem justo, ao avizinhar-se a hora do passamento, tem nas feridas derramado o oleo sancto de que nos fallam as sagradas escripturas?

Tinha convicção de que morria: á meia noite sentiu que o momento extremo se approximava: manifestou-o com calma e fortaleza de animo.

Recordou a esposa, os filhos, a sua cidade natal.

Disse ao Dr. Carlos Frederico:

— Manda dizer a meu pae que eu soube sempre honrar seu nome.

Depois.... finou-se o moço heróe. Eram então vinte minutos do dia 28 de Março de 1866.

Descubramo-nos que vae passando o archanjo da guerra.

Terminada a sua missão de victoria, deixou cahir na face da terra as escamas de ferro e ouro, das quaes o roçar de suas azas tirava o estridor, que fazia descorar as hostes contrarias.

Agora pando e diaphano procura o ether imponderavel.

Como o mancebo de Longfellow, leva na dextra desfraldado um estandarte, que tem por divisa a só palavra—*Excelsior!*

ANTONIO JOAQUIM RODRIGUES TORRES.

ANTONIO JOAQUIM RODRIGUES TORRES.

Em meio de uma esplanada extensa, ligeiramente accidentada e do mais pittoresco aspecto, sobre uma pequena eminencia, ergue-se ainda hoje uma formosa povoação, que domina os arredores, como princeza do valle, a que a lingua dos primitivos habitadores deu o nome de Itaborahy.

Campos semeados de irregulares tufos de arvoredo, a se estenderem por uma area de algumas leguas, fechados ao longe, e de uma parte, por um semicirculo de pouco elevados montes; da opposta parte a gigantesca serrania dos Orgãos a rasgar as nuvens com os seus obeliscos de granito, ou a desenhar no horisonte

o seu perfil singular; a uma legua de distancia os tectos da povoação de Porto das Caixas a surgir dentre a folhagem, e tudo isto coberto por uma atmosphera peculiar, pura, diaphana, eis o espectaculo que appresenta aos olhos do viajante a poetica villa.

Quem hoje em dia, a um quarto de legua da povoação, parar um momento no alto do Outeiro das Pedras, como o fez ha tres annos o autor destas linhas, levando no peito a saudade do ninho seu paterno, na phrase do poeta, e dahi lançar as vistas avidas para a eminencia occupada pela villa, verá confranger-se-lhe o coração ao observar as paredes denegridas das habitações, que conheceu alvas e candidas como os primeiros brincos da infancia, meio encobertas agora pelo arvoredo, que cresce e toma vulto como os cyprestes annosos do campo do eterno repouso. Dir-se-hia que Itaborahy está hoje de lucto.

Depois de atravessar a pequena lympha, que só as aguas torrenciaes da estação chuvosa conseguem tornar soberba, e que os naturaes denominam Rio da Varzea; ao subir a encosta, penetrando pela ladeira do Senhor Jesus do Bomfim; demorar-se-ha por certo deante da modesta capellazinha, com as suas paredes esboroadas e a sua pequenina torre insultada do tempo.

E, no entanto, a esse mesquinho templo concorreram outr'ora os felizes bandos da risonha mocidade da povoação, a escutar as vozes dos sacerdotes do Senhor. Ahi se firmou mais de uma crença em mais de uma mente, que, si depois procurou illustrar-se na sciencia dos homens, jámais esqueceu essa mysteriosa e sublime sciencia da Divindade, que, bebida com o leite materno, não póde em tempo algum ser

assoberbada pelas argumentações dos philosophos. Quanta hora de desdita e blasphemia não tem encontrado afinal no fundo da cogitação essa singela capellazinha, explendida e offuscante, a reavivar-lhe a fé!

Um pouco ácima, ao entrar no largo da matriz, deparará á esquerda um edificio, hoje modificado em seu exterior, que, si agora ameaça ruina, foi em tempos melhores tambem um templo, mas um templo da arte.

Ahi desprendeu o seu primeiro vôo o grande actor brasileiro João Caetano dos Sanctos e colheu as primeiras inspirações dramaticas o nosso distincto litterato Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Aquelle sino da matriz, que á essa hora poderá chamar os fieis á oração, já não possue as vozes de outros annos. O seu tanger merencorio parecerá estar dobrando pelas exequias do municipio.

No entretanto foi este garboso e senhoril.

Sigamo-lo um pouco no passado.

Em 1627 um fazendeiro da margem do rio Iguá mandou construir uma capella sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, que regeu a freguezia até 1670, anno em que, á pouca distancia dessa capella, já insufficiente para os povos, levantaram nova egreja sob o patrocinio de S. João Baptista.

Nove annos depois foi esta egreja elevada á parochia e em 1742 substituida por outra, quando já a primeira começava de arruinar-se.

O decreto de 15 de Janeiro de 1833 conferiu á freguezia o titulo de villa, com a denominação de S. João de Itaborahy e dous annos mais tarde competia ella com a da Praia Grande, actual cidade de Nictheroy,

dividindo-se entre ambas os votos da assembléa provincial sobre qual seria a capital da provincia do Rio de Janeiro.

O caracter independente e um tanto extremado dos seus habitantes fazia com que o primeiro Imperador a chamasse — o seu Pernambuco pequeno.

Hoje, apenas os filhos desse canto formosissimo da terra brasileira guardam n'alma o sacrario de sua memoria, procurando arrancá-la do olvido.

Ainda bem que, si ao lado de outros engenhos daquelle torrão abençoado o grande engenho musical de Francisco Carvalho desappareceu no tumulo, os nomes de um Joaquim José Rodrigues Torres, actual visconde de Itaborahy, e o de um Joaquim Manoel de Macedo ahi estão radiantes com as aureolas do talento a lhe vingar os fóros.

Antonio Joaquim Rodrigues Torres, filho legitimo do Dr. Bernardino José Rodrigues Torres e D. Maria Emilia Torres, neto pela parte paterna de Manoel José Rodrigues Torres e D. Emerenciana Maria Mathildes da Conceição Torres, nasceu na freguezia do Porto das Caixas, municipio de Itaborahy, a 24 de Agosto de 1848.

Em começo da campanha do Uruguay pretendeu alistar-se como voluntario do exercito, o que não lh'o permittiram por ter pouco mais de dezeseis annos.

Como á carreira militar o chamava uma vocação decidida, alcançou assentar praça no batalhão de engenheiros, fazendo seus estudos na eschola de applicação.

Quando a lucta com o despota do Paraguay, vio-

lador da nossa dignidade e honra, parecia eminente, viu-se de novo despertar em sua mente ainda tenra, mas onde já ardia a pyra encandescida do patriotismo, a idéa generosa e elevada de votar-se á desaffronta do seu paiz.

Então os successos da campanha exigiram que marchasse parte do batalhão de engenheiros, e o dia 25 de Dezembro de 1864, dia do embarque do seu corpo para o Sul, trouxe-lhe a satisfação do seu maior almejo, pois começava a nascer para a gloria.

Nem desvelos nem cuidados de sua familia, que o estremecia, nem a sua tenra edade, nem avisos em demasia prudentes, mas explicaveis pelo interesse que a todos inspirava, puderam demove-lo.

Partiu, e de creança fez-se heróe.

Rememoremos o feito.

Ha no rio Paraná, á distancia apenas de trezentas braças do que foi o forte de Itapirú, uma pequena ilha importante outr'ora pela sua posição, quer em relação ao forte, quer em relação ao proprio accampamento paraguayo, quando os exercitos alliados demoravam ainda á margem esquerda do rio.

Decidida a occupação dessa ilha pelos nossos, como ponto de apoio de operações contra o inimigo, no dia e na noite de 5 para 6 de Abril do corrente anno, teve ordem o tenente coronel de engenheiros José Carlos de Carvalho de embarcar uma bateria Lahitte de 12 e outra de 4 morteiros de 10 pollegadas, com o material correspondente para cobri-las e uma força de 900 homens que compunham a 19ª brigada, commandada pelo tenente coronel Villagran Cabrita, constando dos corpos 7º de voluntarios da patria, 14º de

infantaria de linha, contingente do batalhão de engenheiros, guarnição da bateria do 1° batalhão de artilharia e 100 guardas nacionaes da Côrte, brasileiros todos.

Occupada a ilha, sem que os paraguayos o presentissem, trabalhou-se a noite inteira, e pelo amanhecer do dia 6 a bandeira do Brasil tremulava pela primeira vez em terra paraguaya, a tiro de fuzil do forte.

Desde então romperam contra a nossa posição os fogos inimigos, que tiveram severa resposta. Os encouraçados *Tamandaré* e *Brasil* e a canhoneira *Mearim* appoiaram a guarnição da ilha, que, aos primeiros tiros de canhão, deitou por terra a bandeira de Itapirú.

Os dias 7, 8 e 9 dão testemunho do esforço dos valentes occupantes, que, no incessante trabalho das fortificações ou na sustentação do fogo contra o forte, recusaram ser substituidos e declararam que reputavam sua honra empenhada em não sahir daquelle posto sinão mortos ou triumphantes.

Para quem avaliar a importancia da conservação daquella ilha, facil será o comprehender que o inimigo tinha o maior e mais subido interesse em desalojar-nos da posição conquistada.

Com effeito, pelas 4 horas da madrugada do dia 10 de Abril, os nossos vedetas perceberam movimento nas praias, e nossos soldados o começo do conflicto na parte exterior das suas trincheiras.

Dahi a momentos uma creança de 17 annos, o 2° cadete da 3ª companhia do 1° batalhão de artilharia a pé, o menino Torres, como o chamavam todos, entrava nas fortificações.

— Os paraguayos ahi estão, affirmo-o, porque já matei a um.

Correram a postos.

Effectivamente o inimigo, rompendo dentre a macega da ilha, investia a posição, levantando os seus gritos de guerra, com o alarido das hordas selvagens, e brandindo no ar as suas armas.

A coberto da noite e das espessas nevoas, que vestiam como de um véu a ilha, que mal avultava no meio das aguas, em numero superior a 1,200 homens das mais escolhidas tropas do tyranno, incluidas 186 praças de degoladores, desembarcaram os paraguayos, e procuraram envolver nossa linha fortificada, fazendo avançar forças consideraveis pelos flancos.

Travou-se a lucta: as primeiras descargas da fusilaria contraria sahiam dentre o matagal, que a espaços cobre o terreno: a nossa fusilaria não tirava vantagem em bater homens encobertos por defezas naturaes.

Villagran Cabrita, ordenando á uma parte que no angulo direito da bateria da direita se abrisse uma canhoneira, e mandando por ahi despejar dous tiros de metralha, que fizeram calar a infantaria paraguaya, posta em distancia a esperar reforço, executou á outra parte uma formidavel carga de baioneta, que levou com grande estrago a hoste adversa até o rio.

Então o contingente de artilharia passou as trincheiras com machadinhas em punho, e rachou as linhas paraguayas, que pelo centro accommettiam vigorosas.

Alli, depois de salvar a vida a dous officiaes do seu corpo, tenentes Mourão Pinheiro e Guimarães, matando mais dous inimigos, um dos quaes rasgou-lhe o ventre á baioneta, continuou ferido a bater-se, até que, ao exclamar:

— Viva a nação brasileira! uma bala atravessou-lhe o coração, e lançou por terra aquella creança gigantesca.

Assim como na edade média o fervor da crença e da superstição accreditou que o sancto sepulchro de Jerusalem só podia ser tomado das mãos infieis por mãos ainda puras e innocentes, e organisou a cruzada das creanças, assim o animo nimiamente crente do autor deste bosquejo biographico accredita que o cordeiro immolado nas aras patrias foi o fiador da victoria, e que aquella alma pura, cingida com as corôas da juventude e da morte, que assim se entrelaçaram, tendo na dextra um gladio de chammas, percutiu de morte as legiões inimigas, e accendeu o valor nos peitos brasileiros.

O tenente coronel Cabrita, dous minutos antes do desastre da chalana, ouvindo pronunciar o nome do 2.° cadete, esquecendo-se de que a chata era muito baixa, levantou-se com tal enthusiasmo que bateu com a cabeça no tombadilho, exclamando: — Morreu como um leão!

Durou a peleja duas horas, renhida e feroz, alastrando o chão de cadaveres, como o turbilhão alastra de ruinas o campo por onde passa medonho e terrifico.

Ao amanhecer, depois dessas horas de terrivel anciedade para os exercitos alliados, que accorriam á

margem do rio para testemunhar o exito da batalha, aos primeiros albores da manhã, o estandarte auriverde desdobrava-se mais ufano e senhoril sobre a eminencia da ilha.

Brados de jubilo e saudação echoaram na plaga correntina.

A victoria era nossa. 650 cadaveres paraguayos em terra, 200 mais afogados no rio, 30 canôas, 300 prisioneiros, entre elles o chefe Juan Mateo Romero, mais de 700 espingardas e correspondentes munições, grande numero de espadas, taes foram os trophéus dessa victoria das armas brasileiras, na phrase do general Mitre, tão gloriosa que de si reflete gloria bastante para as armas alliadas.

Vasos da nossa esquadra secundaram ao alvorecer do dia o empenho heroico da invencivel guarnição, tomando e mettendo a pique as canôas, em que fugia o inimigo, ou em que iam ainda os malaventurados reforços de desembarque.

Antonio Joaquim Rodrigues Torres não devia, porém, ser a unica victima immolada.

João Carlos de Villagran Cabrita, Luiz Fernandes de Sampaio, mortos por uma bomba ao redigir a parte do combate, dentro de uma chalana, que continha munições para a guarnição da ilha, 46 homens tambem mortos e 102 feridos, deram a medida do nosso quinhão de sangue nesse dia de gloria.

No campo immenso dos jazigos dos homens nem todas as sepulturas são mudas, disse-o o orador do Instituto Historico Brasileiro, em sessão de 16 de Dezembro de 1864.

A sepultura do heróe aos 17 annos, daquella creança que trocava apenas as azas da innocencia pelas de anjo vingador; daquella flôr em botão ceifada em meio da batalha, como a tenra espiga derribada da haste pela procella; essa sepultura tem vozes sublimes.

Della se ergue um canto de patriotismo immenso e immenso martyrio.

Pela calada da noite, sobre essa terra de fresco revolvida, tecem-se os hymnos da victoria, levanta-se um padrão aos vindouros, magnifico estimulo do futuro.

Mas quando as auras da manhã balouçam as tenras hervas que começam de tapizar o chão da morte, um gemido, arrancado do solo extrangeiro, parece traduzir os lamentos de amargurado exilio, e os restos do finado reclamam o eterno repouso no mesmo torrão que lhe deu o berço da infancia.

Formosa terra itaborahyense! em breve cubras os ossos de um dos mais esforçados e mais dignos de teus patrioticos filhos!

ANTONIO TIBURCIO FERREIRA DE SOUZA.

ANTONIO TIBURCIO FERREIRA DE SOUZA.

Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, nasceu a 11 de Agosto de 1837, na villa Viçosa, provincia do Ceará. Foram seus paes Francisco Ferreira de Souza e D. Margarida Ferreira de Souza.

Baldos de recursos e habitando na extrema daquella provincia, elles apenas puderam proporcionar a seu filho a instrucção primaria com os defeitos inherentes ás nossas escholas centraes. Desde que bem ou mal soube lêr, o joven Tiburcio deixou entrever o mais decidido amor pelas lettras e sincero enthusiasmo pelas armas.

Tendo perdido seu pae, sua virtuosa mãe, máu

grado os grandes esforços que empregára para arredá-lo da vida militar, viu-se um dia sorprehendida pela noticia de que seu filho havia jurado bandeira em um corpo de linha, que então estacionava na capital da provincia.

Com esse corpo ou sem elle, não sabemos ao certo, veiu o joven Tiburcio para a Côrte, aonde não tinha um só conhecido, nem contava com a mais insignificante protecção.

Viu-se, portanto, entregue a si mesmo na edade de 15 annos e sujeito aos rigores da vida e disciplina militar; na qual elle descortinava esse futuro de gloria, que o emballára desde o berço.

Adstricto ao pequeno soldo, que vencia, arrostrou sempre com admiravel coragem todas as sortes de privações, sem maldizer jámais o passo que tinha dado, sem sollicitar nunca o mais insignificante favor dos seus companheiros d'arma, e muito menos de qualquer outra pessoa.

Não é vergonhoso para elle confessá-lo. Nessa quadra da sua vida soffreu a fome e a nudez, sem deixar ainda assim de ser o primeiro no cumprimento dos seus deveres, o mais zeloso na execução das suas obrigações.

Quando velava sobre a tarimba, nas suas horas de meditação, elle sonhava com o seu futuro, e reconhecia que não podia alcançá-lo sem buscar nos livros, no estudo, a instrucção que lhe faltava. Aproveitou, pois, o primeiro ensejo, que se lhe offerecia, matriculou-se na eschola militar, aonde, a par da sua natural independencia e estoicismo, provou a robustez do seu talento para as sciencias mathematicas, obtendo sempre appro-

vações plenas em todos os annos, que cursou as aulas da referida eschola.

Vencidos todos esses obices, o governo em virtude do regulamento conferiu-lhe a patente de 2.° tenente de artilharia por decreto de 2 de Dezembro de 1857, de 1.° tenente por decreto de 3 de Dezembro de 1863, e nesta qualidade achava-se na eschola de applicação, concluindo o curso de sua arma para depois bacharelar-se em mathematicas, quando o despota do Paraguay, á falsa fé, declara ao Brasil a guerra mais injusta de que se póde ter noticia.

Divulgada, portanto, essa noticia, nenhum outro sentimento actuou no espirito do tenente Tiburcio, si não o desaggravo completo da affronta feita ao seu paiz. Nem o amor de tres innocentes filhinhos, nem a amizade e dedicação, que vota a sua esposa, poderam desviá-lo da attenção firme e inabalavel que tinha formado de seguir para os campos do Sul. Marchou, pois, com um dos contingentes, que daqui partira em 26 de Dezembro de 1864 para Montevidéu, aonde deu-se-lhe o commando das forças que tinham de guarnecer a *Belmonte*, que fazia e faz ainda parte da esquadra de operações no Rio da Prata.

Chegando a Corrientes, a Providencia offereceu ao joven e brioso tenente Tiburcio opportunidade azada para com a sua gloria dar o segundo desmentido á injusta fama de que eramos acoimados naquelles logares.

Com esforços sobrehumanos desembarcou com o seu contingente e dous obuzes, e, secundando o general argentino Paunero, desenvolveu tal energia, proficiencia d'arma e actividade, que por duas vezes excitou os « bravos » daquelle general.

Nesse lance arriscado e ousado o tenente Tiburcio não se limitou ao papel sómente de commandante. De envolta com os seus soldados pouco adestrados no manejo dos obuzes, ajudou-os a assestar na praia essas machinas terriveis de guerra, e, collocando-se convenientemente, serviu-se dellas com toda a pericia com grande perda para os inimigos e gloria para a sua patria.

Por esse brilhante feito d'armas foi elle promovido ao posto de capitão do estado maior de artilharia por decreto de 22 de Janeiro passado, e S. M. o Imperador, que não costuma jámais deixar no olvido os bons serviços, ornou o peito do bravo com a distinctissima venera de cavalheiro da imperial ordem do Cruzeiro.

Não tinham ainda sido galardoados os seus serviços de Corrientes, quando a nossa esquadra, sendo atacada furiosa e inopinadamente em Riachuelo pela esquadra inimiga, teve de obrar prodigios de valor, que a custo poderam ser accreditados em outros paizes. O tenente Tiburcio achava-se a bordo da *Belmonte*, e ahi tomou a parte que lhe competia, assignalando-se por sua coragem não vulgar, arrostando todos os perigos por que passára aquelle vaso de guerra. Nem um instante retrocedeu; mas achando-se sempre onde a lucta era mais renhida, elle animava com seu exemplo aos seus soldados, dando enthusiasticos vivas ao Brasil e ao Imperador!...

Vendo cahir a um e outro lado seus bravos companheiros, tendo de pisar sobre seu sangue, seu espirito não se acobardou: leão entrára na pugna, leão sahiu della triumphante e vencedor!

Nas passagens de Mercedes e Cuevas a sua coragem conservou-se ainda na altura da sua gloria. O bravo de Corrientes e Riachuelo soube guardar intactos os immarcessiveis louros colhidos nessas jornadas memoraveis.

Desligado ultimamente da esquadra, aonde tanto se havia distinguido, foi incorporar-se ao exercito; e fazendo logo parte da força ao mando do immortal Cabrita, que tinha sido seu mestre, e conseguintemente conhecendo todo o seu merecimento, entregou-lhe o commando da ala esquerda do contingente de artilharia, que defendia a ilha da Redempção.

Ao publico compete avaliar a grandeza do heroismo com que o então capitão Tiburcio portou-se na occasião em que a ilha fôra atacada; e apezar da participação official do commandante Pacca, em que menciona-o com distincção, estamos bem certo de que, si não morre o intrepido Cabrita, o capitão Tiburcio seria elevado ao logar de honra que havia conquistado pelo seu denodo e bravura.

Nem se conclúa daqui que levantamos uma queixa contra o commandante Pacca. O tenente-coronel Cabrita havia presenciado os feitos heroicos do seu subordinado, e aquelle cingiu-se apenas á voz geral, que não vale de certo um testemunho ocular. E' esta a differença que se nota entre a sua participação e a que terminava Cabrita dentro da chata, quando morreu victima do desastre.

O capitão Tiburcio acha-se hoje além do Passo da Patria, encarregado de uma força de sapadores do exercito brasileiro.

O que o destino escreveu, diz um poeta indiano,

está escripto sobre a pedra e ninguem poderá apagá-lo. A guerra continúa, e quem poderá prever o que lhe succederá de ora em deante? Nós, porém, que o conhecemos de perto, que apreciamos as suas eminentes qualidades, a sua bravura e capacidade intellectual, podemos garantir o seu procedimento futuro, quaesquer que sejam os perigos e difficuldades por que tenha elle de passar.

E si a Providencia velar sobre os seus dias, temos a mais firme crença que seus amigos hão de abraçá-lo coberto de glorias, em posto superior, porque a isso tem elle imprescriptivel direito.

BONIFACIO JOAQUIM DE SANCT'ANNA.

BONIFACIO JOAQUIM DE SANCT'ANNA.

A marinha de guerra brasileira era conhecida sómente pelo seu quadro estatistico, pelo numero de vasos que contava. Um ou outro facto accidental dava a conhecer a sua existencia, porque não tinha tido ainda necessidade de fazê-lo de outro modo.

Foi mister que o tyranno do Paraguay, conculcando os direitos de um povo livre, offendendo-o no que uma nacionalidade tem de mais sagrado — a liberdade e a honra, collocasse o Brasil na estricta obrigação de levar a guerra aos seus proprios dominios, para dest'arte ella revelar-se em toda a sua

grandeza, e mostrar em face do mundo civilisado que pela sua bravura e denodo merecia o logar de honra, que lhe estava destinado entre as armadas as mais distinctas.

Não são simples factos os que se teem dado no correr dessa campanha; é um encadeamento successivo das mais bellas acções, dos mais heroicos feitos, em que cada um dos nossos officiaes e marinheiros tem sabido manter alto, bem alto, a sua dignidade, a dignidade de homens livres, a reputação e a honra do seu paiz. Cada brasileiro que morre, cada bravo que termina a sua missão, vae cingido dos louros, que um inimigo forte e audaz lhe tem prodigalisado. E' assim que se divinisam os heróes, é assim que se conquista a admiração e reconhecimento de um povo, e que se conserva uma memoria indelevel para servir de estimulo ás gerações que nascem.

As victorias teem sido contadas até aqui pelo numero de combates que se teem dado. Nem uma só vez os brasileiros cederam o passo ao seu inimigo, que, appresentando-se sempre superior em forças, batalhando com o encarniçamento do fanatismo, tem cooperado por este modo para o maior explendor dos nossos triumphos!

Ahi estão Riachuelo, Mercedes e Cuevas que presenciaram os feitos de heroicidade da nossa armada, que encheram de admiração os paizes extrangeiros, e cobriram de vergonha aos adversarios, que a todo o custo procuravam supplantá-la.

Nesses dias gloriosos, em que os destroços inimigos testificavam a sua completa derrota, em que

o nosso pavilhão tremulava ovante nos mastros dos navios, muitos dos nossos bravos tinham legado a vida em troca de uma victoria que tanto esforço lhes custára.

E nem podia ser de outra sorte! Os paraguayos aproveitavam-se das menores circumstancias para nos causarem todos os damnos possiveis. Eram as sorprezas que intentavam, eram as barrancas guarnecidas por grande numero de artilharia, occulta entre a densidade do arvoredo, que orla as margens do Paraná, e da qual a nossa esquadra não podia fugir.

Vencer ou morrer eram os unicos partidos a tomar. Venceram, porque o denodo e a bravura não conhecem entraves!...

Entre tanta victima illustre uma fez-se bastante notavel, que, podendo hoje continuar na cruzada gloriosa em que o Brasil está empenhado, foi reunir o seu destino ao dos outros companheiros, que succumbiram combatendo por uma causa justa, pelo desaggravo da patria ultrajada.

Fallamos do capitão tenente Bonifacio Joaquim de Sanct'Anna, o illustre e denodado commandante da canhoneira *Beberibe*, morto na passagem da barranca da ponta de Pegoajá em 20 de Junho de 1865.

A sua vida, como a de quasi todos os officiaes da nossa armada, si não offerecia uma serie de factos gloriosos até então, podia ser appresentada como um exemplo de dedicação á carreira que abraçára, de exactidão no cumprimemto de suas mais rigorosas obrigações.

A sua morte é a prova mais edificante de quanto

acabamos de dizer. Nella está encerrada, além do acto de abnegação e coragem, que ahi sobresahe, o quanto póde no homem de consciencia a religião do sentimento, o culto de um dever sagrado.

Sigamo-lo, pois, desde os seus primeiros passos na senda da vida, até que a sua missão se completou, e que seu corpo baixou á sepultura accompanhado das lagrymas dos seus companheiros, da gratidão que ainda lhe vota o paiz, que lhe fôra berço.

Bonifacio Joaquim de Sanct'Anna, filho legitimo de Bonifacio Joaquim de Sanct'Anna e de D. Maria do Carmo, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 5 de Julho de 1822, no mesmo anno em que o Brasil proclamava a sua independencia.

A sua infancia passada no lar paterno entre as caricias da familia, nada offerece de notavel; e portanto a sua historia começa desde 17 de Novembro de 1838, épocha em que, sentando praça de aspirante seguiu o curso da academia, sendo promovido a guarda marinha em 10 de Dezembro de 1840 por aviso da mesma data.

Elevado ao posto de 2° tenente por decreto de 30 de Julho de 1842; ao de 1° tenente por decreto de 14 de Março de 1849; commandou o brigueescuna *Andorinha* desde 10 de Maio de 1851 até 30 de Septembro seguinte, sendo condecorado em 1852 com a medalha de prata n. 1, pelos serviços prestados na campanha do Rio da Prata.

Em rasão de outros serviços importantes, foi agraciado ainda com os habitos de Aviz por decreto de 18 de Septembro de 1859 e da Rosa pelo de 14

de Março de 1860; e por aviso da secretaria do ministerio respectivo foi mandado elogiar com outros officiaes da esquadra, que accompanhou Suas Magestades Imperiaes ás provincias do Norte, pelo bem que desempenharam tão honrosa commissão.

Depois de ter commandado o vapor *Japorá* e brigue-escuna *Fidelidade* de 13 de Outubro de 1860 a fins de Dezembro de 1861, foi promovido ao posto de capitão-tenente por decreto de 2 de Dezembro de 1860, commandando então interinamente, de 23 de Agosto de 1864 até 2 de Outubro seguinte, a corveta *Nictheroy*, depois do que passou a commandar effectivamente a canhoneira *Beberibe*.

Nessas condições elle tomou parte na campanha do Uruguay, e assistiu ao bombardeamento da praça de Paysandú, aonde se distinguiu bastante; mas a sua maior gloria estava reservada para Riachuelo, combate de que os paraguayos devem conservar ainda as mais tristes e dolorosas recordações.

No entanto o bravo que assistira impavido a essa scena grandiosa, em que pelejava-se com um inimigo maior em forças, em que o sangue alastrava o tombadilho dos navios, alli commetteu prodigios de bravura, sem soffrer a menor lesão, para succumbir depois, como succumbira Henrique Martins, victima de uma temeridade, de um excesso de coragem.

Com effeito, na occasião em que a nossa esquadra forçava a barranca de Mercedes, Bonifacio de Sanct'Anna, achando-se gravemente doente, e não podendo por isso commandar o seu navio, que estava então entregue ao seu immediato, fez um esforço poderoso, levantou-se, e, apesar da inteira prohibição que tinha,

mandou-se conduzir ao passadiço, de onde queria compartilhar a sorte dos seus companheiros!

Era o destino, talvez, que o compellia, era a fatalidade que o arrastava, porque nesse dia glorioso, a 20 de Junho de 1865, a sua estrella devia escurecer-se para nunca mais brilhar!

Uma bala inimiga, ferindo-o no alto da cabeça, pôz termo a essa existencia preciosa, que um tão grande vacuo deixou no quadro da nossa armada.

Elle era um bravo. Morreu sacrificando-se ao amor da patria. Que a sua lembrança conserve-se sempre immoredoura, como até aqui ; que seu exemplo possa ser imitado em todas as épochas em que o Brasil precisar dos seus filhos, e que sobre elle viva o reconhecimento nacional, como deixamos aqui gravado um voto de intima saudade!

FRANCISCO ANTONIO DE VASSIMON.

FRANCISCO ANTONIO DE VASSIMON.

« Francisco Antonio de Vassimon, filho legitimo de Antonio Bento de Vassimon e de D. Anna Thereza da Silva Vassimon, natural do Rio de Janeiro, nasceu a 11 de Abril de 1835.

« Em virtude do aviso de 20 de Fevereiro de 1851, se lhe assentou praça de aspirante a guarda-marinha no dia 24 do dito mez, tendo quartel fóra da academia, e nesse mesmo dia foi matriculado no primeiro anno mathematico e no apparelho: em 17 de Novembro do dito anno deu parte de doente, e de prompto a 4 de Dezembro seguinte.

« Em 5 de Fevereiro de 1852 foi approvado ple-

namente no primeiro anno mathematico, e no apparelho pela maior parte a 6 do mesmo; em consequencia disto passou a ter quartel fóra da academia, na fórma do disposto nos estatutos.

« Em 7 de Fevereiro do dito anno matriculou-se no segundo anno mathematico e no desenho.

« Em 16 de Novembro, dia em que devia fazer exame, por ter tirado ponto, deu parte de doente e appresentou-se a 20 do mesmo mez.

« Em 3 de Fevereiro de 1853 foi reprovado plenamente no segundo anno, em consequencia do que se lhe mandou dar baixa por aviso de 12 do dito mez, em conformidade do disposto nos estatutos.

« Por aviso de 18 de Janeiro de 1854 foi readmittido á praça de aspirante a guarda marinha, tendo, porém, quartel fóra da academia.

« Em 1° de Fevereiro seguinte matriculou-se no terceiro anno e na artilharia, e a este tempo já tinha sido approvado pela maior parte no segundo anno em 16 de Novembro de 1853, e bem assim em architectura naval e desenho de paisagem em o seguinte dia 17, como alumno externo.

« Em 4 de Novembro de 1854 foi approvado pela maior parte no terceiro anno mathematico, e bem assim em artilharia, machinas de vapor, theoria da fabricação da polvora, e plenamente em observatorio a 8 do dito mez.

« Foi promovido a guarda marinha por aviso de 16 de Novembro de 1854.

« Em 25 do mesmo mez embarcou para o vapor *Amazonas*, e passou para a corveta *D. Izabel* em 15 de Septembro de 1856; para o brigue *Itaparica*, a 15

de Outubro seguinte; para o vapor *Thetis*, a 5 de Março de 1857. Destacou para o brigue-escuna *Xingú* a 11 de Julho, e regressou para o vapor *Thetis* a 17 do mesmo mez; desembarcou no Pará a 19 de Julho dito e seguiu para a Côrte, onde se appresentando a 10 de Agosto, foi nomeado a 11 para embarcar na corveta *D. Izabel*.

« Foi promovido a 2º tenente por decreto de 22 de Septembro de 1857.

« Passou para o vapor *Recife* a 25 do referido mez; para o *Paraense*, a 20 de Maio de 1858; para o brigue-escuna *Olinda*, a 15 de Agosto do dito anno; para a corveta *Bahiana*, a 8 de Dezembro do referido anno.

« Nesta corveta seguiu em viagem de instrucção á Europa, de onde regressou em 20 de Dezembro de 1859, preso á disposição do quartel-general da marinha.

« Por ordem do dia do mesmo quartel-general, de 22 do dito mez, foi mandado pôr em liberdade, e passou para o vapor *Recife*, o que se effectuou no dia seguinte.

« Passou para a corveta *Bahiana* a 28 de Janeiro de 1860; para a canhoneira *Ivahy*, no 1º de Março seguinte; para a *Araguary*, em 8 de Abril; para o vapor *Ypiranga*, a 25 de Abril dito; para a canhoneira *Iguatemy*, em 23 de Outubro.

« Promovido a 1º tenente por decreto de 2 de Dezembro do mesmo anno de 1860.

« Baixou ao hospital em 12 deste mez, desembarcou em 14 dito, teve alta a 22 e a 27 foi nomeado para ir servir na estação naval do Maranhão.

A 8 de Janeiro de 1861 appresentou-se a bordo do vapor *Pedro II*, afim de seguir para sua commissão, e a 31 deste mez passou, na Bahia, para o paquete a vapor *Oyapock*, no qual concluiu a viagem ao Maranhão, onde passou a servir na corveta *União*, em 5 de Fevereiro seguinte. Desembarcou alli em 20 de Outubro seguinte, e, no paquete a vapor *Paraná*, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se appresentando em 6 de Novembro, foi nomeado a 11 para embarcar no vapor *Viamão*. Passou para a canhoneira *Araguary* em 7 de Dezembro do dito anno; para o vapor *Jequitinhonha*, a 13 de Abril de 1862; para a corveta *Bahiana*, em 14 de Julho seguinte; para o vapor *Magé*, a 2 de Dezembro do referido anno; para a corveta *D. Januaria*, a 13 do dito mez; para a canhoneira *Iguatemy*, a 5 de Fevereiro de 1863; para o corpo de imperiaes marinheiros, a 7 de Novembro seguinte, e para a canhoneira a vapor *Araguary*, a 30 deste ultimo mez. Gozou de uma licença de favor desde 26 de Dezembro do dito anno até 10 de Janeiro de 1864.

« Passou para o vapor *Amazonas* a 20 de Fevereiro seguinte, e, para a *Parnahyba* a 8 de Septembro do dito anno.

« Commandou interinamente esta canhoneira de 23 do dito mez a Dezembro seguinte.

« Da circular do quartel general da marinha n.° 21, de 17 de Março de 1865, consta que este official desembarcou com a força de marinha que atacou e tomou a cidade de Paysandú.

« Passou para a corveta *Bahiana*, em data que não consta; para o transporte a vapor *Princeza de*

Joinville a 22 de Junho de 1865, e para a canhoneira a vapor encouraçada *Tamandaré*, a 8 de Julho seguinte.

« Falleceu no combate de Itapirú, segundo communicou a secretaria de marinha em 3 de Maio de 1866.

« Nada mais se contém no assentamento a que me reporto. Quartel general da marinha, em 11 de Maio de 1866.—(Assignado) *José Duarte da Ponte Ribeiro*, capitão tenente secretario.»

E' uma triste verdade, porém nada mais se contém nesta malaventurada fé de officio, que acabamos de reproduzir por copia mui veridica e fiel.

O registro que guarda o nome de um dos mais valentes filhos do Brasil, morto na defensão da causa da patria, guarda tambem a memoria do menospreço ou injustiça do poder.

Abundante na menção de factos *prima facie* prejudiciaes ao esforçado 1.º tenente Vassimon; testemunhando até a reprovação menos justa que soffreu no segundo anno do seu curso academico e esquecendo essa vocação decidida que o reconduziu insistente ao mesmo curso; depois de extensa linha de serviços accumulados pelo patriotismo, a fé de officio de Francisco Antonio de Vassimon cala os melhores feitos, e o criterio da imparcialidade póde bem chamá-la — um attestado de ingratidão nacional.

Dando de mão aos primeiros vinte e oito annos da vida desse moço, que antes de tudo se recommenda pela nobreza e independencia de caracter, raras vezes olhadas com bons olhos pelos eternos e cégos adoradores do principio da autoridade, mote com que procuram apadrinhar abusos e arbitrios,

procuremos reavivar os factos em sua pureza e verdade despindo-os da apparencia enganosa com que os cobriu a maldade e porventura a inveja dos homens.

No dia 24 de Abril de 1864 sahiu do Rio de Janeiro para Montevidéu a fragata *Amazonas*.

Entre os officiaes de sua guarnição ia o 1.° tenente Francisco Antonio de Vassimon.

Quando dahi ha mezes a mesma fragata voltava a este porto, offerecia-se opportunidade a Vassimon para vir abraçar sua familia.

Acceitou-a elle?

Não. E afferindo daqui a sua dedicação ao seu paiz, e o seu zelo no cumprimento dos seus deveres, cumpre registrar o seu comportamento em taes circumstancias.

Pediu passagem para a canhoneira *Parnahyba*, que ficava no Sul.

E' que elle, antepondo sempre o exacto desempenho de suas obrigações de soldado aos proprios e louvaveis sentimentos de familia, estava costumado a refrear o bater do coração para ouvir o que severamente lhe dictava a sua rasão esclarecida.

Ficou e dentro em pouco deram-lhe o commando interino da *Parnahyba*.

Este facto, quando apenas o merecimento pessoal recommendava o moço 1.° tenente, quando para Vassimon não havia outro patrocinio além do proprio merito e aptidão, parece ter sido o ponto de partida para o ciume que mais tarde se desenvolve e vem progressivamente prejudicando o nome do intrepido official hoje finado, e ainda hoje atacado em sua memoria.

No dia 5 de Dezembro, o commandante interino da *Parnahyba*, em cumprimento das ordens que recebera do vice-almirante, barão de Tamandaré, acabava de tomar posição em frente a Paysandú, entre a praça e a canhoneira franceza *Décidée*, quando o commandante desta dirigiu-se a bordo do seu vaso.

Vinha o commandante francez com a pretenção de significar aos nossos que era inconveniente e desattenciosa a posição que tomára a *Parnahyba*, e de facto extranhou que a canhoneira se interpuzesse entre elle e a terra.

Vassimon respondeu que lhe tinha sido designado aquelle logar pelo seu almirante, de quem unicamente recebia ordens, e que, sem elle lh'o ordenar, não levantaria ferro.

Então o commandante da *Décidée* tomou certo aspecto de autoridade:

— Pois bem, disse, logo que começar o bombardeio, si algum estilhaço tocar no meu navio, farei fogo sobre a *Parnahyba*. E desde já lhe advirto que toda a minha gente é myope.

— Póde fazê-lo a seu salvo, senhor commandante, retorquiu o 1.º tenente da marinha brasileira; nós temos a bordo duas baterias, uma para terra e outra para responder-vos. E posso garantir que vos haveis de dar por satisfeito com a nossa resposta, pois toda a minha gente vê perfeitamente.

A esta resposta firme e resoluta, o official francez conheceu que se illudíra bastante na opinião que formára a nosso respeito. Bateu amigavelmente no hombro do 1.º tenente e proferiu estas textuaes palavras:

— *Comme vous y allez, mon petit commandant! c'est bien! nous restons bons amis. Mais je vous prie, ne dites pas rien du tout à l'amiral.*

O 1.º tenente Vassimon respondeu-lhe que faria o que lhe cumpria fazer, e, depois de accompanhar o extrangeiro ao portaló, foi a bordo da *Nictheroy*, navio chefe, e deante do estado maior referiu ao vice-almirante a occurrencia, que foi recebida com geral approvação.

Voltando para bordo da canhoneira de seu commando, Vassimon assestou as baterias e tudo dispoz para o glorioso papel que no dia seguinte desempenhou a *Parnahyba*, só egualada então pela *Belmonte*.

Outro, porém, que não elle, devia aproveitar-se do trabalho, e, o que é mais, recolher as glorias, que pertenceriam ao moço commandante.

O *sic vos non vobis* do poeta repetiu-se mais uma vez.

Na madrugada do dia 6 de Dezembro teve de desembarcar á frente de 40 imperiaes marinheiros, fazendo parte da força commandada pelo tenente Montaury.

Entrou em acção, occupou uma das trincheiras e combateu desde as 7 horas da manhã até ás 7 1/2 da tarde desse glorioso dia 6, e na retirada, que á noite se lhe ordenou, ficou contuso em uma perna por uma carreta de peça, do que resultou ser levado para bordo, onde esteve 5 dias doente.

Dias depois tiraram-lhe o commando da *Parnahyba* e mandaram-no para bordo da *Bahiana*, fundeada em frente de Montevidéu.

Receios de que o moço conquistasse justa suprema-

cia sobre alguns invejosos companheiros, que no entanto gosavam das graças do poder, arredaram-no do theatro da acção, em que ao certo se illustraria de modo tal que involuntariamente iria offuscar o luzir da mediocridade.

A injustiça toma vulto. A lista dos valentes de Paysandú não trouxe o nome de Vassimon.

No Rio de Janeiro alguem reclamou do então ministro da marinha, conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima, a reparação do olvido. O ministro pediu informações ao commando das nossas forças navaes no Prata: as informações não vieram.

Acconselharam ao official prejudicado que se dirigisse pessoalmente ao vice-almirante, de sorte alguma participante do procedimento injusto, que sanccionára com o seu nome honrado.

O vice-almirante declarou que ordenára que fosse incluido o seu nome na parte official, e mandou reparar o mal feito.

A menção assim obtida é no entanto de um laconismo tal e tão esmagador, que parece adrede preparada para produzir o desejado effeito — obscurecer o merecimento real e incontestavel.

Diz ella:— « Esqueceu mencionar na ordem do dia o tenente Vassimon, que desembarcou. »

Em Montevidéu, sob as ordens do chefe Gomensoro, prestou novos serviços no reconhecimento das fortificações da praça.

No assentamento official nada se menciona a tal respeito.

Francisco Antonio de Vassimon, não condecorado

pela parte importante que tomou na primeira jornada de Paysandú, nem por isso avulta menos nas scenas patrias.

A consagração do seu valor chegou a final.

Delle se diz tudo, dizendo-se que foi o immediato de Mariz e Barros a bordo do couraçado *Tamandaré*.

Fez parte da invicta trindade sacrificada no Paço da Patria em holocausto á causa da liberdade.

Si já começou para elle a justiça da posteridade, ainda hoje repousa o seu corpo no solo extranho de Corrientes.

FRANCISCO JOSÉ DE LIMA BARROS.

FRANCISCO JOSÉ DE LIMA BARROS.

E' occasião de rememorar a gloriosa batalha naval, dada a 11 de Junho de 1865 no rio Paraná, acima das Tres Boccas, juncto ao pequeno rio denominado Riachuelo, entre nove vapores e outras tantas chalanas paraguayas, e a nossa esquadrilha commandada pelo distincto chefe de divisão Barroso.

Dia de gloria foi aquelle, em que a marinha brasileira mostrou que a arte da guerra não é uma novidade para ella, que tambem sabe bater-se e vencer.

Cada official, cada soldado, cada homem, emfim, que alli pelejava, teve o seu quinhão de gloria; a

todos coube uma parte mais ou menos honrosa no combate; a victoria foi de todos.

Mas no meio da peleja, no mais animado da briga, um incidente veiu lançar um ponto negro sobre a dourada téla, em que se desenhavam tão heroicas façanhas.

O vapor *Jequitinhonha*, um dos da nossa esquadrilha, havia encalhado em um banco proximo á margem opposta, fortificada pelos inimigos, que, ao vê-lo sem acção, redobraram de esforços para mettê-lo no fundo.

Entremos neste navio, subamos-lhe ao tombadilho; o que vemos? Por toda a parte trabalha a guarnição, todos porfiam: uns fazem inauditos esforços para pôr a nado o navio, outros nos seus respectivos postos fazem vomitar a artilharia contra a proxima costa balas que varrem aos centos os ousados inimigos.

Commanda o rodizio de prôa um joven official, apoucado na edade, mas crescido, assoberbado no valor, o qual faz prodigios, excitando, por seu sangue-frio em tão arriscado lance, a coragem dos seus companheiros e dos marinheiros que sollicitos lhe cumprem as ordens.

Este official era o guarda marinha Francisco José de Lima Barros, que bateu-se desde as oito horas da manhã, quando começou a lucta até ás tres da tarde, quando uma bala da artilharia inimiga levou-lhe a cabeça e com ella a vida, uma vida tão cheia de heroismo no presente, tão rica de esperanças no futuro!

Era bello de ver essa creança de 18 annos collocada no ponto mais descoberto de um navio, guar-

dando seu posto de honra, no proposito firme de vencer ou morrer!

Ha desses momentos na vida.

Parece que uma força extranha, divina, apodera-se do homem e fá-lo subir, subir a entestar com os astros! E astro era elle: meteóro fulgente que, si um momento luziu e apagou-se, é que, si assim não fôra, o proprio sol, que, ao esconder-se naquelle dia, mandou no orvalho da noite lagrymas ao seu irmão, seria invejoso de tão deslumbrante brilho.

Desde que começou a nossa campanha com o Estado Oriental, partiu o joven guarda marinha para Montevidéu na corveta *Bahiana*, a bordo da qual começou a revelar muita coragem, offerecendo-se sempre para as mais arriscadas emprezas.

Quando se deu o glorioso feito de Paysandú já o valente moço ardia por ajunctar-se aos seus companheiros, que naquelle dia desembarcaram, e que tanto se distinguiram na tomada daquella praça fortificada: mas não queria pedir, porque sua divisa era, como elle mesmo dizia:—*nunca pedir nem rejeitar serviço.*

Finda a questão Oriental, embarcou o joven Lima Barros no vapor *Jequitinhonha*, sendo por seu commandante requisitado de bordo da corveta *Nictheroy*, a cuja officialidade então pertencia.

Foi um dia de grande prazer para o moço aquelle em que passou para um vapor, que ia immediatamente sahir, fazendo parte de uma esquadrilha encarregada de guardar dos inimigos um ponto do rio, ou rechaçá-los, si os encontrasse. Em sua ardente imaginação já antevia talvez a gloriosa partilha, que lhe caberia a primeira vez, que entrasse em fogo.

O *Jequitinhonha* seguiu seu destino e o joven guerreiro, o lidador esforçado não desmentiu o juizo, que delle formavam seus collegas, antes assombrou-os com os seus actos de bravura, com sua morte no posto de honra, que lhe haviam confiado.

A' Historia cumpre registrar, e aos que lhe sobreviveram imitar feitos que tanta honra trazem aos que os praticam, como gloria á nação, que se desvanece de ter filhos taes como o destemido guarda marinha Francisco José de Lima Barros.

Francisco José Lima Barros, filho legitimo de Francisco José de Lima Barros, era natural do Rio de Janeiro. Nasceu no dia 20 de Janeiro de 1847.

Contando apenas 10 annos de edade, matriculou-se no imperial collegio de Pedro II, onde frequentou com muito aproveitamento as aulas das materias, que compõem o primeiro e segundo anno daquelle estabelecimento, sendo tal o seu comportamento que os seus mestres admiravam que em tão tenra edade houvesse tanta reflexão.

Destinando-o seu pae para a vida do mar, começou o menino a applicar-se ao estudo das mathematicas e outros preparatorios, exigidos para a matricula da eschola de marinha.

Taes foram os progressos feitos por elle nos seus estudos que em pouco tempo havia-os completado. Não podendo, porém, entrar para a eschola por lhe faltar a edade marcada pela lei, foi obrigado a esperar até 1861, quando, tendo então 14 annos, foi admittido a prestar os exames preparatorios, nos quaes foi approvado com distincção, gráu que lhe foi depois sempre conferido nos seus exames do curso da eschola.

Em 1863, tendo completado seus estudos theoricos, foi promovido a guarda marinha e seguiu para a Europa em viagem de instrucção. Em 1864 regressou daquella viagem, e, examinado e approvado, seguiu no mesmo navio para o Sul.

O termo da curta historia do guarda marinha Lima Barros todos sabem, já não é mais preciso dizê-lo.

Era bom filho, extremoso e obediente, amigo sincero e desvelado. O genio das aspirações havia-lhe cingido a fronte com o diadema da reflexão da edade madura.

FRANCISCO MARIA DOS GUIMARÃES PEIXOTO.

FRANCISCO MARIA DOS GUIMARÃES PEIXOTO.

Francisco Maria dos Guimarães Peixoto, filho legitimo do barão e baroneza de Iguarassú, nasceu a 12 de Março de 1826 a bordo da náu *D. Pedro I*, surta no porto da Bahia.

Seus paes alli se achavam, accompanhando SS. MM. Imperiaes, na viagem que fizeram a essa tão bella como guerreira provincia.

Com o baptismo, que lhe foi conferido a bordo da náu, seu primeiro e honroso berço, lhe foi tambem conferida a honra de haver como padrinhos S. M. o Imperador D. Pedro I e a Serenissima Princeza D. Maria da Gloria, mais tarde rainha de Portugal.

Aos seus 10 annos, em 17 de Julho de 1836, partiu para França, cursou as aulas do real collegio de S. Luiz com o maior aproveitamento, e de lá voltou, em 15 de Dezembro de 1841.

Nessa épocha, mostrou o então joven Peixoto a mais firme vocação pela carreira das armas, vocação que seu pae tentou contrariar, por conhecer quão ingrata essa carreira havia sido em seu paiz.

Foram em vão as tentativas. A mão fadada para o sceptro, e mais fadada para a espada, tocára a fronte do tenro infante, na pia baptismal, e ao tocá-la, não podia deixar de insuflar-lhe, com a fé, a centelha sagrada de heroismo, que deveria torná-lo um dos primeiros, entre os primeiros da patria. Sigamo-lo.

O dia 22 de Fevereiro de 1844, foi o escolhido pelo esperançoso joven para seu alistamento. E com effeito, desde esse dia, se contou nas fileiras do 1.° batalhão de infantaria com esse braço enthusiasta e valente, para defeza de seu estandarte; e a patria? essa continuou a contar com o culto heroico, que no distincto 1.° cadete facilmente se antevia.

Logo depois do seu alistamento seguiu o curso de sua arma, com geraes approvações, na academia militar desta Côrte, e, em 20 de Março de 1847, era um dos escolhidos para fazer parte da guarda de honra, que accompanhou a Macahé S. M. o Imperador.

Promovido ao posto de alferes em 7 de Septembro de 1847, não tardou em distinguir-se por sua possante intelligencia, seu amor á disciplina e respeitoso acatamento ao governo do paiz.

A reconhecida firmeza de tão nobres, tão integros principios, valeram ao distincto official a inteira confiança dos differentes governos, que, no decurso dos ultimos 20 annos, presidiram aos destinos do Imperio.

Assim, em 25 de Novembro de 1847, foi mandado em commissão á provincia do Rio Grande do Sul.

Em 26 de Abril de 1849, marchou com seu batalhão para a provincia de Minas.

Em 11 de Fevereiro de 1851, foi novamente mandado em commissão á provincia do Rio Grande do Sul.

Em 22 de Fevereiro de 1854, foi mandado em commissão a Montevidéu.

Em 11 de Dezembro do mesmo anno, foi nomeado instructor dos recrutas, que formavam a eschola do morro do Cavallão, em S. Domingos, logar que só exerceu por 12 dias, porque, no dia 25 do mesmo mez e anno, foi mandado em commissão ao Paraguay.

Em 10 de Janeiro de 1856, marchou com o seu batalhão para a Bahia, e, tendo sido promovido a tenente em 2 de Dezembro, já no dia 15 do mesmo mez e anno, marchava com o visconde de Camamú, em outra commissão para o Rio Grande do Sul.

Em 15 de Novembro de 1858, desposou nesta Côrte D. Hermelinda Campos dos Guimarães Peixoto, e a 21 do mesmo mez, seis dias apenas depois de seu casamento, lá marchava com sua esposa para a provincia do Pará, a desempenhar as funcções de ajudante de ordens do presidente da referida provincia.

Foi promovido a capitão da 7.ª companhia, e sempre do 1.º batalhão de infantaria, em 2 de Dezembro de 1859, e, em 15 do mez de Agosto de 1860, ainda teve de marchar em outra commissão para a provincia do Paraná.

Em 21 de Fevereiro de 1864, completou este distincto official 20 annos de honrosos e bons serviços; foi condecorado com o habito de Aviz, e constantemente elogiado pela intelligencia, honra e zelo com que se houve, nas importantes commissões, que lhe foram confiadas.

E, entretanto, a brilhante estrella do bravo capitão, como que teve o cuidado de occultar-se, para fulgir radiosa sobre a patria, quando do fulgor de seus raios a patria carecesse. Vêde! Os mais virentes louros ceifados em Paysandú, foi elle que os ceifou, por isso que, com um punhado de bravos se tornou — o formidavel, o primeiro entre os raios que a vingança do Imperio arrojou, contra essa soberba praça de hontem, montão de ruinas de hoje . . . .

Ferido e mutilado desde o começo da acção, nem um só momento abandonou seu posto de honra, e por isso, e por devida homenagem a tal bravura, lhe fez o governo do Imperio a justiça de condecorá-lo com o habito da imperial ordem do cruzeiro em 11 de Março de 1865, e de promovê-lo ao posto de major commandante da guarnição de S. Paulo em 14 do mesmo mez e anno.

Mal restabelecido ainda do ferimento recebido em Paysandú, é mandado para Corrientes, e ahi, no ataque que pelo general Paunero foi dado a essa

cidade, teve occasião de distinguir-se, com os bravos, que desde 3 de Outubro de 1864 o accompanham.

Depois, passando com o seu bravo e inseparavel contingente para bordo do *Jequitinhonha*, lá foi bater-se com a esquadra paraguaya, na memoravel batalha de Riachuelo.

O vapor *Jequitinhonha* encalhou, e esta desgraça, que se deu ao começar da acção, subiu de ponto, por se ter dado a tiro de revolver da bateria inimiga, que no mesmo instante lhe jorrou em cima um fogo infernal.

Não era tudo. Tres vapores inimigos julgaram a presa facil e voaram á abordagem.

Que seriam bem recebidos, podiam desde logo affirmá-lo todos aquelles que sabiam que a bordo do *Jequitinhonha* estava com seus bravos o denodado Peixoto.

De facto, a lucta, lucta de horrores, lucta de vida e morte, travou-se peito a peito; mas de tantos e tão ousados como os aggressores eram, nem um só, graças ao intrepido Peixoto, conseguiu tocar o tombadilho desse vaso, gloriosa trincheira de valentes.

Depois de Riachuelo, passou o major Peixoto, sempre com o seu contingente, com esse punhado de bravos, que, filhos de seu batalhão, e como si proprios filhos foram, com elle e delle apprenderam virtudes e bravura, passou, diziamos, para bordo do *Ypyranga*, tomando parte digna, nas terriveis, mas gloriosas, passagens de Cuevas e Mercedes.

Em seguida foi elle requisitado pelo marechal Ozorio, hoje barão do Herval, para tomar o com-

mando do 1.º batalhão de infantaria de linha, seu antigo, seu presado batalhão.

Não se resolveu, porém, o vice-almirante a consentir na partida de tão valioso auxiliar, e, em virtude de recusa que appresentou, se suscitou um caloroso debate, entre os ministerios da guerra e da marinha, no qual cada um delles se esforçou em fazer valer o direito que lhe assistia, para conduzir a seu lado tão distincto official.

Que viva o major Peixoto de legitimo orgulho, que póde tê-lo. Fóros — desses bem dignos de inveja, desses que deram glorioso nome a homens de outras éras, ahi lhe foram conferidos, nessa correspondencia official, por juizes competentes e insuspeitos; e sinão vejamos. De um lado o barão do Herval, o commandante em chefe de 30 a 40,000 homens, não póde dispensar os serviços desse bravo official; do outro é ao visconde de Tamandaré, ao commandante em chefe de uma esquadra, desse, que a um só signal póde disparar dezenas de canhões, como se dispára um revolver, a quem o mesmo official, o distincto major Peixoto, se torna egualmente indispensavel!

Estes são os fóros que se não compram.

Continuemos. O governo do Imperio annuiu por fim ás reclamações do barão do Herval, e o major Peixoto foi desde logo nomeado commandante da guarnição da cidade de Corrientes, commando que conservou bem perto de tres mezes, e que só abandonou para atravessar o Paraná.

Ahi, ao saltar em terra paraguaya, pôde distinguir-se de novo com seu intrepido batalhão, que,

como leal testemunho de sua incontestavel bravura, mostrou prostrados no campo da batalha, o valente capitão Pereira de Carvalho com 26 soldados mortos, e 65 feridos ! !...

Em 3 de Junho deste anno veiu dizer-nos o *Arno*, que não dormiu sobre seus louros o bravo major Peixoto, pois que, a 24 de Maio, na tão gloriosa batalha de Estero Bellaco, mais uma vez, depois de tantas, havia com seus filhos, com seu intrepido batalhão, bem merecido da patria.

A camara dos deputados, em sessão de 13 de Junho de 1866 consagrou um voto de sentido pezar pela morte desse bravo : a sua morte corria como certa.

Não morreu;— é vivo ainda, e é grato poder asseverá-lo. A' bondade infinita de Deus deve o Brasil a vida preciosa de tão extremoso filho. O sangue, sangue glorioso do 1.º batalhão de infantaria correu a jorros—mas commandante e commandados só pensavam na immarcessivel gloria de o verter.

Eram 148 os bravos que de menos se contavam nas fileiras nobres do 1.º batalhão, e, entre os que de menos se contavam, estava o intrepido Guimarães Peixoto, a quem seu denodo e feridas conferem um logar de honra entre a veneranda cohorte de valentes desse dia.

Foram cinco os ferimentos recebidos, ferimentos que do fundo da alma lamentamos, mas que se tornaram cinco titulos de gloria que ninguem poderá roubar-lhe !

Ferido por quatro balas e um foguete a congreve — quasi encadeado pelos grilhões da morte — são seus companheiros d'armas que o transportam do

campo, onde com seu sangue regáva a mais nobre palma que lhe cinge a fronte.

E' assim, é desta fórma, que devia abandonar os campos de batalha esse valente que tem sabido talhar á espada as suas glorias e as da patria.

HENRIQUE FRANCISCO MARTINS.

HENRIQUE FRANCISCO MARTINS.

Apreciando os factos e as circumstancias que chegaram ao nosso alcance, historiando-os com a verdade, que num trabalho desta ordem torna-se tão necessaria, nós intentamos escrever a biographia de um dos mais illustres officiaes da nossa armada, morto gloriosamente na campanha do Uruguay.

Si sua vida não offerece longos detalhes, si a sua missão sobre a terra foi breve e transitoria, não deixa comtudo de ter um merecimento real, porque suas pegadas ficaram impressas no caminho da honra e dignidade, que elle soube sempre seguir.

Henrique Francisco Martins nasceu em Abril de 1832.

Foram seus paes Manoel Francisco Martins e D. Maria Theodora de Menezes, que, destinando-o á carreira maritima, pela qual elle sentia a mais viva inclinação, fizeram-no estudar todos os preparatorios exigidos para matricular-se na academia de marinha.

Por aviso da secretaria do respectivo ministerio, de 2 de Agosto de 1848, foi elle alli admitido como alumno interno, assentando-se-lhe praça de aspirante a guarda marinha, já estando matriculado no 1.º anno na qualidade de alumno externo. Fez exame das materias deste anno em 15 de Novembro, e nellas foi approvado, bem como em apparelho aos 21 do dito mez, matriculando-se depois no 2.º anno e na aula de desenho em 1849.

Matriculou-se em seguida e gradualmente nos outros annos, em que sempre se distinguiu por sua applicação e intelligencia, até que sendo promovido ao posto de guarda marinha por aviso de 25 de Novembro de 1850, foi em virtude da ordem do quartel general e nomeação do commandante da academia de marinha appresentar-se a bordo do brigue *Oriente* naquella data afim de seguir para o Rio da Prata.

Passou para o vapor *Golfinho* em 22 desse mez, e depois para a corveta *D. Januaria* a 30, sendo condecorado com a medalha de prata n. 1 creada por decreto de 1.º de Abril de 1852, pelos importantes serviços que prestára na campanha do Sul.

Esteve ainda nas corvetas *D. Francisca*, *Bahiana*, *Imperial Marinheiro* e *Euterpe*, sendo promovido ao posto de 2.º tenente por decreto de 26 de Fevereiro de 1853.

Elevado ao posto de 1.º tenente por decreto de 2 de Dezembro de 1857, passou a servir no corpo de

imperiaes marinheiros em 4 de Janeiro de 1859, destacando para o vapor *Amazonas* a 25 do mesmo mez. Então foi designado para fazer parte dos officiaes que accompanharam Suas Magestades Imperiaes ás provincias do Norte do Imperio, sendo mandado elogiar pelo bem que desempenhou tão honrosa commissão.

Condecorado com o habito de cavalheiro da ordem da Rosa em virtude do decreto de 14 de Março de 1860 por importantes serviços militares, que prestára, casou-se nesse mesmo anno com D. Maria Josepha da Silva Fraga, seguindo em 1863 para o Rio da Prata, aonde a nossa dignidade offendida pedia ao Brasil a justa reparação das injurias que nos tinham sido assacadas.

Nomeado ahi commandante interino da canhoneira *Parnahyba* em 11 de Dezembro de 1864 pelo vice-almirante visconde de Tamandaré, chefe das nossas forças navaes, elle soube sempre distinguir-se pelo seu zelo e actividade, até que, seguindo a esquadra a bombardear a praça de Paysandú, recebeu ordem para desembarcar e assestar uma bateria de 2 peças Withworth, em cujo desempenho mostrou a maior coragem e bravura.

Na occasião em que fazia fogo sobre aquella praça, indo o seu companheiro e amigo 1.º tenente Freitas visitar a bateria, disse-lhe Martins:— *Freitas, consegui muito da guarnição destas duas raiadas; nenhum homem se conchega á trincheira quando vê a bala inimiga.*

Era o resultado da sua pericia, a gloria do seu denodo e coragem!

Ha ainda uma circumstancia muito notavel que convém não passar desappercebida. Os presentimentos

são quasi sempre o prenuncio de alguma fatalidade. Martins estava intimamente convencido, segundo affirmára aqui o immortal Mariz e Barros, de que elle não poderia escapar naquelle dia, porque contava com a morte a cada momento; mas com um imperturbavel sangue frio, affrontando todas essas previsões do coração, elle dizia aos seus companheiros a cada tiro que disparava o inimigo:— *E' aquelle que tem de matar-me!...*

Sublime abnegação da vida! Heroicidade no cumprimento de um dever! Todavia, nem um instante elle deixou de conservar-se no seu posto de honra, estando sempre a peito descoberto juncto ás suas peças, quando a sua cabeça foi levada por uma bala de artilharia, na occasião em que verificava uma pontaria!

Eis o que seu respeito escreveu o 1.º tenente Freitas, dando parte desse fatal accontecimento:— « Os inimigos não tinham espoletas de artilharia, trabalhavam com morrão, de modo que, quando applicavam ás peças, que estavam descobertas, annunciavam com antecedencia o tiro.

« Ao passo que os officiaes e guarnições abrigavam-se muitas vezes ás trincheiras, que haviam feito com saccos de terra, o 1º tenente Martins appresentava-se sempre a peito descoberto juncto ás suas peças.

« Foi geralmente sentida a morte desse bravo official, e aquelles que de perto o conheciam, viram expirar com elle algumas esperanças para a regeneração da nossa marinha.

« Si existisse alguns annos mais, seria um dos

mais fortes esteios da corporação; para isso sobrava-lhe intelligencia, applicação, energia e bravura. Com a sua morte, perdeu a armada um distincto official, a sociedade um cidadão honrado, e o paiz um filho prestimoso. »

Que se poderá dizer de mais, em vista de palavras tão sinceras e leaes? O Brasil aprecia devidamente o merecimento de seus filhos, e saberá perpetuar a memoria daquelles, que, como Martins, tão relevantes serviços prestaram á causa do seu paiz.

O nosso governo, por seu lado, não se descuida em pagar a divida de reconhecimento que contrahimos para com esses heróes, fazendo tudo o que está ao seu alcance; e nós deixamos aqui escriptas estas palavras como um tributo de admiração, uma homenagem cordial á coragem e bravura de uma das glorias da marinha brasileira.

JACOB JOSÉ DOS SANCTOS.

JACOB JOSÉ DOS SANCTOS.

As glorias na obscuridade são as glorias mais fecundas.

Encerradas no ambito acanhado dos interesses pequenos e egoistas, que dão em geral o cunho das acções do homem, pela propria força de expansão, conhecendo-se limitadas por um circulo de ferro, adquirem um movimento irresistivel, e innundam de luz e brilhantismo a esphera em que se exercitam.

Assim um nome desconhecido é muitas vezes fóco de irradiações explendidas.

E o soldado da sombra, aquelle que se eleva da

infima camada social, parece surgir sempre cercado de maior aureola, porque se destaca da treva, emquanto as glorias da alta sociedade, conhecidas e a todo momento apregoadas, perdem de explendor e de lustre aquillo que adquirem de extensão e de applauso; descóram e empallidecem ao brilho dos sóes de cada dia.

O homem que dá assumpto a este mesquinho esboço biographico era para a sua propria terra menos que um nome, e o Brasil inteiro reconhece-o hoje como autor de uns feitos mais que heroicos.

Luctou braço a braço com o phantasma terrifico da sombra — a obscuridade.

Ameaçava absorvê-lo o Nada — essa potencia desconhecida dos grandes e felizes da terra e que de continuo alonga os braços fatidicos para a informe massa humana e a arrebata para o seu torvelinho.

Veiu, no entanto, a mais subida e desinteressada virtude da humanidade — o amor da patria, e estendeu-lhe um dia a mão, poderosa e viril como a dextra de Pallas, e o personagem desconhecido e ignorado appareceu radiante aos olhos do Brasil que o recebeu e o admira.

Espartaco era apenas um escravo, uma entidade que o direito de então não permittia que se chamasse pessoa, um objecto votado ao circo dos gladiadores para divertimento do povo, que dominava o mundo e que se aprazia no espectaculo do pugilato e da lucta corpo a corpo, como folgava mais tarde ao vêr despedaçar os sublimes escravos christãos lançados ás féras da arena.

Não tinha tradições nem vistas ambiciosas de renome.

Mas um grande movel o impellia, e, no momento dado, um exercito de mais de secenta mil homens o circumda, e aquelle que apenas procurava, armado com uma espada de theatro das portas de Capua, abrir caminho para sí e para os de sua condição até o solo da Thracia, até o solo da patria, derrota os pretores, devasta a terra dos senhores e espalha o terror em Roma.

E' que a causa da liberdade, accesa á luz do torrão natal, não costuma escolher as eminencias da sociedade para ahi armar cavalleiro ao seu mantenedor.

Basta-lhe armar um braço, ainda que com a espada da comedia, que sabe transformar em gladio tragico, e esse braço, a que communicou o seu espirito, torna-se instrumento inquebrantavel de seu poder e triumpho.

Ha nas paginas da historia brasileira tres nomes gloriosos, que, numa épocha em que o maior ou menor numero de avós accrescentava ou diminuia o merito do individuo, souberam conquistar memoria esclarecida, e, na phrase do principe dos poetas portuguezes, libertar-se da lei da morte.

Calabar, Henrique Dias, Philippe Camarão são mais uns como monumentos do Brasil do que simples heróes.

Perseguidos ou premiados, execrados ou ennobrecidos, são phanaes de nossa patria.

Um, antevendo a felicidade da sua terra na con-

solidação do poder extrangeiro; accreditando nos melhoramentos do hollandez mais do que nos do portuguez; collocado em um campo neutro, que lhe assignava o amor do seu paiz; representante do elemento propriamente nacional do seu tempo; vidente do futuro auspicioso que se abria com a entrada da industriosa raça saxonica no territorio que incarna em nossos dias a fabula do jardim da Hesperides, teve patriotismo bastante para arrostar a indignação dos contemporaneos e a injustiça dos vindouros, e recalcar a injuria e o labéu de traidor, acceitando aos olhos da posteridade severa e imparcial o papel de glorioso transfuga.

Os outros, soldados convencidos de uma embora falsa independencia, illuminados por uma crença em todas as circumstancias respeitavel e sagrada, fiaram do seu esforço a defeza do seu territorio ameaçado e invadido.

Porto Calvo e os Guararápes rememoram acções preclaras, prelios em todo caso immorredouros.

Pois bem, essa trindade, composta de um indigena, um mestiço e um negro, lá dos annos remotos em que floresceu, pede meças aos posteros e mostra-lhes como seus brazões os seus patrioticos exemplos.

Na grande assembléa moderna, em que tem assento a unica aristocracia dos nossos dias — a da intelligencia e a das acções generosas e honradas, todo homem que assim se nobilita tem o direito de acotovelar a mumia carcomida do privilegio de sangue, si é que ella ainda lá se appresenta.

Hoje, em questão de raças, dá-se apenas prefe-

rencia á dos animaes que teem de ser laureados nas corridas de Epsom ou á daquell'outros que devem obter os premios no Palacio da Industria.

O que fazer, si estes são os preconceitos da civilisação ?

« Paysandú não é uma povoação de pouca importancia, nem cidade mal edificada e guarnecida. Imagine-se um terreno, em pequeno declive, de mais de meia legua, em fórma de quadrilatero, cortado por muitas ruas, que correm parallelas e perpendiculares e nos sentidos norte, sul, éste e oeste. Ahi se acham os edificios, que, segundo as suas construcções nas cidades do Prata, prestam-se perfeitamente a baluartes, já pelas sotéas, que são verdadeiras trincheiras, já pelas grades de ferro, que resguardam as janellas de alto a baixo e impedem que sejam facilmente escaladas. O ponto principal e mais forte da cidade é a praça da matriz, que está a léste; nella desemboccam oito ruas, sendo duas por cada lado. Em cada uma dessas emboccaduras ha uma peça de calibre 18 para despejar balas ou metralhas sobre o inimigo que a investe.

« A matriz, que por si só occupa um dos lados da praça, é talvez maior egreja que qualquer das do Rio de Janeiro; está ella crivada de setteiras e cheia de munições e trem bellico. Em uma das suas torres tremulam duas bandeiras, uma das quaes encarnada, que diz: — inimigo á vista — e outra branca com a inscripção — viva a Republica. Na segunda torre fazem-se signaes para algum ponto da costa argentina, com o qual se communicam os

da cidade. Além da matriz, poderoso ponto de resistencia, ha mais proximo a ella e dentro da praça um forte a que chamam Baluarte da lei, onde está montada uma peça, e que domina, assim como a matriz, toda a cidade e campos circumvizinhos. Acha-se ainda o largo defendido por quatro sotéas guarnecidas por barricadas e fossos nas suas immediações.

« Duas ordens de entrincheiramento circumdam a cidade, occupando as ruas de lado a lado, guardando a primeira a distancia de quatro quadras (200 braças) da segunda pela parte do oéste. Nos mais lados essa distancia varía conforme a conveniencia. Formam as trincheiras muralhas de duas braças de altura e setteiradas, fossos de braça e meia de largura e duas de profundidade, e casas tambem setteiradas guarnecendo os flancos das muralhas. Alguns dos fossos acham-se cheios d'agua, bem como em algumas ruas existem barricadas. Essas casas que flanqueam as muralhas denominam-as cantões; são fortificadas, e nellas estão aquarteladas companhias de infantaria dirigidas por um official, superior ou não, conforme a importancia da posição. São quatorze os principaes cantões que defendem as trincheiras. Dous fortes portões e uma ponte levadiça dão sahida para fóra das linhas de fortificação. Cerca de 1,300 homens concentram-se na cidade, a que chamam o Sebastopol da America do Sul. »

Tal é a descripção da praça, primeiro theatro do nosso valor na campanha do Uruguay, descripção que fomos pedir a uma testemunha e parte no feito que recordamos.

No dia 4 de Dezembro de 1864, pelas 4 horas da tarde de bordo dos navios da nossa esquadra *Recife* e *Beberibe* desembarcou no arroio Sacra, meia legua ao sul de Paysandú, afim de accampar ao oeste da cidade, uma força de mais de tresentos homens: duzentos e cincoenta do 1°. de infantaria e fuzileiros navaes commandados pelo capitão Guimarães Peixoto, alguns marinheiros de guarnição a tres peças de campanha ás ordens do 1.° tenente Teixeira de Freitas e uma força de imperiaes marinheiros sob o commando do tambem 1.° tenente Francisco José de Freitas como protecção á artilharia.

O brigadeiro-general Venancio Flôres accampa na mesma posição com 600 homens.

A 6 as nossas canhoneiras estão em linha de combate: a *Belmonte*, ao norte da povoação, tem pela popa a *Parnahyba*; a *Araguay* no porto; mais abaixo a *Ivahy*, duas milhas adeante o *Recife*.

A's 5 horas da manhã o exercito põe-se em marcha sobre a cidade; ás 5 1/2 chega ao alcance do inimigo. As trincheiras e a fortaleza rompem o fogo.

A's 5 horas e 35 minutos pela parte de léste começa de jogar a artilharia dos atacantes, tendo tomado posição, mas joga lenta e pausada. A' direita e á esquerda as infantarias investem os cantões.

Parte do contingente brasileiro sob o commando do capitão Guimarães Peixoto marcha em columna aberta de pelotões, quando recebe aviso de que vae atravessar uma cochilha varrida pela artilharia da praça. O commandante dá voz de augmentar distancias e atravessa a cochilha.

A's 6 1/4 é mais vivo o fogo; o de infantaria é

de ambos os lados mortifero: o corpo do capitão Guimarães Peixoto dá a primeira carga de baioneta, desce a collina a marche-marche sobre o inimigo, que recolhe ao entrincheiramento e activa o fogo de fuzilaria, que dezima as nossas fileiras.

O general Flôres manda proteger a nossa artilharia por uma força oriental.

No entanto avançam os nossos sob os fogos do forte, da matriz e do flanco esquerdo do inimigo ainda emboscado fóra do entrincheiramento.

Mudando de direcção á esquerda, o contingente ás ordens do capitão Guimarães Peixoto, tendo-se-lhe reunido os pelotões ao commando do tenente Eduardo da Fonseca e 1.º tenente Francisco José de Freitas, investe agora em linha de atiradores e carrega de novo o inimigo, que recolhe de todo ás trincheiras.

A's 6 horas e 45 minutos avança a artilharia raiada pelo norte da praça. Fogo vivo dos sitiados.

A's 6 horas e 50 minutos começa o fogo de artilharia volante, sob o commando do tenente-coronel Ventura Rodrigues. A fortaleza responde.

A's 7 e 15 minutos desembarcam das nossas canhoneiras onze lanchas carregadas de tropa, aos sons de hurrahs e vivas ao Imperador: vae á frente da tropa o proprio vice-almirante barão de Tamandaré.

Dez minutos depois a columna brasileira marcha sobre a povoação e faz alto á bocca da rua principal.

Muda de posição a nossa artilharia e avança umas 500 varas.

Os nossos infantes chegam até uma muralha, á distancia de duas quadras da praça.

As balas de fuzilaria inimiga cahem sobre os nossos aos chuveiros.

Os soldados do Brasil já pisavam cadaveres de irmãos.

Parecêra natural que, invertidas as regras da tactica militar, sendo os atacantes em numero inferior aos atacados, procurassem um abrigo juncto desse muro contra o fogo vivo e mortifero dos sitiados.

Mas os momentos de demora foram apenas os momentos gastos em fazer desapparecer o obstaculo, que não guarida, aos golpes dos machados dos intrepidos imperiaes marinheiros.

O capitão Guimarães Peixoto foi ahi ferido na mão direita por uma bala certeira que debalde pretendeu arrancar-lhe da dextra essa espada costumada a allumiar o caminho da victoria.

Cahe a muralha, os batalhões invenciveis, a peito descoberto, aos brados de—viva o Imperador!—levam de vencida homens, muros e tropeços inimigos.

A's 7 horas e 45 minutos a infantaria brasileira avança em columna cerrada pela rua principal.

A *Araguay*, a *Belmonte*, a *Parnahyba* rompem fogo ás 8 horas.

Tres pontos á meia quadra da matriz são occupados pela nossa infantaria.

A's 8 e 10 minutos mette a conhoneira *Belmonte* a primeira bala na frente da egreja.

A's 8 e 20 minutos começa de jogar o rodisio de prôa da *Ivahy*.

Os nossos canhões de 68 mandam as emissarias da nossa desaffronta apregoar nosso direito dentro dos muros dos *blancos*.

Os nossos foguetes de congrève calam no amago da cidade e levam-lhe a convicção da legitimidade da nossa causa.

Bombas, granadas e foguetes formam uma abobada artificial.

A *Belmonte* abre brecha ao meio dia na trincheira á direita da egreja.

O inimigo bate-se com serenidade.

Os nossos occupam as posições conquistadas.

Só as canhoneiras até ás 3 horas empregam na praça 614 balas.

Continúa a lucta, até que ás 8 horas da noite recebem os nossos ordem para retirar em direcção ao porto em frente á esquadra.

Prodigios de valor haviam-se multiplicado nesse dia por toda a parte.

Mas as proprias leis da guerra mandavam que se sustasse no ataque.

Ir por deante não fôra valor, fôra demencia.

Era necessario prover a novos recursos, e esses estavam em marcha para o ponto sitiado.

No dia 8 de Dezembro, ás 7 horas e 40 minutos deu-se novo ataque sobre a cidade.

Neste e no combate do dia 6, 950 infantes brasileiros e *colorados* batem-se com 1,274 *blancos*.

Desde o dia 31 de Dezembro até 2 de Janeiro, 1,500 soldados nossos e 500 do general Flôres atacam ainda mais de 1,000 homens que formavam a guarnição da praça.

Inimigos perfeitamente fortificados pediam o decuplo de assaltantes.

No entanto a intrepidez dos nossos suppriu o numero deficiente.

Desde as 4 horas e 20 minutos da manhã do dia 31 até ás 8 e 30 minutos da manhã do dia 2 de Janeiro, pelejou-se uma batalha mui ferida, derribou-se um firme baluarte da tyrannia na America e immortalisou-se o nome brasileiro.

Cincoenta e duas horas durou o mortifero combate, pagina brilhante de feitos patrios.

A marinha imperial colheu ainda mais virentes louros.

O 1º tenente Henrique José Martins desembarcou quatro peças raiadas da corveta *Nictheroy*, duas de calibre 30 e duas de 12, e recebeu ordem de montar em terra uma bateria, proxima á de 32, assestada por Mariz e Barros, commandante do *Recife*, desde o dia 6, em que prestára serviços relevantes á causa dos nossos e fizera notavel damno aos sitiados.

Começa o fogo ao romper do dia.

A's 4 horas e 40 minutos a *Belmonte* sustenta a rara felicidade e acerto de suas pontarias sobre a praça.

Continúa o fogo de artilharia de parte a parte e prima de contínuo a bateria brasileira da Buena-Vista, onde elle é tão nutrido que mais parece de fuzilaria.

Era um verdadeiro volcão, envolto em fumo, a despejar torrentes de balas.

A's 5 horas e 40 minutos a infantaria colorada, que tem penetrado nos arrebaldes do norte e oeste da cidade, joga com duas peças volantes contra as trincheiras.

A's 7 1/2 horas, ao norte da praça, surge uma columna de infantaria brasileira.

A's 8 e 45 minutos penetra pelas primeiras ruas do norte um batalhão brasileiro.

A artilharia continúa com pequenas intermittencias.

A's 11 1/4 horas outro batalhão brasileiro entra pelo norte nas ruas da cidade.

Os incendios começam de lavrar na praça.

A's 11 1/2 horas accende-se a peleja na rua Real e immediações.

A 1 3/4 horas da tarde as trincheiras offerecem séria resistencia.

A's 3 horas anima-se o fogo de fuzilaria.

Os sitiadores avançam, avançam sempre.

As linhas eriçadas da nossa infantaria levam de vencida os defensores da praça.

Duas posições são tomadas immediatas aos canhões inimigos.

A's 4 horas, á uma quadra da praça pelo lado do norte, e pelo do sul a duas quadras e quasi em frente a um cantão inimigo, desenrolam-se e tremulam altivas duas bandeiras brasileiras.

Desde então o combate se torna frenesi e palmo a palmo conquistam os nossos e os *colorados* as posições do inimigo, que mais e mais se concentra.

Sustentam-se á noite as posições, gloriosamente conquistadas: reproduz-se vigoroso o ataque no dia 1.º: as vantagens são sempre nossas: a noite é de vigilancia: continúa o combate a 2, e logo ás 8 horas e 30 minutos os vivas á S. M. o Imperador do Brasil e ao exercito libertador eram levantados no centro de Paysandú pelos nossos soldados victoriosos.

Septecentos prisioneiros, dos quaes 97 officiaes, dous mil e tantos fuzis, septe peças de artilharia, munições, bandeiras e petrechos bellicos foram os despojos da batalha.

Si o oriental Goyo Suarez, vingando affrontas pessoaes, deslustrou a victoria dos seus com o assassinato de Leandro Gomes, o cavalheiroso Tamandaré, dando liberdade aos prisioneiros, lavrou um auto do nosso triumpho, comprado a custo do mais precioso do nosso sangue e sanccionado pela mais nobre e generosa acção que podem registrar fastos militares.

A parte official da tomada da praça diz, ao tratar do 3.° batalhão de infantaria:— « o soldado Jacob José dos Sanctos collocou com o maior denodo o estandarte brasileiro em uma das sotéas tomadas ao inimigo. »

Até ás 4 horas da tarde do dia 31 de Dezembro este homem, assim appresentado ao governo e ao paiz, era apenas um desconhecido.

Sabe-se que é filho do Brasil, mas a provincia que lhe deu o ser nem o conhecia.

Quasi que não teve paes.

O dia e anno de seu nascimento sumiu-se na densidade dos milhares de anniversarios dos membros da massa ignorada, a que se dá o nome de população.

Assim sua patria está naquella bandeira que primeiro fixou nas muralhas inimigas; alli ao intestar com os feros sitiados, sob uma chuva de balas, foi o seu nascimento e baptismo, duas vezes sagrados, pelo valor do guerreiro e pela sanctidade da causa.

O governo do Brasil pôz-lhe ao peito a venera de

cavalleiro do Cruzeiro, a mesma que pôz então ao peito dos valentes Guimarães Peixoto e Mariz e Barros.

Era a sociedade que abria os braços para o glorioso soldado da sombra.

JERONYMO FRANCISCO GONÇALVES.

JERONYMO FRANCISCO GONÇALVES.

Havia mezes que começára a campanha em que ainda hoje se acha o Brasil empenhado, quando, de uma das estações navaes do Norte do Imperio, chegou á Côrte um official da armada que instantemente pedia ao respectivo ministro o commando de um navio no theatro da guerra.

Construia-se então em um dos estaleiros da nação um pequeno vapor, destinado á navegação dos rios de pouco fundo. O official, apenas sabe desta noticia, dirige-se ao ministro e pede que lhe seja aquelle navio confiado.

Tendo obtido satisfactoria resposta á sua pretenção, soffrego conta os dias que ainda tem de esperar.

Emfim é o vapor lançado ao mar, armado e equipado, e, depois de receber no baptismo o nome de um bravo official, tambem da armada, é entregue á guarda daquelle a quem fôra promettido.

Quem era o mancebo que com tanta tenacidade sollicitava incumbir-se de uma tão ardua missão, como a de commandar um navio em tempo de guerra, e qual o nome do navio, é o que vamos dizer.

Todos sabem a historia da pujante resistencia ostentada no memoravel dia 10 de Abril pelos batalhões que occupavam a ilha fronteira ao forte de Itapirú, deante de mil paraguayos, que embalde tentavam assenhorear-se daquelle reducto; e, pois, ninguem póde ignorar o valioso auxilio prestado naquella occasião por um pequeno vapor, que ao raiar do dia postára-se entre a costa paraguaya e a disputada ilha, fazendo com certeiras pontarias calar as baterias do forte e da costa, as quaes, em desespero de causa, atiravam sobre a ilha, e, mettendo ao mesmo tempo a pique as chalanas inimigas, que, cheias de gente armada, buscavam covardemente fugir ao arrojo dos nossos.

Pois bem esse vapor era o mesmo a que acima nos referimos, era o *Henrique Martins*, e seu commandante, o distincto official que tanto sollicitára um commando, o 1.º tenente Jeronymo Francisco Gonçalves.

Eis como dá conta de uma parte do facto o illustrado correspondente do *Jornal do Commercio* desta Côrte:

« Na madrugada de 10, quando o assalto da ilha

fazia tremer a todos pela sorte dos poucos bravos que a defendiam heroicamente, a resolução prompta do 1.º tenente Gonçalves, commandante do *Henrique Martins*, foi digna de elogios e de admiração. Desde o desastre do *Tamandaré* a esquadra se tinha collocado a uma distancia respeitavel do forte de Itapirú.

« Dizia-se que podiam encalhar os navios, si se approximassem, em rasão de não saber-se onde era o canal. O valente e decidido moço, commandante do *Henrique Martins*, achando-se no mesmo ancoradouro em que estava a 3.ª divisão da esquadra, na hora do perigo da ilha, levantou ferro e interpoz-se entre a ilha e forte, sem receio de encalhar. Eu louvo aqui não só a bravura desse distincto official, mas a segurança com que naturalmente tomou elle aquella posição, porque estou certo que raciocinou então, calculando que o *thalueg* do rio era na margem visinha ao territorio paraguayo. A sciencia não podia falhar.

« E' principio da hydrographia que em todo o comprimento de um rio appresenta-se no curso delle este effeito ordinario — que a parte em que a corrente tem mais profundidade e mais rapidez (o *thalueg*) é constantemente do lado do leito em que a margem fórma uma concavidade, e onde geralmente tambem esta margem é mais abrupta. Formam-se, ao contrario, aterros para as partes convexas, e as margens são pouco profundas desse lado. Ora, as margens do rio, do lado de Itapirú, formam concavidades e são abruptas, entretanto que as oppostas (de Corrientes) são convexas, fazendo cotovellos, e demais teem menos inclinação, são mais planas. Logo o canal devia achar-se do lado mais visinho do Pa-

raguay que de Corrientes. Pensou, portanto, muito bem o joven commandante, quando, sem receio, metteu seu navio entre a ilha e Itapirú. E tanta rasão teve que a esquadra toda, depois da posse em que nos achamos do forte e do territorio, está fundeada a duas braças da margem do Paraguay, na enseada septentrional do promontorio em que se acha o forte. A audacia, pois, do tenente Gonçalves é das loucuras em que eu creio. Quero as loucuras raciocinadas, as loucuras dos sabios, e não as loucuras dos felizes. »

E não foi só essa a occasião em que aquelle brioso official tão opportunamente chegára onde se precisava delle e do seu navio. Além do importante apoio pelo *Henrique Martins* prestado anteriormente áquella data, foi o mesmo de não pequena utilidade para as nossas forças, procedendo a diversas e difficeis explorações e sondagens, e mais ainda, por occasião do desembarque dos exercitos alliados na margem paraguaya, entrando na enseada de Itapirú e rompendo sobre a costa, onde havia uma grande força de infantaria e artilharia inimiga, vivo fogo de bala e metralha.

Não ficarão ahi, ousamos affirmar, os valiosos serviços do *Henrique Martins* ao mando do 1.º tenente Gonçalves. A lucta ainda não está terminada, e quem assim enceta sua vida de guerra, promette ir muito além.

O 1.º tenente Jeronymo Francisco Gonçalves, filho legitimo de João Francisco Gonçalves, honrado negociante da praça da Bahia, nasceu naquella capital aos 29 de Abril de 1835, veiu para o Rio de Janeiro em 1851 e aqui cursou como aspirante as aulas da eschola

de marinha, sendo nomeado guarda marinha por aviso de 10 de Novembro de 1853. Logo depois de concluidos seus estudos, fez uma viagem longa de instrucção, ao voltar da qual serviu como official em varios navios da armada, até que prestando em 1856 o usual exame de manobra e tactica naval, foi promovido a 2.º tenente, e a 1.º tenente 3 annos depois.

Em Novembro de 1865 assumiu o commando da canhoneira *Henrique Martins*, seguindo nella para o Sul, onde acabamos de ver como se tem desenvolvido este intelligente official.

JOÃO CARLOS DE VILLAGRAN CABRITA.

JOÃO CARLOS DE VILLAGRAN CABRITA.

Entre os faustosos dias que o Brasil já conta na sancta crusada, que tão nobremente sustenta contra o desposta sem alma, que infelizmente rege os destinos do desventurado povo paraguayo, merece por sem duvida especial e honrosa menção o glorioso dia 10 de Abril de 1866, o primeiro em que os valentes filhos deste abençoado Imperio mais cabalmente mostraram ás hordas selvagens do tyranno, que não os attemorisa seu desmedido mas louco atrevimento, e que os nossos bravos irmãos, que os brasileiros, sabem punir severamente as affrontas irrogadas ao pavilhão auriverde.

Sim, foi nesse dia que na ilha, que demora em frente do forte de Itapirú, e que foi depois chamada ilha da Victoria, um punhado de valentes pugnadores dignamente recebeu, e, batendo-se peito a peito, destroçou mais de mil paraguayos, os quaes com o auxilio da escuridão da noite ardilosamente tentavam apossar-se daquelle baluarte, cuja conquista tanto nos havia custado.

Quando, porém, apontarmos ao mundo, que nos vê e admira, essa éra tão assignalada de gloria, de envolta com ella irá tambem o nome do heróe dos heróes daquella ardida façanha, o denodado tenente coronel Cabrita, digno commandante da mui justamente admirada guarnição da ilha da Victoria.

Foi elle quem dirigiu seus infatigaveis companheiros, quem, como a estrella aos magos, mostrou-lhes o caminho da honra e do dever, encorajando-os com o seu proprio exemplo, animando-os ao combate e á victoria mais explendida e de maior merito para nós, por isso que nella não pelejaram sinão brasileiros.

Mas nos seus altos designios tinha o Todo Poderoso escripto que por entre os virentes louros, que adornavam a altiva fronte do guerreiro, se misturariam tristes goivos e roxas saudades, e que o dia mais bello de sua vida seria tambem o seu ultimo dia. Assim, quando, terminada a lucta, ébrio de heroismo e de gloria, traçava o tenente coronel Cabrita dentro de uma chalana, a parte official do seu gigantesco triumpho, digno de uma epopéa, quando ainda não tinha recebido da patria o mais que merecido galardão á tanta bravura, uma bomba inimiga, fatalmente arre-

messada do fronteiro forte de Itapirú, vem certeira mutilá-lo horrivelmente, causando-lhe a morte justamente no momento em que julgava-se talvez invulneravel!

Foi uma fatalidade!

No mais renhido do certamen, no mais cerrado da lucta, como que os projectis inimigos o respeitavam, não ousando tocá-lo, como não ousaram outr'ora tocar Napoleão!

Honra ao destemido soldado, honra a mais este bravo sacrificado á sustentação dos brios da terra a que com tanto afan, com tanta dedicação servira! Honra ao tenente coronel Cabrita!

Nós que enthusiasticamente o saudamos, que com rasão o admiramos, traçaremos como minguada homenagem a tão elevado merito uma breve historia da sua vida militar, cujo fio foi tão precocemente cortado pelas immutaveis leis do inexoravel fado.

Nasceu João Carlos de Villagran Cabrita no dia 20 de Dezembro de 1820. A 13 de Janeiro de 1840, isto é, aos vinte annos de edade, assentou praça de voluntario no exercito, sendo em 5 de Fevereiro do mesmo anno reconhecido cadete. Tendo prestado os respectivos exames preparatorios, matriculou-se na eschola militar, e, contando apenas dous annos de estudo, foi, por suas approvações plenas, nomeado alferes alumno em 2 de Dezembro de 1842.

Aos 11 de Septembro de 1843 foi promovido ao posto de 2.º tenente, e ao de 1.º tenente a 23 de Julho de 1844. Concluidos então os estudos theoricos e praticos da arma, a que pertencia, foi-lhe

conferido o titulo de bacharel em sciencias mathematicas.

A 30 de Abril do anno de 1852, foi promovido a capitão, e a 2 de Dezembro de 1862 a major, por merecimento.

Tres annos depois, em 1865, foi designado para servir na actual campanha, onde mal descortinava o importante papel que lhe estava reservado.

Tendo desenvolvido, na scientifica tarefa que lhe fôra incumbida, logo ao chegar ao Sul, uma actividade e intelligencia não vulgares, a munificencia imperial entendeu dever remunerar-lhe os valiosos trabalhos, promovendo-o ainda uma vez por merecimento, em 22 de Janeiro de 1866, ao posto de tenente coronel.

Não terminaremos sem ajunctar á narração de uma vida incessantemente illustrada por actos taes como os que vimos de mencionar, os relevantissimos serviços pelo tenente coronel Cabrita prestados já no 1.°, 2.° e 4.° batalhões de artilharia e 1.° regimento de cavallaria, já tambem na provincia da Bahia, no arsenal de guerra da Côrte, onde fez parte da commissão de melhoramentos materiaes do exercito, e na eschola militar, havendo-se mostrado em todos os tempos, como em todos os cargos, tão exacto cumpridor dos seus deveres, que obteve em recompensa dos seus merecimentos o titulo de cavalleiro das ordens de Christo e de Aviz.

Temos até aqui encarado o tenente coronel Cabrita como militar, como servidor devotado da patria. Si, porém, volvermos os olhos para seu lar domestico, para sua vida particular, vêmo-lo desvelado esposo,

extremoso pae e amigo sincero e leal, legando á sua familia, ao morrer pela patria, a pobreza, a orphandade, mas um nome immaculado, uma memoria sem deslustre.

JOÃO GUILHERME GREENHALGH.

JOÃO GUILHERME GREENHALGH.

Os homens de genio tiveram sempre o privilegio de ser admirados em todos os tempos, de despertar a curiosidade pelo interesse que inspiram, de attrahir a si as sympathias pelo enthusiasmo que communicam.

Sente-se verdadeira satisfação em percorrer as paginas gloriosas de suas vidas, em solettrar um a um todos os seus feitos, todas as suas acções, ou em ter conhecimento de um facto, isolado embora, que ponha em relevo a elevação dos seus pensamentos, o prestigio de suas virtudes.

Quem pôde ouvir jámais a lenda maravilhosa desses vultos gigantescos que assoberbam os seculos, sem sen-

tir-se tocado de um certo respeito para com elles, de uma profunda admiração? Quem póde ouvir a narração desses feitos portentosos sem curvar-se deante de sua grandeza, sem render preito e homenagem ao genio que os assignalou?

Aqui é Cesar, o grande Cesar conquistando as Gallias e fazendo-se coroar no Capitolio; alli é Homero eternisando nos seus cantos divinos a gloria dos guerreiros da Grecia. E' Napoleão, o invicto general de uma republica, fazendo-se proclamar imperador de um grande povo, depois de ter avassallado quasi a Europa inteira.

E' assim que no grande livro da humanidade os factos ficam registrados, constantes e variados; é assim que as gerações que nascem buscam avidas aprender na Historia os sublimes exemplos que lhes foram legados por tão nobres e esforçados lidadores.

Para esses a morte tem pouca significação, porque elles vivem na lembrança de todos, porque a sua memoria, conservada indelevel pela tradição, pela fama que deixaram apoz si, torna-os contemporaneos de todos os homens, coevos de todos os tempos. Apenas o corpo desapparece, como tudo que é materia; mas permanecem as obras do espirito, porque essas privam da divindade que lhes dera o ser.

D'Auvergne morreu dando o signal de alarma, que devia salvar os seus; e esse facto ainda hoje excita a admiração do mundo inteiro. De egual modo o almirante batavo envolve-se no pavilhão patrio, arroja-se com elle á profundeza dos mares, para não vê-lo presa do inimigo que invadia o seu navio.

E' por sem duvida um espectaculo grandioso o que nos offerece a Historia. Cada pagina é a commemo-

ração de um feito importante, de uma acção heroica, em que as circumstancias, e sómente as circumstancias, dão-lhe um novo character, e revestem-na de differentes côres.

Personificação mais ou menos completa dos tempos em que existiram, os grandes homens reunem todos os elementos contemporaneos. Elles os esclarecem completamente, ou lhes communicam sua propria luz, mais pura, mais brilhante do que tinham antes recebido.

Os tempos se encontram, portanto, e a reunião dos factos perde de seu valor muitas vezes por não ser olhada sinão debaixo de uma unica perspectiva.

Queremos traçar aqui a biogrophia de um homem... de um menino, que pelo seu denodo, pela sua bravura soube elevar-se á altura dos grandes homens, conquistando a admiração para si, a gloria para o seu paiz.

Em toda a sua carreira não ha mais que um facto ; porém esse falla mais eloquentemente do que quantos podesse elle praticar, muito embora lhe tivesse custado a vida.

Não tememos avançar que a sua morte é um episodio memoravel, um quadro assaz importante em que se representa todo um accontecimento, em que se revela toda a grandeza da alma humana.

Entre as necessidades moveis, que determinam a physiognomia dos factos, ha uma que se conserva immutavel e permanente ; é a imperiosa obrigação de ser verdadeiro, sincero e imparcial. O erro não tem sido mais que uma lacuna, do mesmo modo que a injustiça se revolve sempre na apreciação de um espirito exclusivista.

Antes de emittir um juizo, o escriptor deve, pois, recolher-se para ouvir, para pesar os testemunhos, para ver e examinar escrupulosamente todas as peças de convicção. Elle deve, á maneira dos sacerdotes antigos, elevar a mão, e fallar deante de Deus e dos homens, sobre sua honra e sua consciencia.

E' por isso que não avantajamos uma proposição que a muitos parecerá absoluta; mas que na realidade não exprime mais do que o nosso proprio pensamento, a maneira de sentir, e de encarar as cousas.

João Guilherme Greenhalgh era um heróe como a Historia os representa, como hoje os consagramos e os admiramos. Tinha vinte annos, e nessa primavera da vida já advinhava-se o homem, que com o seu nome devia occupar entre nós um logar tão distincto.

Filho legitimo de Guilherme Greenhalgh e D. Agostinha Fróes.

Sua vocação pela carreira maritima excedia a todo enthusiasmo; abraçou-a, pois, como um culto sagrado, em cujo mister elle devia sacrificar a sua vida.

Depois de ter cursado todos as materias exigidas pela academia, nas quaes elle soube sempre distinguir-se, foi elevado ao posto de guarda-marinha, na mesma occasião em que o Brasil via-se na necessidade de levar a guerra ao Paraguay.

Foi, por tanto, com sincero enthusiasmo, que elle partiu daqui a encorporar-se á esquadra, que estacionava nas aguas do Paraná, onde devia dar-se o feito brilhante, de que teremos sempre o maior orgulho.

A esquadra paraguaya vem encontrar-se com a nossa no logar chamado Riachuelo. Travou-se ahi o combate, um combate grandioso e terrivel, em que o inimigo viu perdidos quasi todos os seus navios, mortos quasi todos os seus soldados.

Greenhalgh achava-se a bordo da *Parnahyba*, essa famosa canhoneira, que tão celebre se tornou, que contava, entre os seus marinheiros e soldados, os mais bravos, os mais heroicos defensores.

Os paraguayos fizeram lançar sobre seu convéz toda a tripolação de tres navios, esses abordaram-na com o fanatismo do selvagem; mas encontraram uma resistencia tenaz, uma barreira ingente que era guarnecida pelos peitos dos nossos bravos.

Havia, pois, uma lucta de morte.

O numero parecia querer assoberbar o valor; mas este, como o gigante da fabula, tomava sempre novas formas, creava novos esforços, e por um acto de heroicidade repellia o furor do inimigo.

Nessa occasião tão solemne, em que os nossos corriam o maior perigo, um official paraguayo, lança mão da nossa bandeira e pretende arriá-la. Greenhalgh vôa a impedir a profanação, abraça-se com o sancto estandarte da patria, e dessa vez consegue não vê-lo manchado.

— Larga este trapo! grita-lheo barbaro; mas uma bala disparada pelo brioso guarda-marinha fa-lo rojar a seus pés, pagando deste modo o insulto que proferira!

Então vieram outros a vingar o camarada, e Greenhalgh só, não podendo luctar contra tantos, cedeu, mas quando sua alma voava á eterna mansão, quando

sua vida se tinha desprendido pelos repetidos golpes que recebera!

Assim terminou tão preciosa existencia, assim aquelle astro se apagou para não mais brilhar, deixando sómente em sua passagem a gratidão que lhe vota a patria, e a admiração que todos lhe tributam.

JOSÉ IGNACIO DA SILVEIRA.

JOSÉ IGNACIO DA SILVEIRA.

O curto periodo de tempo, que decorre do dia 23 de Março a 10 de Abril do presente anno, desenrolará de futuro aos olhos do historiador nacional uma das mais interessantes paginas das memorias da nossa armada e do nosso exercito.

De facto, desde o momento em que soou ás portas do Paraguay o primeiro tiro do canhão brasileiro, até o alvorecer do dia em que, apoz uma noite de mortifera batalha, a signia da patria amanheceu alterosa sobre a ilha da Victoria, tinha-se escripto por inteiro um canto do poema de guerra, em que os heróes não desdizem dos da propria *Illiada*.

O esforçado mancebo, cujo nome se inscreve á testa destas linhas, ao lado de nomeados companheiros d'armas, avulta nestas scenas.

Tentemos recordar parte daquella serie de brilhantes successos, avivar a memoria daquelles feitos grandes, cujos autores são hoje quasi todos finados.

Mariz e Barros, Vassimon, Silveira, Villagran Cabrita, Sampaio, Torres! Que nomes e que glorias!

Heroicos martyres da sancta cruzada libertadora, despedaçados á bocca do antro do dragão da tyrannia!

Pelas 11 horas da manhã do dia 23 de Março deste anno uma expedição composta do pequeno vapor *Cysne*, do encouraçado *Tamandaré*, da corveta *Beberibe* e da canhoneira *Henrique Martins*, com o fito de reconhecer si o rio Paraná, em outro ponto que não o Passo da Patria, prestar-se-hia á passagem do exercito alliado, tendo a seu bordo o vice-almirante visconde de Tamandaré, o conselheiro Octaviano e o general Mitre, subiu rio acima, garbosa e solemne, sob as vistas das duas hostes contrarias, accampadas sobre ambas as margens.

Da margem paraguaya, da extremidade do pequeno cabo que parece guardar a enseada que lhe fica ao sopé, o forte de Itapirú começou de jogar com a sua artilharia sobre o *Cysne*, que ia na frente com os chefes da expedição, os seus primeiros tiros.

A' rapidez com que deslisava o *Cysne* deve-se talvez não ter sido tocado por nenhuma das seis balas de grosso calibre que lhe foram dirigidas.

O vice-almirante sorria-se, Mitre observava o fogo do forte com o seu binoculo, F. Octaviano gracejava sobre o *estylo* dos comprimentos paraguayos.

Os tres demais navios de guerra, demorados em subir por outro canal, cobriram em breve o pequeno vapor: sobre elles, com egual resultado, despejou o forte a sua cholera: os nossos vasos nem responderam.

Subiu a expedição 22 milhas, rio acima, e, ao chegar á distancia de tres quartos de legua de Itati, tendo conhecido a impraticabilidade de qualquer ponto além do Passo da Patria, retrocedeu, preenchido o seu fito.

Começou então o episodio da campanha, a que alguem chamou já — a guerra de chalanas.

Na ausencia da esquadrilha de reconhecimento, os inimigos trouxeram a reboque de um pequeno vapor, o *Galeguay*, uma chalana ou chata, montando a sua peça de 68, e a collocaram sob os fogos de Itapirú.

Era evidentemente para esperar a volta da expedição. Os encouraçados *Brasil* e *Bahia* romperam sobre ella os seus tiros, lentos e pausados, á distancia de oitocentas a novecentas braças.

O *Brasil* acertou-lhe uma bala: a chalana quasi destruida foi de novo rebocada para a enseada a coberto do forte e de novo outra chata veiu occupar o logar da primeira.

Retrocediam então os quatro navios expedicionarios: o *Tamandaré*, a *Beberibe* e o *Henrique Martins*, que vinham cobrindo o *Cysne*, receberam ordem de atirar sobre a pequena, mas terrivel, machina de guerra.

Logo aos primeiros tiros o vaporzinho de reboque tomou a sua carga e recolheu-se com ella para a enseada.

Assim passou-se o dia 23.

No dia 24 reproduziram-se as scenas da vespera.

Pela manhã nova chalana a reboque até o meio do rio: mais vinte tiros inoffensivos sobre a nossa esquadra: á tarde repetição tenaz da mesma aggressão, até que o vice-almirante mandou que alguns vasos fizessem exercicio ao alvo sobre os inimigos. Nova fuga destes.

A 25, pelas 2 horas da tarde, a bordo do *Apa* com a signia do chefe, o visconde de Tamandaré e seu estado maior, o conselheiro Octaviano e os empregados da missão, o barão do Amazonas e todos os chefes das divisões da esquadra, reunidos em um jantar offerecido pelo vice-almirante, celebravam o anniversario do juramento da Constituição.

Veiu á margem paraguaya mais uma chata e postou-se em frente ao *Apa*, que foi attingido por uma bala, que penetrou-lhe o costado, passando outras por cima da tolda e cahindo-lhe em derredor.

Depois de duas horas, durante as quaes o ataque do inimigo não interrompeu siquer o convivio patriotico, mandou o vice-almirante que o commandante Mariz e Barros com o *Tamandaré*, o commandante Jeronymo Francisco Gonçalves com o *Henrique Martins* e o chefe Alvim com os dous vasos sob suas ordens, fossem tomar a chalana ou destrui-la, batendo tambem o forte de Itapirú, si este procurasse embargar-lhes os passos.

Os paraguayos, á approximação dos nossos, saltaram em terra e amarraram com duas correntes a sua especie de monitor.

O *Tamandaré* avançou para o forte, que sobre elle

rompêra o fogo: Mariz e Barros, subindo ao tejadilho da casamata com a bandeira nacional em punho, enviou aos contrarios uma exclamação de desafio e desprezo. O forte emmudeceu.

O chefe Alvim mandou os seus escaleres com guarnições e forças de desembarque para apresionar a chata.

Descobriram então os paraguayos uma força de 800 a 1,000 infantes, até esse momento occultos nos matagaes da sua margem, e romperam sobre os nossos vivissimo fogo.

O *Tamandaré* e o *Henrique Martins* cortaram á metralha a infantaria paraguaya, que precisou abrigarse em um fosso de antemão aberto.

Nos nossos escaleres crivados de balas houve apenas um homem ferido: por ordem do chefe retiraram, emquanto o *Tamandaré* destruia a chalana a tiro de canhão e o *Henrique Martins* mantinha o fogo sobre os infantes.

O 1.º tenente Jeronimo Francisco Gonçalves esteve durante duas horas, no passadiço do vapor, empunhando a bosina, sob uma saraiva de balas inimigas.

Tinha cahido a noite.

O troar compassado da artilharia era como que continuado pelas descargas seguidas de fusilaria.

O ruido daquelle Niagara mortifero, harmonisado com as detonações do trovão bellico, chegavam á esquadra e ao campo alliado.

O vice-almirante mandou vinte praças a bordo do vapor *Lindoya*, para reforçar o *Henrique Martins*: a tripolação inteira do *Apa* quiz ser do numero dos vinte escolhidos.

E o combate continuava: por entre a caligem da noite fendia-se a espaços a treva para deixar passar as descargas da fuzilaria brasileira e paraguaya, e as balas dos nossos canhões.

« O heroico Mariz e Barros, era o mais audaz no perigo, diz uma habilissima penna, e a sua face, rubra de ardimento bellico, dominando o estrepito do combate com a imperiosa e unica voz de — fogo! — assimilhavam-no ao heróe de alguma legenda titanica. »

Apagaram-se afinal os fogos do Itapirú; foi destruida a chalana; fugiram em desordem os restos da infantaria inimiga.

Era 8 1/2 horas da noite, quando os gloriosos vasos da nossa esquadra volviam victoriosos.

Mas a noite de 25 de Março costuma em nossa terra assistir a festejos e illuminações de regosijo publico: antes da retirada Mariz e Barros lançára sobre o proximo accampamento paraguayo algumas bombas: ateiou-se o incendio, e as chammas que dentro em pouco envolveram o campo inimigo, allumiaram o nosso triumpho.

Taes foram as primicias da lucta naval com o Paraguay, promettedora de acções illustres e heroicos feitos do nome brasileiro.

No dia 26 voltou outra chata ao mesmo logar da vespera e conseguiu metter tres balas no *Apa*, ferindo uma praça e causando estragos ligeiros no navio chefe.

O *Tamandaré* e o *Brasil* foram mandados contra o inimigo: o primeiro avançou para o forte e canhoneou-o sem resposta, porque Itapirú tinha desmon-

tada a sua artilharia desde a vespera; o segundo poz em fuga a tripolação do pequeno barco paraguayo.

Uma pontaria do proprio Mariz e Barros dentro em pouco metteu a chalana a pique.

Os nossos encouraçados retiraram.

A' noite vieram os paraguayos, mergulharam e tiraram a peça de 68 submergida.

Ao valor dos nossos oppunham elles sua tenacidade e ardil.

No dia 27, si não voltou ao mesmo ponto mais uma chata, ficou todavia dentro da enseada, e, acoberto de uma ponta de pedras, mostrava no entanto acima do nivel d'agua a bocca do seu canhão, olho vigilante e feroz, mas admiravelmente tenaz, a espreitar-nos os movimentos.

A guerra, por esta fórma, jámais a conheceram os povos civilisados: tem um caracter proprio e mui peculiar, e dahi a insistencia que pômos de industria na narração de seus episodios.

O *Tamandaré* e o *Bahia* foram mandados contra o forte e a chalana encoberta, porque urgia proteger o *Henrique Martins* e dous vapores argentinos, que, com o general Flôres, sahiram a explorar o Passo de Itati.

Desde as 10 horas começaram os nossos o fogo: a chata, por sua posição, era pouco vulneravel; mas o forte, envolto em uma nuvem de fumo, pó e destroços, bem patenteava os estragos que lhe causavam os tiros certeiros dos nossos canhões.

A's 4 horas da tarde, depois de 6 horas de aturado canhoneio a casamata do *Tamandaré* appresentava em seu interior um espectaculo extranho e admiravel.

A officialidade e a guarnição, em meio de uma atmosphera de fumo, de uma temperatura excessivamente elevada, tinham ambas o aspecto dos leões do calido clima africano, apoz a lucta em que as jubas mais e mais se lhes eriçaram, em que os olhos ganharam o luzir singular e terrifico, em que o rugido surdo e arfante habituou-se a fugir dos seios formidavel e ameaçador.

Todos aquelles corpos, electrisados pela acção violenta da pugna, se haviam conservado no maior gráu de tensão: ninguem havia pensado em repouso, ninguem ainda nelle pensava; mas a materia começava de reclamá-lo.

O *Tamandaré* retrocedia, andava para traz, não podendo dar a volta pela estreiteza do canal: uma bala do forte alcança o vapor, penetra por uma portinhola d'avante da casamata, arranca e converte em projectis a blindagem que cobria a portinhola, e dando e rebotando nas paredes do castello, multiplica-se interminavel e alastra o chão de 34 homens feridos ou mortos.

E immediatamente nova bala penetra, o processo anterior repete-se, maior numero de mortos e feridos cobre o pavez.

A fatalidade, o destino, o acaso matou aquelles homens intrepidos, aquelles leões do combate; mas para matá-los, o acaso, o destino, a fatalidade feriu-os pelas costas, á traição!

Depois de tamanha agitação só o repouso eterno: forças sobrenaturaes admiraram seu esforço sobrehumano, e zelosas esmagaram aquelles titães marinhos.

Quem está por terra nesta gloriosa casamata?

Aqui o estoico Mariz e Barros, o moderno Bayard:

alli o heroico Vassimon; juncto delles o intrepido Silveira, trindade augusta, sublimes sonhadores das grandezas da patria!

Além Accioli, Alpoim, de Lamare, Barreto, 14 praças mais, mortos ou feridos no cumprimento dos seus deveres de soldados da liberdade!

Nem gemidos, nem vãs lamentações! E no entanto para os que ainda respiravam ia dentro em breve apagar-se a luz da terra.

Luzia-lhes já, porém, outro e melhor phanal.

No meio do montão heroico de destroços está um moço de 27 annos incompletos.

Separemo-lo do grupo moribundo e immortal.

Nascido em Sancta Catharina a 13 de Dezembro de 1839; aspirante a 1.º de Março de 1855; guarda marinha a 7 de Dezembro de 1857; 2.º tenente a 20 de Janeiro de 1860; 1.º tenente a 2 de Dezembro de 1862; José Ignacio da Silveira resume quasi nas acções da actual campanha seus feitos maritimos, mas delle diz-se muito com esta simples phrase: — pertencia á officialidade do encouraçado *Tamandaré* ao commando de Mariz e Barros.

Silveira tivera o corpo destroçado pela bala, que lhe arrancára uma perna e um braço: ao entrar o vice-almirante na casamata, onde o chamára sollicitude de pae, apertou-lhe a mão, cerrou a mão honrada de Antonio Carlos, lançou os olhos para o cadaver de Vassimon, despediu-se dos companheiros: — « Agora me vou »; e beijando a imagem do crucificado, martyr, como elle, de uma causa sublime, agitou brandamente os labios: — « Adeus. . . . » e expirou.

. . . . . .

Hoje uma cruz singela, á margem esquerda do Paraná, em frente ao Passo da Patria, ao lado da do modesto jazigo de Vassimon, assignala o logar de repouzo em que descança um dos mais esforçados filhos do Imperio.

LUIZ FERNANDES DE SAMPAIO.

LUIZ FERNANDES DE SAMPAIO.

Desde os tempos mais remotos da antiguidade, desde as gerações primitivas dos primitivos seculos, cada nação tem procurado perpertuar a seu modo a lembrança gloriosa daquelles de seus filhos, que, ou pelas lettras ou pelas armas, tornaram-se credores da gratidão dos seus concidadãos e da admiração do mundo.

Umas gravam no marmore e no bronze as effigies dos seus heróes ou seus nomes em characteres fundamente cinzelados, para que o incessante revolver dos annos jámais chegue a apagá-los; outras, porém, pensaram que seriam mais perduraveis que o marmore,

mais duradouras que o bronze, as paginas douradas de um livro de honra, consagrado pela gratidão da patria aos seus eleitos.

O Brasil, ufanando-se de contar entre seus filhos homens que por seu elevado engenho ou por seu valor, exhuberantemente comprovado nos campos de Marte, teem bem merecido da patria, não poderá deixar de dedicar-lhes, como as demais nações, seu livro de ouro.

Em uma das suas paginas será incontestavelmente escripto, em igneos characteres, o nome do bravo, cuja vida, curta sim, mas cheia de amor patrio, de heroicidade, de abnegação sem limite, tentamos ligeiramente narrar.

Luiz Fernandes de Sampaio, filho de Antonio Fernandes de Sampaio, nasceu no Rio de Janeiro no dia 8 de Dezembro de 1828.

Tendo desde os verdes annos revelado uma vocação decidida pela vida militar e pelo estudo das sciencias exactas, assentou praça aos 18 annos, matriculando-se logo depois na eschola militar, cujas aulas começou a frequentar, distinguindo-se sempre por sua intelligencia como pela destreza nos exercicios das differentes armas. Dentro em dous annos foi nomeado alferes alumno, e depois 2.º tenente a 27 de Agosto de 1849, épocha em que deixou a eschola, tendo o curso completo de artilharia e os respectivos exames praticos.

Não tardou muito que nova promoção lhe conferisse mais um posto, e em 1852 foi elevado a 1.º Tenente.

Mas não anticipemos os factos, e sigamos sua ordem chronologica.

Em 1851 seguiu o tenente Sampaio para o Sul e alli fez parte da divisão auxiliadora do grande exercito, assistindo no dia 3 de Fevereiro do seguinte anno á batalha de Monte Caseros.

Passando então a Buenos-Ayres veiu por Montevidéu á Côrte, onde, em ordem do dia do quartel-general, foi elogiado pelos bons serviços prestados naquella memoravel jornada.

Em 1852, tendo sido promovido a 1.º tenente, como acima dissemos, foi de novo mandado a Montevidéu em commissão especial do governo, e, ao regressar daquella republica, serviu no Rio Grande do Sul como instructor da 1.ª classe da eschola de tiro, cargo que exerceu tão zelosamente que mereceu ser elogiado pelo presidente daquella provincia.

A 2 de Dezembro de 1858 foi promovido a capitão, sendo nesse mesmo anno elogiado tres vezes pelo commandante do corpo, a que então pertencia.

Nomeado em Janeiro de 1863 para commandar a fortaleza da Lage, ahi conservou-se até Agosto do mesmo anno, tempo em que passou a fazer parte da commissão de melhoramentos materiaes do exercito.

Em 1864, tendo recebido ordem de seguir para o Sul, cumpriu-a immediatamente, sendo, apenas alli chegou, empregado na commissão de engenheiros juncto ao 1.º corpo do exercito.

No dia 22 de Janeiro de 1866 foi-lhe, por merecimento, conferido o posto de major.

Entremos agora na phase mais gloriosa da vida do valente major Sampaio.

Dous batalhões brasileiros, ao mando do tenente-coronel Cabrita, haviam-se apossado de uma ilha em frente ao inimigo forte de Itapirú, e, tendo-a habilmente fortificado, nella permeneciam sem que alguem ousasse disputá-la; até que na madrugada do dia 10 de Abril appresenta-se o inimigo, e em crescido numero tenta rehavê-la, dando-se então um renhido combate, em que os invasores ou ficam sem vida no campo ou rendem-se, não ao numero que era comparativamente diminuto, mas ao valor dos nossos soldados; ou finalmente morrem fugindo.

No dia seguinte vem o major Sampaio felicitar o commandante de tão briosa gente, e com elle conversava dentro de uma chata, onde redigia aquelle a sua gloriosa parte official, quando uma bomba, disparada do forte, despedaça-lhe os membros, causando-lhe instantanea morte.

Si naquelle momento solemne, em que a alma desprendendo-se do corpo vôa a asylar-se no seio do Creador, de onde emanára, tivessem-lhe apanhado o coração ainda quente, alli teriam lido o nome da sua chara patria, á qual acabava de offerecer em holocausto o que de mais precioso tinha: — a vida.

O major Sampaio morreu, mas seu nome, seus feitos não morrerão nunca, nunca se riscarão da memoria dos seus compatriotas, que ciosos sabem guardar a lembrança daquelles que derramam seu sangue para desaffrontar a patria.

Era o major Sampaio condecorado com o habito de Christo e as medalhas do Uruguay, e da Uruguayana; fôra sempre elogiado por seus chefes pelo zelo, intelligencia e lealdade, com que cumpria seus

deveres; e o general em chefe dos exercitos alliados, dando parte do brilhante feito da ilha da Victoria, diz:

« Honra e gloria ao valente major Sampaio, companheiro nos perigos, como na gloriosa morte, do tenente coronel Cabrita! »

MARCILIO DIAS.

MARCILIO DIAS.

O feito de Riachuelo é até hoje o feito mais importante da campanha do Paraguay.

Verdadeira pia baptismal de muito heróe e pia de baptismo de sangue, mais de uma vez no correr destes esboços biographicos tem sido o seu nome repetido, ao recordar mais de um dos seus gloriosos episodios.

E' grato, no entanto, ao animo nacional rememorar as acções illustres de seus compatriotas.

Assim, ao intentar desenhar o perfil de um dos maiores vultos da patria, reproduzamos a acção de 11 de Junho de 1865, ultima e ao mesmo tempo

mais eloquente pagina da historia do homem, cujo nome inscrevemos á testa destas linhas.

Pelas 8 horas da manhã desse dia, a nossa esquadra no Paraná formada em linha de combate duas leguas abaixo de Corrientes, sob o commando do chefe Barroso, em numero de nove vasos, recebeu com a maior galhardia e denodo a esquadrilha paraguaya, que em numero de oito vapores, um a helice e septe de rodas, rebocando seis chalanas, lhe veiu offerecer batalha.

Ajudado pela corrente do rio, desceu o inimigo aguas abaixo, e, trocados os primeiros cumprimentos de canhão de parte á parte, foi o paraguayo occupar uma posição de antemão escolhida e preparada para essa lucta de morte.

Tratou então o chefe Barroso, segundo as suas proprias expressões, de dar um dia de gloria á nação, fazendo respeitar nossa bandeira.

Desceu tambem.

No passo de Riachuelo o inimigo nos esperava.

Similhante ao castor ou á raposa, que apenas juncto á entrada dos seus covís e recessos se atrevem a travar a lucta, o paraguayo, cauteloso como o primeiro e astucioso como a segunda, se tinha collocado sob a protecção das barrancas, que nesse ponto guarnecem o Paraná, na margem esquerda.

Na margem direita, em frente á posição occupada pela esquadrilha inimiga, um grande baixio adherente a uma ilha proxima ao lado do Chaco completava o systema de ataque á maneira paraguaya.

A flotilha contraria estava na seguinte ordem.

A' testa da linha o vapor *Taquary*, navio chefe,

com a insignia do capitão de mar e guerra Mesa; o *Ygurey*; o *Marquez de Olinda*, que á falsa fé nos foi aprisionado em começo da campanha; o *Salto*, que da mesma fórma foi tomado aos argentinos; o *Paraguary*; o *Yporá*; o *Jejuy*; finalmente o *Yberá*, unico a helice, montando cada vapor 6 peças.

As seis chalanas, cada qual com a sua peça de 68 e 80 quasi ao lume d'agua, tinham sido collocadas convenientemente.

Sobre a barranca, que dominava a posição do *Taquary*, uma bateria de 22 peças de grosso calibre estava coberta por 1,000 homens de infantaria.

No prolongamento dessa mesma barranca, mas na parte que está ao sul do Riachuelo, uma força de outros 1,000 homens de infantaria cobria a linha da esquadra inimiga.

Pela nossa parte chegámos ao theatro da batalha na seguinte ordem.

A' testa da linha a *Belmonte*, com 6 peças, commandante interino Abreu; o *Amazonas*, navio chefe, com 8 peças, commandante Theotonio de Brito, com o pavilhão do chefe Barroso; a *Parnahyba*, com 6 peças, commandante Garcindo; o *Ypiranga*, com 8 peças, commandante Alvaro de Carvalho; o *Jequitinhonha*, com 8 peças, commandante Pinto, com a insignia do chefe Gomensoro; a *Araguary*, com 6 peças, commandante Hoonholtz; a *Iguatemy*, com 6 peças, commandante Coimbra; a *Beberibe*, com 8 peças, commandante Sanct'Anna; finalmente a *Mearim*, com 6 peças, commandante Barboza.

O nosso navio chefe foi o primeiro a dar signal

para o combate, em que a um tempo se empenharam todos os vasos.

O fogo, que de ambos os lados rompeu, começou vivo e nutrido; as descargas dos nossos 64 canhões, que tinham em resposta as dos 76 canhões inimigos, secundados pelas incessantes descargas de fuzilaria, que partiam das matas da esquerda; desde o sibilar das balas de 68 e 80 ao lume d'agua até á saraiva das balas de fuzil por sobre o convez, eram tão repetidas, tão encadeadas, tão tecidas, que bem pudera dizer-se que o genio do exterminio urdia assim a sua tea immensa para nella deter o maior numero possivel de existencias.

Dous episodios importantes sobresahem logo em começo do combate.

O *Jequitinhonha*, ao atacar a bateria de terra, approximou-se tanto da margem esquerda que ficou cravado no baixio alli existente, a tiro de pistola da bateria inimiga.

O paraguayo tentou cortar a nossa linha na altura da *Parnahyba* e a um tempo tres dos seus vapores accommetteram esta canhoneira.

E' esta a primeira phase da lucta.

A esquadrilha inimiga com as suas chalanas a metter balas abaixo e na linha de fluctuação dos nossos vasos; as formidaveis barrancas com a sua bateria e os seus 2,000 infantes cobertos por defezas naturaes; debaixo dos proprios cascos da nossa esquadra o inimigo ainda, representado pelos baixios traidores; tudo isto convergindo, em um momento dado, para o nosso damno; eis os obstaculos, quasi invenciveis, ao nosso triumpho.

Houve um instante em que um como calafrio de morte percorreu a nossa linha.

O *Jequitinhonha* com a consciencia de que estava perdido, com a consciencia de que as garras traiçoeiras, que o prendiam, que lhe tolhiam os movimentos, roubavam-lhe tambem a sua cooperação valiosa na lucta; a *Parnahyba* triplicemente abordada, recorrendo já ao suicidio, para tirar-se decorosamente do passo difficil em que se achava; os demais vasos envolvidos pelo turbilhão mortifero; pareciam todos prestes a succumbir. Um passo mais e cahiam no abysmo.

No entretanto dous potentes elementos sustinham a sorte da pugna :—o valor dos filhos do Brasil e o animo calmo, invicto e tenaz do homem a quem estava confiada a defeza do pavilhão do Imperio.

A bordo do *Jequitinhonha*, um grande soldado, como o é Guimarães Peixoto , e uma creança sublime, como o era tambem Lima Barros, repelliam a aggressão e impediam com o seu exemplo heroico os progressos do inimigo.

De facto , si fosse tomado o *Jequitinhonha*; si fosse voltada contra nós a sua terrivel artilharia, seria mais um ponto de apoio, e apoio importante, de que disporiam os contrarios.

A bordo da *Parnahyba*, mortos ao lado da signia sagrada da patria Pedro Affonso e Greenhalgh, supremos sacerdotes immolados como victimas juncto dos altares em que celebravam os ritos do culto nacional, estavam ainda exanimes a ensinar o como, com o proprio sangue, se deve lavar o convez honrado de um vaso da marinha brasileira,

que chegou a ser nodoado pela planta impura do inimigo.

E foi quanto bastou.

Os nobres e inexcediveis exemplos sustiveram em estado de tensão os animos brasileiros, e esses momentos de sublime esforço, de gigantesco empenho, foram os momentos que bastaram á concepção e desenvolvimento de um plano, que brotou e fulgiu na mente do chefe responsavel por aquelle prelio.

Eis surge a *Amazonas.*

Bem como o rio gigante, de onde tira o nome, o qual ao entrar no oceano leva de vencida as aguas atlanticas, e, arremettendo caudal e furioso, fende por largas leguas o salço seio, que se oppõe á sua marcha, assim a alterosa fragata, impellida pela vontade ingente do seu chefe, arremette contra os vasos paraguayos, abala, racha, desconjuncta e esmigalha os costados que se lhe oppoem, até que, verdadeira varredoura das aguas, assumindo proporções phantasticas, incute o terror nos inimigos, que agora evitam o seu encontro formidavel e procuram na fuga o extremo caminho da salvação.

Foi dest'arte que successivamente o *Jejuy*, o *Marquez de Olinda* e o *Salto* foram inutilisados.

Então rapido foi o nosso caminhar para a victoria: o soccorro á *Parnahyba*, a destruição e aprisionamento das chalanas, a artilharia e a infantaria das barrancas cortadas á metralha e dezimadas á fuzilaria, deram-nos pelas cinco horas da tarde o mais explendido triumpho.

No entretanto, cada convez dos nossos tinha sido theatro de feitos magnificos.

Bateram-se todos como brasileiros.

Em começo da lucta a *Belmonte* expôz-se isolada a todo o fogo inimigo: isto é, oito vapores, seis chalanas, uma bateria de terra, além da fuzilaria. Na phrase do intrepido Tiburcio, a *Belmonte* accreditava o pavilhão.

Na *Iguatemy* o bravo commandante Coimbra, ferido em uma perna, passou o commando ao immediato 1.° tenente Pimentel, que morreu poucos instantes depois, deixando a uma creança o conduzir á victoria a sua guarnição.

Perto de 2,000 paraguayos mortos ou feridos; entre elles todos os chefes inimigos; quatro vapores e seis chalanas com a respectiva artilharia; grande numero de prisioneiros; bandeiras, munições, petrechos; taes foram os nossos trophéus.

Mortos o capitão do 9.° de infantaria Pedro Affonso; o 1.° tenente da armada Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel; o tenente de infantaria Feliciano Ignacio de Andrade Maia; o 2.° tenente da armada Julio Carlos Teixeira Pinto; o tenente do corpo policial Antonio da Silva Pacheco; os guarda marinhas João Guilherme Greenhalgh, Francisco José de Lima Barros e Antonio Augusto de Araujo Torreão; o 1.° cadete Brasiliano Bandeira de Mello Cesar Loureiro; oito officiaes feridos; mortos ainda o imperial marinheiro de 1.ª classe Marcilio Dias e mais noventa praças; feridas umas cem; o *Jequitinhonha* totalmente perdido; a *Parnahyba* com o leme partido; a *Belmonte* alagada; a *Mearim* sem prôa e quasi sem mastros; a *Iguatemy* sem prôa e com um grande rombo na amurada; o *Amazonas*, com a prôa gloriosa quasi inutilisada; tal foi o preço da nossa victoria.

Dentre os nomes dos bravos defensores do pavilhão nacional, na lista dos mortos, figura um nome, que, unico entre os seus companheiros, tem menção especial nêsse arrolamento de além tumulo.

E' esse o nome de Marcilio Dias, cahido a bordo da *Parnahyba*.

Eis aqui dous nomes que resumem glorias radiantes do dia 11 de Junho.

O nome do actor e o nome do theatro da sua heroicidade.

Abordada a *Parnahyba* pelos vapores inimigos *Taquary*, *Paraguary*, *Salto* e *Marquez de Olinda*, a guarnição defendeu a abordagem.

Succumbidos Greenhalgh e Pedro Affonso; quando já a bandeira auriverde cahira com os seus defensores; no momento em que o immediato 1.° tenente Philippe Firmino Rodrigues Chaves mandava deitar fogo ao paiol da polvora, apenas um homem não havia desesperado ainda da victoria e sobre o convez batia-se como um leão.

Era Marcilio Dias.

Simples soldado como Jacob, como elle legionario da sombra, recebêra tambem patria, nome, baptismo, tudo, pelo muito que illustrára a si e ao Brasil nos ataques de Paysandú.

Agora, chefe do rodizio raiado, só o deixou para sustentar com denodo o combate de abordagem.

Em torno delle havia um lastro de cadaveres e o seu braço não cançára ainda no assiduo e glorioso mister de heroico ceifador de vidas inimigas.

Quatro paraguayos o envolvem a final: consegue derribar por terra a dous delles; mas tem de ser prostrado aos golpes dos outros dous.

Horrivelmente acutilado, como a arvore secular das nossas florestas virgens, só cahiu por terra quando os sabres e machadinhas inimigas tinham-lhe tocado o amago.

Piedosamente recolhido ao terminar o combate, apezar de todos os soccorros que lhe foram prestados, mal pôde assistir aos hymnos do triumpho.

Emquanto a patria celebrava a victoria, agonisava o seu defensor.

Pelas 2 horas da tarde do dia 12 de Junho, vinte quatro horas depois que vingára o insulto irrogado á sua bandeira, deixou de existir o heróe.

No dia 13, ás 10 horas da manhã, com as honras que lhe eram devidas, foi sepultado no rio Paraná.

As proprias aguas que haviam assistido ao feito memoravel eram em verdade o tumulo condigno do soldado de Riachuelo.

THEOTONIO RAYMUNDO DE BRITO.

THEOTONIO RAYMUNDO DE BRITO.

Quando um paiz é grande por sua natureza, quando a sua importancia se revela na riqueza e magestade do solo, tudo ahi é importante e grandioso. Falte embora o aperfeiçoamento nas suas producções, precise embora de cultivo para descerrar o brilho do quanto existe em seu seio, nem por isso elle deixará de ser menos apreciado, nem por isso deixará de conter o germen poderoso, que deverá mais tarde fructificar.

O Brasil, a quem a natureza dotára de tantas riquezas, com quem fôra prodiga em derramar os seus mais bellos dons, não podia deixar de ser a

patria de tantos heróes, de tão valentes esteios, que tem sabido engrandecê-lo, propugnando pelos seus inauferiveis direitos, velando pela sua dignidade de nação, e vingando os seus brios ultrajados.

Não é de certo impunemente que virá o extrangeiro cuspir-lhe na face, sem que pague bem charo o arrojo da sua audacia, sem que sinta estalar sobre a sua cabeça o raio da vingança, que se manifesta apoz o insulto.

A chamma sagrada do patriotismo não se faz esperar; ella se communica a todos os corações de seus filhos, e elles, como que formando um só corpo, obedecendo a uma só vontade, erguem-se ameaçadores a tomar a justa vindicta da injuria que se lhes irrogou.

Um dia a Inglaterra procurou exercer contra nós o seu poder, quiz humilhar-nos á face das outras nações; mas viu-se forçada a retroceder, porque o Brasil, despresando os seus dictames, soube manter os seus fóros de potencia livre.

O Paraguay, a seu turno, não considerando a distancia que vae de uma nação grande e livre a um mesquinho paiz povoado por uma horda de selvagens, escravisado á vontade de um despota, provocou-nos á guerra; e neste momento soffre as consequencia da sua audacia.

Ao reclamo do nosso governo que concitava os brasileiros a lançarem mão das armas para castigar a insolencia do adversario, que ousou assim insultar os nossos brios, surgiram milhares de bravos de todos os angulos do Imperio; formou-se com incrivel rapidez um exercito formidavel, que, cheio de um

nobre ardor e enthusiasmo, foi assentar os seus arraiaes no proprio territorio inimigo.

Ahi tem sabido elle manter a dignidade da sua patria, fazendo valer por actos de acrisolada bravura os seus direitos, os direitos de sua nacionalidade offendida.

Os trabalhos e as privações, longe de enfraquecerem-lhe o animo, teem servido ao contrario para dar-lhe novas forças, animando o seu braço, e fazendo encarar as difficuldades como um incentivo á marcha progressiva das suas victorias.

A nossa esquadra, que foi a primeira a tomar parte nessa crusada de liberdade e civilisação, nem um instante desmentiu o conceito que nella se depositava. Os feitos gloriosos, que lhe teem valido tantos louvores, tanta admiração, fallam mais alto que qualquer outro elogio que lhe possam tecer.

Si temos hoje a lamentar muitas perdas sensiveis, si o excesso de bravura tem sacrificado a muitos officiaes e marinheiros no cumprimento de sua nobre missão, surgem novos athletas a vingar os seus irmãos, attestando aos olhos do mundo e da Historia quanto vale a consciencia do dever, a consciencia de si mesmo, em homens livres, que sabem prezar a sua honra.

Nem se poderá de certo fazer distincções entre os que se teem tanto distinguido. Paysandú, Riachuelo, Mercedes e Cuevas são as paginas brilhantes, que hão de levar á posteridade os nomes desses heróes, de tantos bravos que ainda agora proseguem na senda memoravel que encetaram.

O combate de Riachuelo principalmente, que chamou

a attenção do mundo civilisado, que é até o presente o facto mais importante, a primeira batalha naval que se deu nesta parte da America, ficará registrado nos fastos da nossa historia como um dia explendido de triumpho, em que a civilisação fez curvar o barbarismo ante as leis do progresso, ante as leis da liberdade.

Com effeito, os esforços de que é capaz a humanidade, o denodo até o heroismo, tudo ahi foi empregado para debellar um inimigo terrivel, superior em numero, que se appresentava a combater com a impetuosidade do fanatismo, com o encarniçamento do selvagem, com o desespero do escravo.

Viu-se então como os esforços duplicavam-se, como os nossos bravos marinheiros se divinisavam, procurando tolher o passo ás hordas de barbaros que invadiam o convez dos nossos navios.

Nunca, em circumstancias tão melindrosas, faltou-lhes o sangue frio. O espirito da disciplina reinava em meio daquella confusão, e o marinheiro só deixava o seu posto, quando lhe fraqueavam as forças, e que era mister dizer o supremo adeus, o adeus da eternidade!...

O distincto commandante do *Amazonas*, secundando o empenho do invicto chefe Barroso, portou-se de um modo admiravel. Todos conhecem a parte importante que coube ao seu navio nesse dia glorioso.

Activo em dar e transmittir as ordens, bravo em combater o inimigo, o commandante Theotonio Raymundo de Brito merece tudo pela energia que desenvolveu, pela pericia que mostrou.

A gloria magestosa, os louros que cingem a fronte

de tanto bravo, cingem egualmente a sua, porque o triumpho conquistado em Riachuelo pertence a todos que, como elle, conservaram sempre em meio dos perigos a coragem, a bravura, que teem feito a admiração de todos.

Nem outro seria de certo o procedimento de um soldado brasileiro, que comprehende a obrigação que contrahiu para com a sua patria.

Poucas palavras resumem a historia de sua vida; mas ellas são bastantes para demonstrar o que tem sido até hoje um dos mais illustres officiaes de que se póde orgulhar a nossa marinha.

Theotonio Raymundo de Brito nasceu no Rio de Janeiro aos 31 de Agosto de 1821. Foram seus paes o chefe de esquadra Diogo Jorge de Brito e D. Joaquina de Sancta Rita Brito. Destinado a seguir a vida maritima, assentou praça muito cedo, recebendo o posto de guarda-marinha com septe annos de edade, a 28 de Junho de 1828.

Por aviso de 30 de Março de 1835 foi mandado matricular na academia de marinha, não obstante não ter ainda a edade exigida por lei, e tendo completado o seu curso, foi promovido ao posto de 2º tenente por decreto de 18 de Julho de 1841.

1º tenente aos 14 de Março de 1849, esteve a bordo de diversos navios de guerra, sendo ainda promovido por decreto de 2 de Dezembro de 1856 a capitão-tenente, e pelo de 10 de Dezembro de 1864 a capitão de fragata.

Quando partira para o Sul com a esquadra a coadjuvar o nosso exercito de operações contra a republica do Uruguay, além do subido posto que occu-

pava, ornavam-lhe o peito os habitos da Rosa e de Christo por serviços que tinha prestado. Tendo-se distinguido assaz nessa campanha, e mais ainda pelo brilhante feito de Riachuelo, foi elle elevado ao posto de capitão de mar e guerra, cabendo-lhe a gloria de se ver mencionado com tanto louvor pelo illustre barão do Amazonas.

Modesto sem hypocrisia, Theotonio Raymundo de Brito tem deixado a outros avaliar das suas acções, apreciar os seus serviços. E' sem duvida essa uma qualidade que o torna muito recommendavel, e que muito o distingue.

Continuando ainda na esquadra, que estaciona no Paraguay, elle terá sem duvida de prestar relevantissimos serviços, como já tem feito; e todos os nossos votos são que a Providencia, velando sobre seus dias, permitta-lhe concluir a missão em que tantos brasileiros illustres se teem empenhado.

A causa da justiça é sempre uma causa nobre e sancta.

POSTFACTO.

Nos tempos que correm não póde a voz de uma nacionalidade, e menos a voz do escriptor, reproduzir o feito de Josué e ordenar ao sol que estaque na carreira para allumiar a terminação da batalha.

Não podemós mandar que a guerra suste o seu caminhar para que a sigamos dia a dia.

Tomamos a passagem do Passo da Patria, o 16 de Abril deste anno como limite deste volume; teem, no entanto, os successos da campanha seguido a sua marcha com tal ou qual prejuizo do presente trabalho.

Juncto a esta falta involuntaria e irremediavel, a escassez de melhores e mais promptos dados augmenta a deficiencia do nosso empenho.

Resta-nos, porém, o consolo de que nos esforçámos por appresentar um trabalho tão completo quanto nos foi possivel.

Além de alguns heroicos soldados da primeira

campanha, da do Uruguay, outros não sómenos da campanha actual ficam por ora de parte, máu grado nosso.

Os nomes de Antonio Manoel de Mello, de Antonio de Sampaio, do general Netto, de Francisco Pinheiro Guimarães, do tenente coronel Galvão, do major Mallet, de Pedro Affonso e tantos outros, soldados de Riachuelo, Estero Bellaco ou Tuyuty, e, em todo caso, gloriosos soldados da patria brasileira, não veem por ora illuminar as paginas do nosso livro.

Com a publicação de outro volume suppriremos as lacunas do presente.

Desde já appellamos para todos os brasileiros amantes da gloria do nosso paiz, para que com presteza nos venham em auxilio com os dados precisos para as posteriores biographias.

As noticias, porém, chegadas á ultima hora annunciam-nos a retirada do marechal Ozorio, do actual barão do Herval, do commando do mais numeroso corpo do nosso exercito.

Parece assim terminado o seu papel nesta campanha.

Tivemos a felicidade de receber agora esclarecimentos biographicos do heróe de 2 e 24 de Maio do corrente anno.

Vão por isso em seguida.

Manoel Luiz Ozorio, filho legitimo do tenente coronel Manoel Luiz da Silva Borges e D. Anna Joaquina de Sousa Ozorio, ambos naturaes da provincia de Sancta Catharina, nasceu na freguezia de Sancto Antonio da Patrulha, no Rio Grande do Sul, a 10 de Maio de 1808.

Em verdes annos, dotado de um espirito varonil e penetração e actividade extraordinarias, accompanhou seu pae nas guerras em que, de 1815 a 1822, se viu o Brasil empenhado contra os nossos visinhos do Prata.

Educado nos accampamentos, sentado ainda nos joelhos de seu illustre progenitor, uma parte da legislação militar foi a sua carta de nomes: aprendeu a solettrar nos preceitos da disciplina.

Muitas vezes no campo, entre o labor de duas marchas, ou na vespera de um combate, era a creança chamada a repetir deante dos velhos soldados os artigos de guerra e outras disposições das ordenanças militares.

Que indizivel contraste não era esse enunciar de leis rigorosas por labios infantís!

Que decidida influencia não devêra isso produzir nesse animo que se formava!

Dir-se-hia o leite da loba ou da cadella que amamentava o futuro Romulo ou Cyro.

Com 15 annos incompletos alistou-se definitivamente no 1.º de Maio de 1823 nas fileiras do exercito.

Promovido a alferes logo no 1.º de Dezembro de 1824, firmou com um rasgo de valor os seus honrosos precedentes.

Na batalha de Sarandy retirava o general Bento Manoel Ribeiro: apoz uma porfiada resistencia, viu o guerrilheiro cahir o seu cavallo e já se dispunha a vender chara a vida, quando um joven official, reunindo valerosamente algumas praças dispersas e formando com ellas uma formidavel guerrilha, en-

treteve o inimigo e sustentou com arrojo vigorosos ataques, até cobrir a retirada do chefe.

Esse moço era o alferes Ozorio: ganhava as suas esporas e ia dentro em breve ser armado cavalleiro.

Quando dahi a pouco se reunia á força de Bento Manoel, ouvia, ao approximar-se, estas palavras do grande cabo de guerra.

— Vem salvo o alferes Ozorio? Si ahi vem, hei de deixar-lhe a minha lança, quando eu morrer, porque elle a levará onde eu a levo.

A 12 de Outubro de 1827 subiu ao posto de tenente.

Commandando nas nossas fronteiras do Uruguay um destacamento de 20 ou 30 praças, não pôde impassivel assistir ás depredações e assassinatos, que as proprias autoridades policiaes do estado vizinho commettiam impunemente contra as propriedades e pessoas dos brasileiros ahi residentes, e bateu uma numerosa partida de orientaes que atacavam cidadãos indefezos.

Como consequencia deste facto, pelos protestos e intrigas diplomaticas, que sobrevieram, teve de permanecer 11 annos nesse posto, alcançando o de capitão sómente a 20 de Agosto de 1838.

Major a 27 de Maio de 1842 com a antiguidade de 18 de Julho de 1841 e tenente coronel a 23 de Julho de 1844, cobriu-se de gloria nos campos de Moron e por actos de bravura obteve o posto de coronel a 3 de Março de 1852.

Elevado á graduação de brigadeiro a 2 de Dezembro de 1856, foi confirmado neste posto a 15 de Junho de 1859, e em 1865 lhe foi conferido o posto de marechal de campo.

Antes de receber da munificencia do Imperador o titulo de barão do Herval com as honras de grandeza, além de varias medalhas de campanha, tinha já a dignitaria da imperial ordem do Cruzeiro e as commendas das ordens da Rosa e de Aviz.

Por decreto de 28 de Julho deste anno foi condecorado com a grã-cruz da ordem de Christo, em remuneração dos serviços prestados nas jornadas de Estero Bellaco e Tuyuty.

O herdeiro de Bento Manoel acaba de retirar-se do campo dos combates.

Por que sahe elle ?

Será que visse empallidecer a estrella do Imperio, e, quebrando a sua lança, affasta-se esmorecido porque desesperou da victoria ?

Não.

O barão do Herval retira-se da lide para dar testemunho da sublime verdade constitucional.

Entre os povos livres, na defensão de uma causa civilisadora, um simples cidadão póde tornar-se um cabo de guerra.

Na America, republicana ou imperial, a um Mac-Clelan succede um Grant.

Hoje os generaes podem ter amanhecido simples soldados e já á noite repousar sobre os louros do explendido triumpho que souberam conquistar.

Nos nossos dias a luz vem de todos para tudo. Basta a justiça da causa, basta que possamos fazer repetir pela bocca do nosso monarcha estas palavras de Leopoldo I proferidas em Julho de 1856 :

« Temos um dever a cumprir : proseguir e completar a obra da nossa joven e brilhante civilisação. »

E as expressões do primeiro dos reis constitucionaes, passando pelos labios ungidos do primeiro cidadão, serão o mote da nossa victoria.

Não importa quem, mas dentre os filhos do Brasil algum surgirá que o guie á desaffronta.

Já agora a lança de Bento Manoel não torna a passar as fronteiras do Imperio sem trazer como despojos opimos o estandarte abatido do despotismo na America.

INDICE.

Este volume foi escripto por Salvador de Mendonça, Cicero Pontes, Victor Dias e Pe Guedes Vaz, da fórma seguinte:

Prefacio	Salv.	I
O Senhor D. Pedro Segundo	"	1
Suas Altezas os Principes	Pe Gue.	17
Visconde de Tamandaré	Salv.	21
Barão do Herval	"	37
Barão do Amazonas	"	49
Antonio Carlos de Mariz e Barros	"	59
Antonio Joaquim Rodrigues Torres	"	77
Antonio Tiburcio Ferreira de Souza	Cicero	89
Bonifacio Joaquim de Sanct'Anna	"	97
Francisco Antonio de Vassimon	Salv.	105
Francisco José de Lima Barros	Victor	117
Francisco Maria dos Guimarães Peixoto	Pe Gue.	125
Henrique Francisco Martins	Cicero	135
Jacob José dos Sanctos	Salv.	143
Jeronymo Francisco Gonçalves	Victor	159
João Carlos de Villagran Cabrita	"	167
João Guilherme Greenhalgh	Cicero	175
José Ignacio da Silveira	Salv.	183
Luiz Fernandes de Sampaio	Victor	195
Marcilio Dias	Salv.	203
Theotonio Raymundo de Brito	Cicero	215
Postfacto	Salv.	223

ERRATAS.

Pag.		*Linha.*		*Onde se lê.*		*Léa-se.*
II	—	1	—	Tulherias	—	Versailles
24	—	31	—	ma	—	mal
36	—	3	—	proferida antes, o Imperador	—	proferidas ante o Imperador
48	—	7	—	15 de Janeiro	—	16 de Abril
116	—	9	—	Paço	—	Passo
119	—	4	—	nove	—	oito
170	—	17	—	encorajando-os	—	incitando-os
172	—	18	—	vimos	—	acabamos
187	—	15	—	*Galeguay*	—	*Gualeguay*

LIBRARY
MAY 7 1980
UNIVERSITY OF TORONTO

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
FC
0036392

835-398

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 13 12 07 030 7